



Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Presidente** . Professor Catedrático João Sousa Morais  
**Arguente** . Professor Doutor Jorge Boeri  
**Orientação Científica** . Professor Doutor Paulo Pereira Almeida  
 . Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

Lisboa, dezembro . 2018





# TURISMO DE E PARA SUSTENTO

O CASO DA BAÍA DE ANA CHAVES

**Inês Valério Fonseca**  
(licenciada)

Projeto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

**Júri|**  
Presidente . Professor Catedrático João Sousa Morais  
Arguente . Professor Doutor Jorge Boeri  
Orientação Científica . Professor Doutor Paulo Pereira Almeida  
. Professora Doutora Joana Bastos Malheiro

Lisboa, dezembro . 2018





*Leve, leve...*

## RESUMO .

Local onde a Arquitetura colonial se cruza com a vernacular e surgem aliadas às paisagens edénicas, quase intocadas, como cenário do quotidiano da população. Estamos em Africa, na cidade de São Tomé, onde apesar do seu estatuto de capital a carência de infraestruturas vs o crescimento exponencial da população, levaram a uma progressiva decadência socioeconómica, patente nas ruas da cidade. Falamos de uma comunidade que, podemos afirmar, que vive na e da rua: há uma cozinha que se estende para a rua; há um sustento da família que é obtido na rua; há uma cadeira que se traz para a rua; há um convívio que é feito na rua. Apesar deste aspeto que tanto caracteriza o povo santomense os espaços públicos são locais bastante degradados e pouco ou nada qualificados.

Assim este Projeto Final de Mestrado passa por reestruturar um espaço que há vários anos poderia ser classificado como qualificado, mas que nos dias que correm se encontra num avançado estado de degradação: o Parque Popular. Espaço bastante ligado à memória coletiva e identidade da cidade e que assim, se pretende que mantenha, com base num programa que visa estabelecer uma nova centralidade na cidade.

O turismo é apontado por muitos como meio gerador de riqueza para países em desenvolvimento com características semelhantes às do arquipélago santomense. A par com premissas de sustentabilidade ambiental e ecológica, mas principalmente assente na sociocultural sem esquecer as suas gentes, acaba por gerar vantagens tanto para a comunidade visitante como, essencialmente, à visitada.

## . TÍTULO

Turismo De e Para Sustento

## . SUB-TÍTULO

O caso da Baía de Ana Chaves

. DISCENTE Inês Valério Fonseca  
. ORIENTADORES Paulo Pereira Almeida  
Joana Bastos Malheiro

Mestrado Integrado em Arquitetura  
Faculdade de Arquitetura . Universidade de Lisboa

Lisboa, dezembro 2018

## . PALAVRAS-CHAVE

São Tomé & Príncipe

Baía Ana Chaves

Turismo

Arquitetura tropical

Madeira

## . TITLE

Tourism From and To Sustenance

## . SUB-TITLE

The case of Ana Chaves Bay

. STUDENT Inês Valério Fonseca

. ADVISORS Paulo Pereira Almeida  
Joana Bastos Malheiro

Master Degree in Architecture  
Lisbon School of Architecture . University of  
Lisbon

Lisbon, December 2018

## . KEY-WORDS

São Tomé & Príncipe

Ana Chaves Bay

Tourism

Tropical Architecture

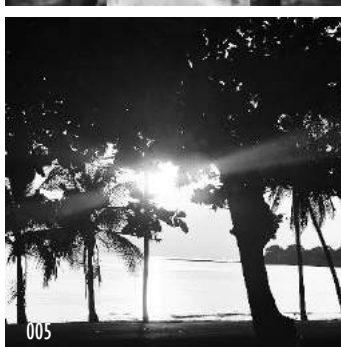
Wood

## . ABSTRACT

Place where colonial and vernacular architecture intersect and become, allied to the paradisiac landscapes, a scenery to the population's everyday life. We are in Africa, city of São Tomé, where despite its status as a capital, infrastructure shortness in conjunction with the exponential growth of population, result in a progressive socioeconomical decay, overt in the city's streets. We're talking about a community which can be described as living off and in the streets: there are kitchens extending into the street, sustenance acquired in the street, a chair that is brought outside, socializing is done in the street. Despite this defining characteristic of São Tomé's people, public spaces are deeply degraded and not qualified at all.

Thus, this Master's Final Project aims to restructure an area which could have been considered a qualified space several years ago, but nowadays it's in an advanced state of degeneration: Parque Popular. This space is closely connected to the city's collective memory and identity, and as such, it is intended to act as a base to a program that focuses on establishing a new hub in the city.

Tourism is regarded by many as a mean to generate revenue in developing countries like the São Tomé and Príncipe archipelago. In tandem with premises of environmental sustainability, though mainly focused on sociocultural aspects, without losing sight of the population, we end up generating advantages to the visiting community as well as, essentially, the community being visited.



## . AGRADECIMENTOS

Obrigada,

Obrigada, àqueles que um dia deixaram a sua terra para percorrer pelos próprios pés dois meses ou apenas semanas dessas estradas pela Europa.

Obrigada, aos seus descendentes pela força e apoio de sempre.

Muito obrigada, Mãe.

Muito obrigada, Pai.

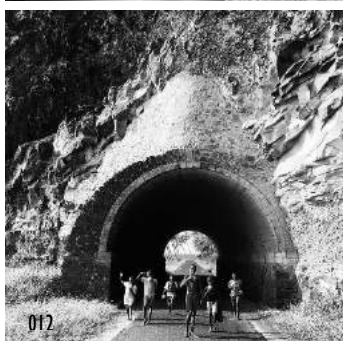
Obrigada, Pedro.

Obrigada, a todos os que se foram juntando a este caminho.

Obrigada, Professora Joana pela motivação, disponibilidade e ensinamentos.

Obrigada, Professor Paulo por todas as baralhações.

Obrigada.





# ÍNDICE .

INTRODUÇÃO .....	1
------------------	---

ESTADO DA ARTE .....	5
----------------------	---

## I | O TERRITÓRIO . São Tomé & Príncipe

1. Contexto Histórico.....	14
2. Evolução Urbana e Arquitetónica .....	20
a. A Cidade .....	21
b. O Habitar .....	42
3. São Tomé Hoje .....	50

## II | O LUGAR . Baía Ana Chaves

1. Levantamento .....	56
2. Vivências: Cultura vs. Espaços Públicos .....	62
3. Geografia Física e Humana .....	66

## III | O TURISMO

1. O turismo em São Tomé .....	76
2. O turismo como desenvolvimento sustentável .....	80



## IV | CASOS DE ESTUDO

1. Reurbanização Costeira do Lago Paprocany . RS+ .....	86
2. Walumba Elders Center . Iredale Pedersen Hook .....	88
3. Mirante do Gavião . Atelier O'Reilly .....	90
4. Altis Belém . Risco .....	92

## V | O PROJETO

1. O Programa .....	98
2. O Urbano .....	100
3. O Edificado .....	112

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	135
----------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA .....	137
--------------------	-----

ANEXOS .....	142
--------------	-----



## . ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 001   SEM TÍTULO	. pII
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 002   SEM TÍTULO	. pVI
fonte . <i>Instagram: _lady_blue_</i>	
FIGURA 003   SEM TÍTULO	. pVI
fonte . <i>Instagram: brunomlalves</i>	
FIGURA 004   SEM TÍTULO	. pVI
fonte . <i>Instagram: world_travel_capture</i>	
FIGURA 005   SEM TÍTULO	. pVI
fonte . <i>Instagram: frederico.espana</i>	
FIGURA 006   SEM TÍTULO	. pVI
fonte . <i>Instagram: tomasfonseca</i>	
FIGURA 007   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: cpbarros</i>	
FIGURA 008   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: travelwithpops</i>	
FIGURA 009   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: elisalouk</i>	
FIGURA 010   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 011   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: adnaventureiro</i>	
FIGURA 012   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: moniquemoniquices</i>	
FIGURA 013   SEM TÍTULO	. pVIII
fonte . <i>Instagram: pmadpinto</i>	
FIGURA 014   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: _lady_blue_</i>	
FIGURA 015   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: vidapelamissao</i>	
FIGURA 016   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 017   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: pedromiguelramalho</i>	
FIGURA 018   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: pedromiguelramalho</i>	
FIGURA 019   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: nurycarpinteiro</i>	
FIGURA 020   SEM TÍTULO	. pIX
fonte . <i>Instagram: popody</i>	

FIGURA 021   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: popody</i>	
FIGURA 022   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: dabneyrobison</i>	
FIGURA 023   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: pied2poulet</i>	
FIGURA 024   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 025   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 026   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: capulanawithlove</i>	
FIGURA 027   SEM TÍTULO	. pXII
fonte . <i>Instagram: shaqdeva</i>	
FIGURA 028   SEM TÍTULO	. pXX
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 029   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 030   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Inês Martins	
FIGURA 031   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Inês Martins	
FIGURA 032   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Inês Martins	
FIGURA 033   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 034   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 035   SEM TÍTULO	. p9
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 036   SEM TÍTULO	. p10
fonte . Inês Martins	
FIGURA 037   LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SÃO TOMÉ	. p12
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 038   SEM TÍTULO	. p14
fonte . <i>Instagram: ashlitanicole</i>	
FIGURA 039   DE SÃO TOMÉ PARA O PRÍNCIPE	. p18
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 040   ROÇAS NA ILHA DE SÃO TOMÉ	. p19
fonte . Inês Martins	

<b>FIGURA 041   SEM TÍTULO</b>	. p20
fonte . <i>Instagram: _joao.rufino</i>	
<b>FIGURA 042   CAPITANIA DE ALVARO CAMINHA 1493-1499</b>	. p22
fonte . elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 043   DE ÁGUA AMBÓ PARA SÃO TOMÉ</b>	. p23
fonte . elaborado pela autora	
<b>FIGURA 044   CROQUI DA ILHA DE SÃO TOMÉ . 1495</b>	. p23
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 045   PERFIL ILHA DE SÃO TOMÉ . DO PICO À CAPITAL</b>	. p24
fonte . elaborado pela autora	
<b>FIGURA 046   CAPITANIA DE FERNÃO MELO . 1499-1522</b>	. p26
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 047   CROQUI DE CARTAS DE NAVEGAÇÃO . 1507</b>	. p27
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 048   CAPITANIA SEM DOAÇÃO . 1522-1580.</b>	p28
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 049   EXPANSÃO COM BASE EM ELEMENTOS RELIGIOSOS</b>	. p29
fonte . elaborado pela autora	
<b>FIGURA 050   DO APOGEU DO CICLO DO AÇUCAR À OCUPAÇÃO HOLANDESA 1580-1650</b>	. p30
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 051   ILHA DE SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE POR BERTIUS PETRUS . 1602</b>	. p31
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 052   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1647</b>	. p31
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 053   CICLO DO COMÉRCIO DOS ESCRAVOS . 1650-1753</b>	. p32
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 054   BAÍA ANA CHAVES . 1664</b>	. p33
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	

<b>FIGURA 055   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1665</b>	. p33
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 056   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1703</b>	. p33
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 057   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1709</b>	. p33
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 058   CICLO DO CAFÉ E DO CACAU . 1852-1950</b>	. p34
fonte . elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 059   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1788</b>	. p35
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 060   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1884</b>	. p35
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 061   CIDADE DE SÃO TOMÉ . 1889</b>	. p35
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 062   CAMINHOS-DE-FERRO NO DISTRITO DE ÁGUA GRANDE</b>	. p36
fonte . <i>Facebook: As coisas mais belas de São Tomé e Príncipe</i>	
<b>FIGURA 063   POSTAL FOTOGRÁFICO COM VISTA PARCIAL DA CAPITAL DE SÃO TOMÉ</b>	. p37
fonte . <i>Casa comum</i>	
<b>FIGURA 064   POSTAL FOTOGRÁFICO COM REGISTO HABITAÇÃO COLONIAL EM SÃO TOMÉ</b>	. p37
fonte . <i>Casa comum</i>	
<b>FIGURA 065   POSTAL FOTOGRÁFICO COM REGISTO DO CANAL DO RIO GRANDE EM SÃO TOMÉ</b>	. p37
fonte . <i>Casa comum</i>	
<b>FIGURA 066   DO INÍCIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS 70</b>	. p38
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 067   PLANO DE JOÃO AGUIAR PARA A CIDADE DE SÃO TOMÉ</b>	. p39
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 068   PLANO DE MÁRIO OLIVEIRA PARA A CIDADE DE SÃO TOMÉ</b>	. p39
fonte . <i>www.atlas.saotomeprincipe.eu</i>	
<b>FIGURA 069   DA PÓS INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE</b>	. p40
fonte . Esquema elaborado pela autora com base em MORAIS, João e MALHEIRO, Joana in <i>São Tomé e Príncipe: as cidades, património arquitetónico</i> . 2013	
<b>FIGURA 070   SEM TÍTULO</b>	. p42
fonte . <i>Instagram: vhsintra</i>	

FIGURA 071   FORMAL	. p44
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 072   INFORMAL	. p44
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 073   INFORMAL vs FORMAL	. p44
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 074   SEM TÍTULO	. p45
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 075   SEM TÍTULO	. p45
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 076   SEM TÍTULO	. p45
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 077   SEM TÍTULO	. p46
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 078   SEM TÍTULO	. p46
fonte . VALE, Maria, Construir em São Tomé . 2013	
FIGURA 079   SEM TÍTULO	. p46
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 080   SEM TÍTULO	. p46
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 081   SEM TÍTULO	. p47
fonte . Inês Martins	
FIGURA 082   SEM TÍTULO	. p47
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 083   SEM TÍTULO	. p47
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 084   SEM TÍTULO	. p49
fonte . Inês Martins	
FIGURA 085   SEM TÍTULO	. p49
fonte . Inês Martins	
FIGURA 086   SEM TÍTULO	. p49
fonte . Inês Martins	
FIGURA 087   SEM TÍTULO	. p49
fonte . Inês Martins	
FIGURA 088   SEM TÍTULO	. p49
fonte . Inês Martins	
FIGURA 089   SEM TÍTULO	. p50
fonte . <i>Instagram: murrs438</i>	
FIGURA 090   LOCALIZAÇÃO ROÇA SÃO JOÃO DOS ANGOLARES	. p51
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 091   SEM TÍTULO	. p53
fonte . elaborado pela autora	

FIGURA 092   SEM TÍTULO	. p54
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 093   SEM TÍTULO	. p56
fonte . <i>Instagram: ashlitanicole</i>	
FIGURA 094   SEM TÍTULO	. p57
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 095   SEM TÍTULO	. p57
fonte . Inês Martins	
FIGURA 096   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 097   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 098   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 099   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 100   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 101   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 102   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 103   SEM TÍTULO	. p59
fonte . Inês Martins	
FIGURA 104   LEVANTAMENTO CIDADE SÃO TOMÉ	. p60
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 105   SEM TÍTULO	. p62
fonte . <i>Instagram: marianagorjaohenriques</i>	
FIGURA 106   SEM TÍTULO	. p63
fonte . Inês Martins	
FIGURA 107   SEM TÍTULO	. p63
fonte . <i>Instagram: mestrandre</i>	
FIGURA 108   SEM TÍTULO	. p64
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 109   SEM TÍTULO	. p64
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 110   ESPAÇO PÚBLICO	. p65
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 111   SEM TÍTULO	. p65
fonte . <i>Google earth</i>	
FIGURA 112   SEM TÍTULO	. p66
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	

FIGURA 113   SEM TÍTULO	. p67
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 114   SEM TÍTULO	. p68
fonte . Google earth	
FIGURA 115   BAIRROS	. p68
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 116   VEGETAÇÃO	. p69
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 117   SEM TÍTULO	. p70
fonte . Inês Martins	
FIGURA 118   TURISMO 2016 vs 2017	. p72
fonte . OMT	
FIGURA 119   SEM TÍTULO	. p75
fonte . Booking	
FIGURA 120   SEM TÍTULO	. p75
fonte . Booking	
FIGURA 121   SEM TÍTULO	. p76
fonte . Instagram: pedromiguelramalho	
FIGURA 122   DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES HOTELEIRAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	. p78
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 123   OFERTA TURISTICA NA CIDADE DE SÃO TOMÉ	. p79
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 124   SEM TÍTULO	. p80
fonte . Instagram: everydaysaotome	
FIGURA 125   BAÍA ANA CHAVES	. p82
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 126   SEM TÍTULO	. p84
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 127   SEM TÍTULO	. p86
fonte . archdaily	
FIGURA 128   SEM TÍTULO	. p86
fonte . archdaily	
FIGURA 129   SEM TÍTULO	. p86
fonte . archdaily	
FIGURA 130   SEM TÍTULO	. p86
fonte . archdaily	
FIGURA 131   SEM TÍTULO	. p86
fonte . archdaily	
FIGURA 132   SEM TÍTULO	. p88
fonte . archdaily	
FIGURA 133   SEM TÍTULO	. p88
fonte . archdaily	

FIGURA 134   SEM TÍTULO	. p88
fonte . archdaily	
FIGURA 135   SEM TÍTULO	. p88
fonte . archdaily	
FIGURA 136   SEM TÍTULO	. p88
fonte . archdaily	
FIGURA 137   SEM TÍTULO	. p90
fonte . archdaily	
FIGURA 138   SEM TÍTULO	. p90
fonte . archdaily	
FIGURA 139   SEM TÍTULO	. p90
fonte . archdaily	
FIGURA 140   SEM TÍTULO	. p90
fonte . archdaily	
FIGURA 141   SEM TÍTULO	. p90
fonte . archdaily	
FIGURA 142   SEM TÍTULO	. p92
fonte . archdaily	
FIGURA 143   SEM TÍTULO	. p92
fonte . archdaily	
FIGURA 144   SEM TÍTULO	. p92
fonte . archdaily	
FIGURA 145   SEM TÍTULO	. p92
fonte . archdaily	
FIGURA 146   SEM TÍTULO	. p92
fonte . archdaily	
FIGURA 147   SEM TÍTULO	. p94
fonte . Inês Martins	
FIGURA 148   SEM TÍTULO	. p96
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 149   LOCALIZAÇÃO	. p98
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 150   SEM TÍTULO	. p99
fonte . Google earth	
FIGURA 151   SEM TÍTULO	. p100
fonte . Inês Martins	
FIGURA 152   EDIFICADO A MANTER	. p101
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 153   IGREJA DO BOM DESPACHO	. p101
fonte . www.viagemastomeeprincipe.blogspot.com	
FIGURA 154   IGREJA DO BOM SUCESSO	. p101
fonte . Inês Martins	

FIGURA 155   CASAS COLONIAIS	. p101
fonte . Inês Martins	
FIGURA 156   EDIFÍCIO HABITACIONAL	. p101
fonte . Inês Martins	
FIGURA 157   PLANTA TERREA. ZONA EDUCAÇÃO	. p102
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 158   FRONTEIRAS	. p103
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 159   ESTRATÉGIA	. p103
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 160   SEM TÍTULO	. p103
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 161   SEM TÍTULO	. p103
fonte . Inês Martins	
FIGURA 162   SEM TÍTULO	. p103
fonte . Inês Martins	
FIGURA 163   PLANTA TERREA . ZONA HABITACIONAL/COMÉRCIO	. p104
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 164   PERFIL . ZONA HABITACIONAL/COMÉRCIO	. p105
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 165   PLANTA TERREA . ZONA LAZER	. p106
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 166   PERFIL . ZONA LAZER	. p107
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 167   PLANTA TERREA . ZONA TURISMO	. p108
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 168   SISTEMA EVOLUTIVO	. p110
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 169   PROPOSTA PLANO URBANO	. p111
fonte . Professora Joana Malheiro	
FIGURA 170   SEM TÍTULO	. p112
fonte . Inês Martins	
FIGURA 171   LOCALIZAÇÃO	. p114
fonte . Google earth	
FIGURA 172   PLANTA EDIFÍCIO vs RUA	. p115
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 173   ORGANIGRAMA	. p116
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 174   PERFIL EDIFÍCIO vs RUA	. p118
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 175   ESQUEMA PROGRAMÁTICO	. p119
fonte . elaborado pela autora	

FIGURA 176   PLANTA PISO TERREO .ACESSOS	. p120
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 177   PORMENOR INFLEXÕES	. p121
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 178   PLANTA PISO TERREO . ZONA EVENTOS vs RESTAURANTE . P.A. vs CAFETARIA	. p122
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 179   PLANTA PISO 2	. p124
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 180   PORMENOR INFLEXÕES FOGOS	. p125
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 181   PLANTA PISO 3 . ACESSO GALERIA	. p126
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 182   PERFIL . ACESSO GALERIA	. p127
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 183   PLANTA PISO 4	. p128
fonte . elaborado pela autora	
FIGURA 184   ZONAS TÉCNICAS	. p130
fonte . archdaily	
FIGURA 185   PLANTA PISO TERREO . SPA	. p132
fonte . archdaily	
FIGURA 186   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: travelwithpop	
FIGURA 187   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: xoteishabb	
FIGURA 188   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: vhsintra	
FIGURA 189   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: vhsintra	
FIGURA 190   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: romaindelecotais	
FIGURA 191   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: zezinhuuuu	
FIGURA 192   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: everydaysaotome	
FIGURA 193   SEM TÍTULO	. p134
fonte . Instagram: maique	
FIGURA 194   SEM TÍTULO	. p136
fonte . Instagram: popody	
FIGURA 195   SEM TÍTULO	. p136
fonte . Instagram: vhsintra	
FIGURA 196   SEM TÍTULO	. p136
fonte . Instagram: joanafnpiteira	

FIGURA 197   SEM TÍTULO	. p136
fonte . <i>Instagram: dafinagood</i>	
FIGURA 198   SEM TÍTULO	. p136
fonte . <i>Instagram: moniquemoniquices</i>	
FIGURA 199   SEM TÍTULO	. p136
fonte . <i>Instagram: andre.silva.pereira</i>	
FIGURA 200   SEM TÍTULO	. p136
fonte . <i>Instagram: moniquemoniquices</i>	
FIGURA 201   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: andre.silva.pereira</i>	
FIGURA 202   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 203   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: tomasfonseca</i>	
FIGURA 204   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: pmadpinto</i>	
FIGURA 205   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: popody</i>	
FIGURA 206   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: shaqdeva</i>	
FIGURA 207   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: travelwhitpop</i>	
FIGURA 208   SEM TÍTULO	. p140
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 209   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: federico.espana</i>	
FIGURA 210   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: _lady_blue_</i>	
FIGURA 211   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: popody</i>	
FIGURA 212   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: everydaysaotome</i>	
FIGURA 213   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: pedromiguelramalho</i>	
FIGURA 214   SEM TÍTULO	. p141
fonte . <i>Instagram: elisalouk</i>	







## INTRODUÇÃO .

São Tomé & Príncipe é um pequeno país insular a 300km da costa do continente africano, cheio de riqueza cultural e paisagística. Considerado um destino exótico e paradisíaco e, como tal, representa uma parte importante no que diz respeito ao turismo mundial. Este conjunto de ilhas faz parte de um grupo intitulado PEID, Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento, em conjunto com países como a República Dominicana, Trindade e Tobago ou a Nova Guiné. Insularidade remete-nos para o isolamento de uma ilha, mas, neste caso, não é apenas considerado esse fator para pertencer a este grupo de países. Outros fatores passam pelo tamanho e são muitas vezes caracterizados como locais paradisíacos, mas que ainda procuram o seu desenvolvimento.

Após a Segunda Guerra Mundial, vários países uniram-se com o intuito de ajudar os países em desenvolvimento, sendo o apoio económico visto como o grande objetivo, e consequentemente levar ao progresso do mesmo. Com o desenvolvimento mundial e com o decorrer dos anos, ideias sustentáveis começaram a surgir e a ser vistas como pontos a seguir. Com isso pretende-se dizer que não podemos pensar num desenvolvimento de um país apenas no momento do apoio, mas também no impacto nas gerações seguintes. Só assim essa ajuda irá realmente favorecer o desenvolvimento destes territórios, neste caso, da ilha. De todas as teorias concebidas, a dada como certa para a existência de um desenvolvimento sustentável, é a que propõe a utilização do turismo como meio para chegar a um fim pretendido, ou seja, o desenvolvimento dos PEID's<sup>1</sup>. Sendo o turismo visto como um fator de fácil aplicação devido ao que a ilha já tem para oferecer, como atração turística natural. Falamos da cultura arquitetónica assente no colonismo, vivida em tempos no arquipélago, bem como dos valores histórico e patrimonial e a evidente forma de estar na vida dos locais.

<sup>1</sup> Organização Mundial de Turismo,  
agência as Nações Unidas, 2014

O turismo acaba por gerar um desenvolvimento não só económico, mas sobretudo social e ambiental. O desenvolvimento sustentável acredita-se ser o caminho pois estes países além de procurarem um desenvolvimento rápido, têm os fatores isolamento e escassez de recursos do seu lado.

Assim, este Projeto Final de Mestrado, assenta em valores como a identidade, memória e sustentabilidade aliando-as ao turismo que tende a crescer de ano para ano. Espaços qualificados, bem como oportunidades, quer de ensino, quer de emprego, tornam-se necessários para que tanto o visitado como o visitante acabem por usufruir, cada um da sua forma, de um melhoramento da experiência vivida na cidade de São Tomé. Para os primeiros a longo prazo, enquanto que os segundos procuram esse usufruto no espaço de poucos dias. Constrói-se então um programa com base no desenvolvimento turístico, procurando não deixar a *memória coletiva* para trás possibilitando, assim, um multifuncionalíssimo do uso espacial, dentro não só das dinâmicas pré-existentes, mas também dando espaço ao emergir de novas.

Tendo em conta o referido, a proposta acaba por ter como alicerces, premissas como:

- . Propor um novo espaço central na cidade, com base numa nova infraestrutura urbana, através não só da diversidade programática bem como funcional, atraindo assim a população pelo cariz multifuncional.

- . Ligar esta nova centralidade ao plano de água e por consequente à cidade que se desenvolve em torno deste e aos vários aglomerados populacionais espalhados pela costa da ilha.

- . Reestruturar e qualificar uma área ligada ao lazer e cultura santomenses sem que o peso da identidade já pré-existente se perca. Estando esta não só ligada ao espaço, mas consequentemente à população que dela usufrui, sendo este o fator diferenciador entre comunidades e que deve seguir a linhagem das necessidades e valores dos locais.

. Desenvolver um programa, à escala do equipamento, turístico sustentado por uma integração e interligação clara da comunidade e recursos locais. Assim, pretende-se estimular o contacto direto entre os dois grandes grupos provenientes da matéria turismo: os visitantes e os visitados.

O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos, sendo quatro deles ligados à componente teórica e um último dedicado à componente projetual.

Em *O Território*, primeiro capítulo, pretende-se estudar a evolução urbana desde o primeiro assentamento dos portugueses até aos dias que correm e entender a morfologia urbana presente na cidade de São Tomé assim como a evolução do habitar e vivências através deste. Ainda neste capítulo procura-se perceber o estado atual da cidade.

Percorrendo um caminho do geral para o particular, o segundo capítulo, *O Lugar*, recai sobre um estudo das características socioculturais, analisando o tipo de vivência entre a comunidade e a apropriação dos espaços que se encontram ao seu dispor, através de um levantamento de como os diferentes usos são distribuídos pela cidade assim como a geografia física e humana da mesma. Entendendo assim a *genesis* do, como o nome do capítulo indica, local.

Num capítulo mais dedicado à função do edificado, em *O Turismo*, procura-se perceber quais serão as vantagens e desvantagens numa aposta no mesmo para este tipo de comunidades. Tentando assim que ao nível projetual, sejam dinamizadas as vantagens bem como combater os pontos menos positivos que poderão surgir para a comunidade local, aliados a este tipo de atividade.

No quarto capítulo, *Casos de Estudo*, são apresentados exemplos tidos como referência. Estes abordam temáticas presentes na proposta de intervenção,

desde a sustentabilidade social, à funcionalidade do edifício, passando por outros conceitos tais como a materialidade, servindo estes de base para a iniciação do projeto, quer à escala do urbano, quer à escala do equipamento.

O quinto e último capítulo, *O Projeto*, tem por base os conceitos estudados ao longo do documento. Culminando numa proposta programática que vai da escala da cidade à escala do edificado, e onde os pressupostos da mesma são explorados, apresentando o processo às várias escalas abordadas.

## . ESTADO DA ARTE

*O património construído vernáculo ou tradicional suscita a afeição e o orgulho de todos os povos. Reconhecido como uma criação característica e genuína da sociedade, manifesta-se de forma aparentemente irregular, embora possua uma lógica própria. É utilitário e, ao mesmo tempo, interessante e belo. Reflete a vida contemporânea e é, simultaneamente, um testemunho da História da sociedade. Apesar de ser obra do Homem, é também uma criação do tempo. Conservar e promover estas harmonias tradicionais que constituem uma referência da existência humana é dignificar a memória da Humanidade. O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território e, ao mesmo tempo, a expressão da diversidade cultural do mundo.*

ICOMOS . 1999

Segundo Jorge Fernandes e Ricardo Mateus (2012) a Arquitectura Vernacular é vista como um tipo de construção do passado, levada a cabo pela situação económica de grande parte das famílias, resultando em soluções que permitissem uma racionalização dos recursos disponíveis. O que era visto como conforto dado por estas construções não vai ao encontro às condições que se pretendem obter nos dias de hoje, mas é notório que as estratégias adotadas no passado serviram de base para técnicas atuais. Para a construção dos edifícios eram utilizadas técnicas passivas, simples e engenhosas que permitissem o máximo de conforto, sem recorrer à tecnologia que temos agora ao nosso dispor. Em épocas passadas, desde que o Homem teve necessidade de se abrigar, construiu-se sem dominar o conceito de energia térmica, de leis termodinâmicas, etc. As decisões eram tomadas *por via sensorial e empírica*, chegando a uma solução contrabalançando as características geográficas, insolação, orientação, geometria, forma e materiais com o bem-estar físico. Foram necessários séculos de construção para que cada cultura encontrasse e/ou criasse a sua própria forma e processo, estilos e características, respondendo à sua localização geográfica e, por consequentemente, ao tipo de clima em que habitavam. Isto, levou a que as

construções se tornassem elementos caracterizadores desses locais tendo em conta as tecnologias e materiais disponíveis na época e zona.

*Encarar o património vernacular como um fator privilegiado de desenvolvimento local é o ponto de partida para a sua valorização e proteção. Este poderá ter um contributo para a dinamização das economias locais através da investigação, formação de profissionais nas técnicas tradicionais e pelas próprias ações de conservação ou adaptação do património vernacular existente. A disseminação e o sucesso destas ações poderão mesmo vir a fomentar o renascer das pequenas indústrias de materiais tradicionais locais, permitindo reduzir as necessidades de energia na produção e transporte destes.*

J. Fernandes; R. Mateus . 2012

Os mesmos, defendem que a Arquitectura Vernacular está cada vez mais a ter um papel importante no que toca a discussões sobre a identidade de um local e a *pertinência de se voltar a uma construção intrínseca ao lugar*. Estas utilizações, não só de materiais locais, como de técnicas passadas, podem ser vistas como técnicas de sustentabilidade melhorando a eficiência energética do edificado, pois tornam-se quase independentes de energias não renováveis. A sociedade evoluiu e com elas passou a utilizar-se recursos não renováveis. Chegando aos dias de hoje e apercebendo-se desta questão, vivemos atualmente uma promoção para o uso de técnicas que recaiam sobre o uso de recursos renováveis. Um regresso ao que era a Arquitectura Vernacular, estudá-la e compreender as suas técnicas, é uma das estratégias apontadas pelos autores, com a ideia que possam ser adotadas e desenvolvidas no futuro.

*Com a enorme expansão das técnicas construtivas, apos a II Guerra Mundial e com abundância de combustível barato, a tecnologia dos engenheiros foi suplantando uma serie de atribuições dos arquitetos, que pouco a pouco foram esquecidas. Assim, desconsiderou-se o conforto térmico do usuário, deixando essa tarefa ao engenheiro térmico. A iluminação natural foi ignorada e substituída pela artificial, calculada pelo engenheiro eletricista. As alterações do conforto acústico pela ação do entorno sobre o prédio, e a interação entre o edificio e o entorno, também foram esquecidas.*

Oscar Corbella, Simos Yannas . 2009



Em *Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos*, de Corbella e Yannas, pode ler-se que desde o início da nossa civilização o conforto e o consumo reduzido de energia eram preocupações tidas pelos arquitetos, mas a evolução tecnológica levou à existência dos problemas descritos na citação a cima referida e, conseqüentemente, levaram a um aumento exponencial do consumo de energia não existindo uma consciência para a poluição que era gerada por esse tipo de consumo.

Corbella e Yannas, defendem que a Arquitetura Sustentável é uma continuação mais natural da arquitetura bioclimática, visto que em ambos os casos é considerada a integração do edifício na totalidade do meio ambiente em que se encontra. Resumindo, a Arquitetura Sustentável, alegando a necessidade de haver um mundo com menos poluição para que as gerações futuras desfrutem dele, luta por um aumento da qualidade de vida/conforto do Homem não só no interior das construções, mas também na sua envolvente, tendo em conta vivências e clima locais, redução do consumo energético por parte de recursos não-renováveis, entre outros. As decisões tomadas pelo arquiteto para cada caso devem sempre defender um bom nível de conforto ambiental por via de meios naturais. Entende-se que uma pessoa está confortável quando pode usufruir de um momento, observando-o e sentindo-o, sem qualquer preocupação ou incomodo, ou seja, o conforto, em relação a um espaço, é adquirido quando o Ser que o habita *se sente em neutralidade* com o mesmo. O conforto físico, térmico, visual, acústico de um espaço e outros têm como fatores a temperatura, a humidade, a radiação solar, o tipo de atividade a ser executada e ainda o vestuário da pessoa.

Os espaços verdes são apontados nesta obra como zonas de grande influência para a construção de um projeto sustentável, podendo estes ter uma grande implicação no que diz respeito ao conforto térmico e visual de um projeto. Decisões urbanas podem levar a uma transformação de um microclima, e o clima de um local é determinante nas decisões tomadas posteriormente na intervenção arquitetónica, devendo o arquiteto trabalhar com todos os fatores presentes no

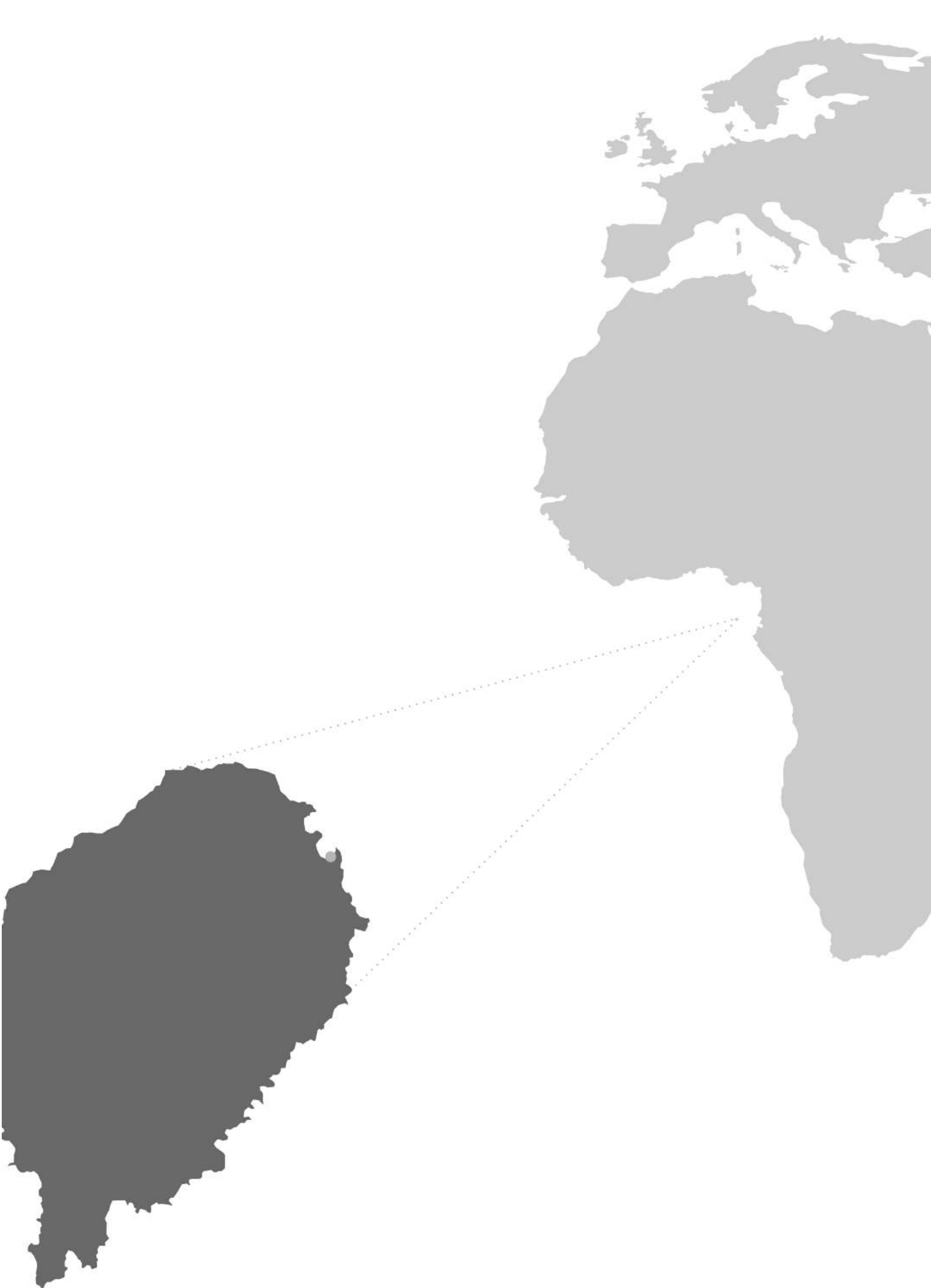
meio ambiente exterior.

Os autores apontam como estratégias para uma Arquitetura Sustentável a promoção da construção para um conforto físico mas também proporcionando um espaço agradável de vivência, adaptado ao clima local, minimizando ou até anulando o consumo energético por recursos não-renováveis, o controlo dos ganhos solares (minimizando a energia solar que entrará pelos vãos e também a energia solar absorvida pelas paredes exteriores, e colocando isolantes térmicos nas fachadas mais dispostas ao Sol), a dissipação da energia térmica do interior do edifício (promovendo níveis maiores de ventilação, combinando uma possível ventilação noturna com a inercia térmica do edifício), a remoção da humidade em excesso, a promoção do movimento e a renovação do ar, a promoção da utilização da iluminação natural (não havendo uma radiação direta), o uso do sol transformando-o em energia solar e o controlo do ruído (uso de elementos que dificultem a sua transmissão). Todos estes pontos assinalados passam por dar importância ao posicionamento do edifício tendo em conta o Sol, uma boa distribuição espaço-temporal segundo a radiação solar incidente, controlo nas pontes térmicas, o aproveitamento da luz natural, entre outros.





**O TERRITÓRIO**



A Ilha de São Tomé, juntamente com a ilha do Príncipe e uns quantos ilhéus, entre eles o Ilhéu das Rolas atravessado pelo equador, formam o arquipélago de São Tomé e Príncipe, oficialmente conhecido como República Democrática de São Tomé e Príncipe. Arquipélago este, localizado na Baía de Biafra, Golfo da Guiné, a cerca de 300km da costa ocidental africana, mais precisamente, da costa do Gabão. Este localiza-se ainda, a par das Ilhas Bigalu e das Ilhas Bioko, num alinhamento vulcânico proveniente do sul do Lago Chade e prolongando-se, seguindo a bisetriz do Golfo da Guiné, por mais de 2000km. O arquipélago conta com cerca de 1000km<sup>2</sup>, onde São Tomé se restringe a 859km<sup>2</sup>, Príncipe a 142km<sup>2</sup> e a restante área distribuída pelos ilhéus, sendo o Ilhéu das Rolas o único habitável. O seu relevo é bastante acidentado devido à sua origem, como já foi referido, sendo o seu ponto mais alto o chamado Pico Cão Grande com a altura de 2024 metros. Grande parte da área da ilha não excede os 800 metros de cota.

Nestas duas ilhas o crescimento humano tem se dado muito rapidamente, crescendo de 65 mil habitantes para 85 mil entre 1960 e 1990. Mas o crescimento maior foi registado através do CENSOS 2012 que deram conta de 187 mil habitantes nesse ano. Destes apenas 26% tem acesso ao saneamento básico e 80% da população localiza-se no meio rural, não tendo parte desta percentagem as condições mínimas de habitabilidade<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Instituto Nacional de Estatística, da República Democrática de São Tomé e Príncipe



## I. | CONTEXTO HISTÓRICO

*(...) a geografia é inseparável da sua história e sem elas não podemos compreender a arquitetura que é o sinal concreto desta "coisa humana".*

ROSSI, Aldo . 1966



O ano de 1415, é assinalado como o início das imponentes descobertas portuguesas, e é neste contexto que a exploração de terras pelo continente africano ganha importância perto do ano de 1434. Mas não terá sido nesta era que São Tomé e Príncipe foi descoberto, pois rapidamente foi perdido o interesse por África, apenas se revitalizando esta ambição décadas mais tarde, em 1469. Passado um ano, 1470, Pedro Escobar e João Santarém davam à costa da Ilha de São Tomé, enquanto a Ilha do Príncipe apenas em 1472 seria descoberta.

Em 1485, São Tomé vê atribuída a primeira carta foral<sup>1</sup> e, com isto, João de Paiva dominaria as terras da ilha sob regime de capitania. Para que a primeira ocupação da ilha fosse feita, foram oferecidas regalias a quem partisse para São Tomé com João de Paiva e permanecesse na mesma com o intuito de dar início ao cultivo da cana-de-açúcar.

Quatro anos se passaram e a capitania deixa de pertencer a João de Paiva, sucedendo-lhe João Pereira. Esta dura apenas até 1493, data em que é considerada a carta regia<sup>2</sup> a Álvaro Caminha, tendo este já um plano quanto ao futuro da ilha. Em 1496, com a chegada de judeus e alguns exilados, gera-se um grande aumento de colonos na ilha. Na altura o rei propõe que seja disponibilizada uma escrava para cada colono e com isto promovendo o aumento dos habitantes, desta vez por procriação.

Já no século seguinte, em 1515, começamos a assistir a um levantar de véu no que diz respeito à liberdade na ilha, sendo esta permitida aos filhos dos primeiros povoadores e aos descendentes diretos dos chamados *brancos livres* mas de mãe, dita, escrava. Após dois anos, este direito chega também tanto a escravos como a descendentes da primeira leva de colonos. Daqui surgem mais dois grupos na pirâmide social de São Tomé e Príncipe, os africanos livres e os mulatos. Estes últimos começaram a ter algum poder nos engenhos<sup>3</sup> tendo chegado mesmo a ter cargos ao nível municipal.

<sup>1</sup>Também conhecida apenas como Foral, concebe a uma pessoa a administração de um concelho, ou território, tendo como missão assegurar as condições de fixação da comunidade bem como a sua permanência através do aumento da atividade agrícola.

<sup>2</sup>Documento com o fim de ditar leis de forma permanente e de carácter obrigatório.

<sup>3</sup>Unidades rurais destinadas à produção do açúcar durante o colonialismo.

Estamos em 1524, quando São Tomé ganha o título de vila e uma década passada é criada a sua diocese. A ilha apenas é identificada como vila por 11 anos, passando, em 1535, a cidade, devendo-se este fenómeno ao seu crescimento populacional. Já em 1586, esta pequena ilha passa a ser comandada por governadores eleitos, mas a taxa de mortalidade em São Tomé era alta, devido a uma epidemia de febres à qual os governadores também não escaparam, tendo levado a uma constante mudança dos mesmos e com isto a contínuos conflitos que levaram a uma instabilidade político-social.

Em 1598, os holandeses *dão à costa* da ilha de São Tomé e com isto grande parte dos habitantes da ilha, que até agora viviam perto da costa, mudam-se para o interior. Esta chegada dos navios provenientes da Holanda é vista como uma invasão de pouca duração, pois três meses mais tarde estes acabam por abandonar o arquipélago devido, não só, à chegada da época das chuvas, mas também da epidemia de malária. Esta não foi a única tentativa por parte dos holandeses para tomar a ilha como sua. Em 1641 regressam, mas mais uma vez voltam a ter como inimigos o clima e a insularidade. Os tripulantes veem-se impossibilitados de abandonar a ilha e optam por se deslocar para o interior em busca de melhores condições para a sua fixação. Já no fim desta década, e com a reconquista de Luanda, os navios portugueses tomam como rumo a ilha de São Tomé, acabando mesmo por conseguir recuperar estas terras. A ocupação holandesa deixou as suas claras marcas e um período de decadência adjacente, sentido em toda a ilha, tando em roças<sup>1</sup> como na cidade.

Data de 1709, a vez dos franceses invadirem São Tomé, isto deu-se *a posteriori* da invasão na Ilha do Príncipe. Este ataque francês traz consigo a fuga do governador e de alguns habitantes influentes da cidade para o interior da fortaleza São Sebastião e, dos restantes habitantes, para o interior da ilha. Os franceses acabam por incendiar a cidade, mas tal como as invasões holandesas, acabaram por abandonar a ilha pouco tempo depois. Este foi um ano de

<sup>1</sup> Aglomerado populacional em zona rural, destinada à plantação e produção de um determinado produto ou alimento, funcionando quase de forma independente

destruição pois, após esta estadia dos franceses, foi a vez dos escravos se revoltarem contra os moradores da cidade, provocando um grande estado de degradação.

No início da segunda metade do século, em 1753, a capital do arquipélago é mudada para a ilha do Príncipe, mais propriamente para a vila de Santo António, este feito deve-se a Sotto Mayor, antigo governante, que o sugeriu ao rei de forma a travar a mortalidade de europeus na cidade de São Tomé, mas tal fenómeno não se verificou.

João Baptista e Silva, que já havia sido governador, em 1820, volta então a assumir o posto, levando consigo a plantação do café. Esta começou a ganhar importância nos mercados internacionais, elevando à sua procura e por consequente a economia são-tomense sobe proporcionalmente. Poucos anos mais tarde é dado também o início da plantação do cacau. Após vinte anos, começa a inverter-se o movimento migratório devido ao novo ciclo económico, que desde o início do século tinha levado a uma baixa populacional. A fase de transição para o fim da escravatura levou os habitantes a optar pelo Brasil e Angola.

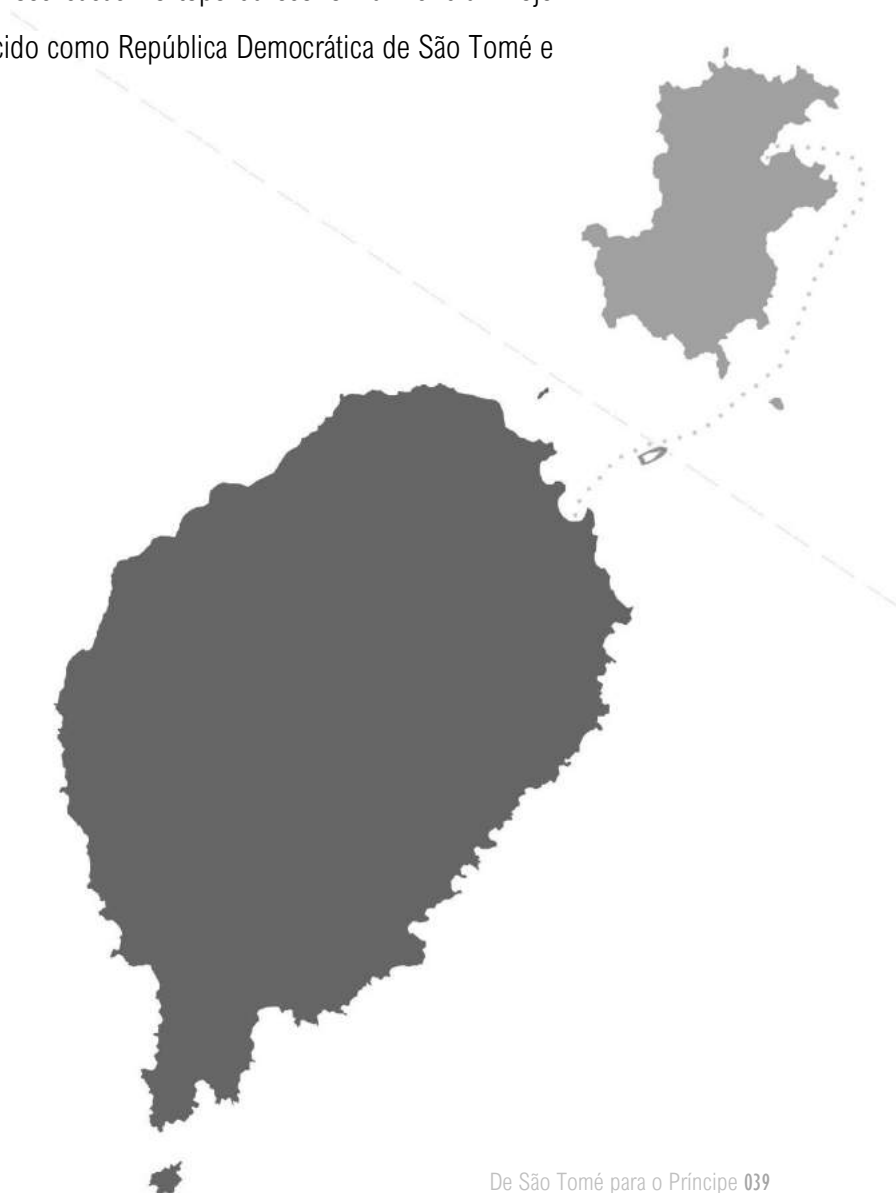
Já em 1853, a capital do arquipélago volta à cidade de São Tomé, mas esta continha apenas um terço da população da ilha, encontrando-se a restante população nas roças, local de produção de café e cacau. Para combater a falta de habitantes, surgiu uma migração de escravos provenientes de Angola aumentando assim a população da ilha novamente.

A quinze anos de terminar o século, é decretado o fim da escravatura, e com ela foram também vários habitantes. Os que permaneceram na ilha que eram conhecidos como escravos, tornam-se contratados<sup>1</sup>. As roças foram ficando ao abandono e outras, devido à falta de mão-de-obra foram levadas à falência. A economia que o café fez subir começa então em declive novamente. Falhando a

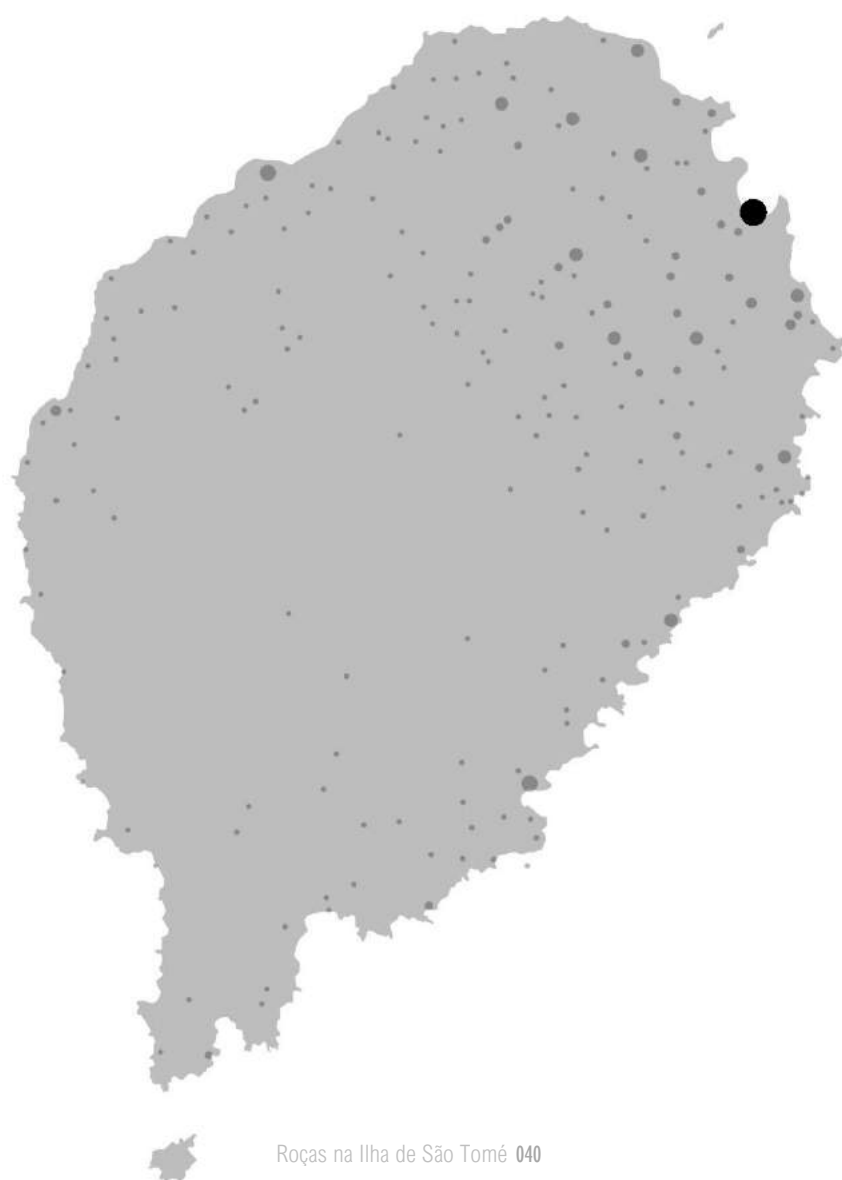
<sup>1</sup> Com o fim da escravatura, os escravos passam a receber um ordenado mas, por consequente, passam também a ter de pagar uma renda pela ocupação do espaço que habitam.

plantação de café é o cacau que passa a ter maior importância, provocando uma revitalização da economia do país, e a partir de 1890 passa a ser vista como a sua cultura principal.

Em 1975, a independência foi dada a este país que ainda viu, com muita exploração de mão-de-obra, o seu cacau no topo da economia mundial. Hoje em dia o arquipélago é conhecido como República Democrática de São Tomé e Príncipe.



De São Tomé para o Príncipe 039



Roças na Ilha de São Tomé 040



## 2. | EVOLUÇÃO URBANA E ARQUITETÓNICA

*Através da diversidade das épocas e das civilizações é possível verificar, portanto, uma constância de motivos que assegura uma relativa unidade na expressão urbana. A partir daqui, desenvolvem-se as relações entre a cidade e o seu território geográfico (...)*

ROSSI, Aldo . 1966

#### a. A CIDADE

*Relativamente à localização, sabemos que todas estas cidades [cidades das ilhas atlânticas de origem portuguesa] se situam junto a baías abrigadas, são servidas por uma ou mais ribeiras e situam-se na encosta mais soalheira da ilha (encosta a sul), onde o clima é mais ameno, os terrenos são melhores para a implantação de novas culturas e o acesso ao interior é mais facilitado.*

FERNANDES, José Manuel . 2011

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

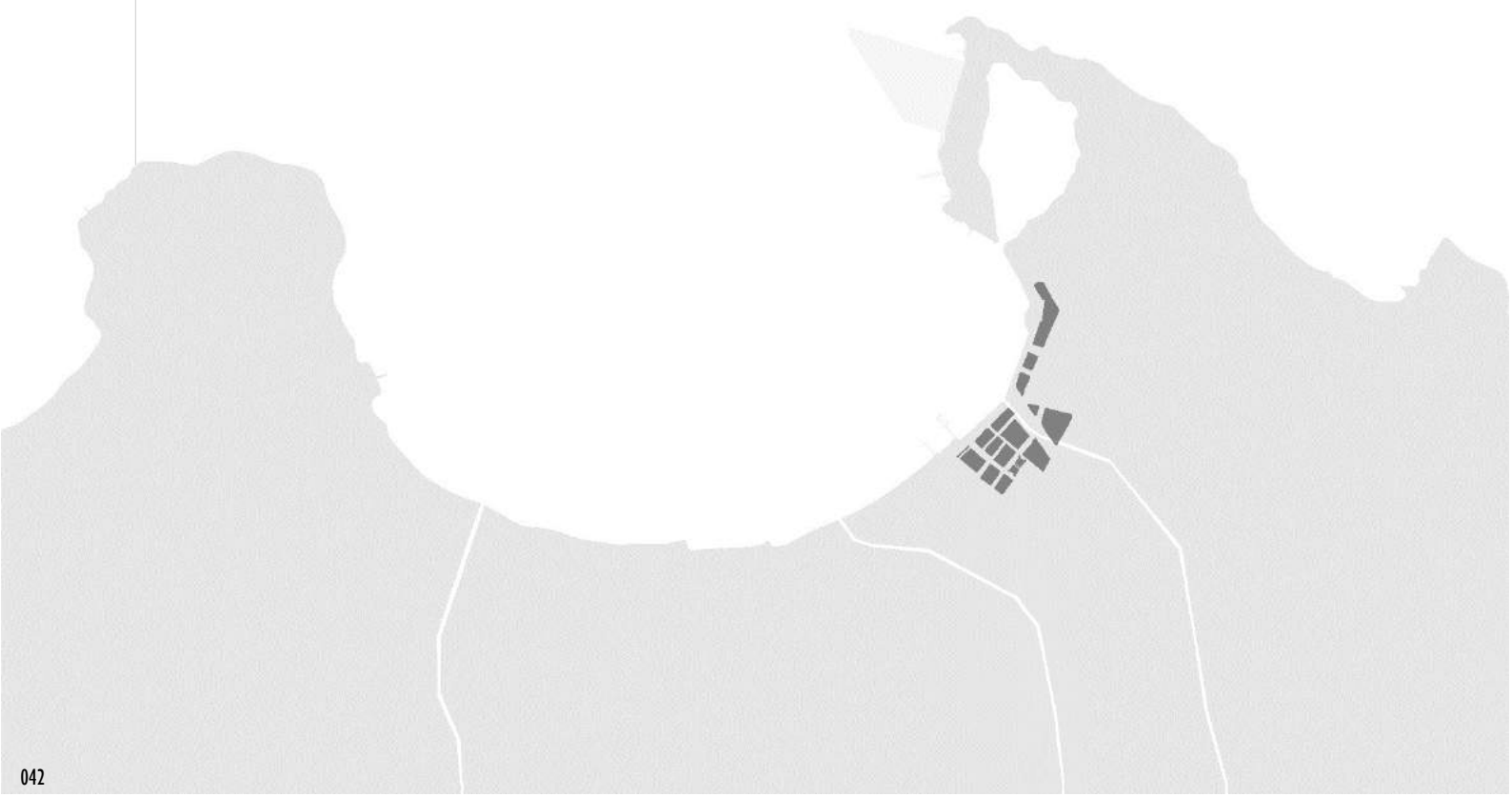
DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE

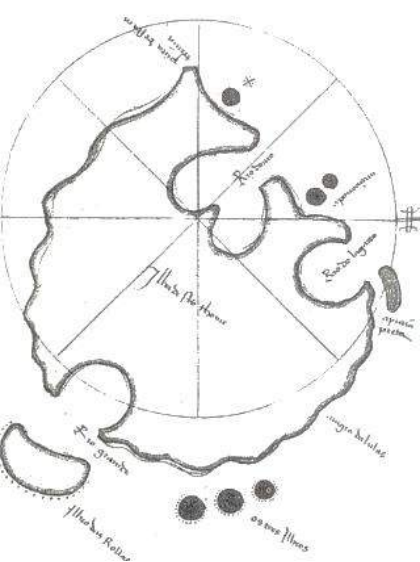






Estamos em 1493, quando a pequena povoação, que até outrora se localizava em Água Ambó, se muda para a Baía Ana Chaves, atual localização da cidade de São Tomé<sup>1</sup>. Esta escolha deveu-se à grande amplitude da baía, à possibilidade de construção de um porto e de pontos de defesa, bem como à topografia pouco acentuada e às ribeiras que forneciam água ao interior da futura cidade, permitindo e facilitando assim a vida agrícola.

José Manuel Fernandes (2011) defende a existência de três fases no desenvolvimento urbano das cidades das ilhas atlânticas de origem portuguesa, onde descreve que a primeira fase é *marcada pela existência de dois núcleos urbanos e uma rua principal que os liga*, desenvolvendo-se a cidade a partir deste eixo (a, chamada, rua direita, paralela à linha de costa) com base numa planta ortogonal<sup>1</sup>. Esta fase reflete-se no plano urbano concebido por Álvaro de Caminha, baseando-se já em medidas de higiene e de segurança, como, larguras mínimas de ruas, traçado retilíneo e a regra que nada seria construído sem uma autorização previa. Tudo isto para que a circulação citadina fluísse facilmente, sem que recantos obscuros e consequentemente perigosos existissem. A implantação deste plano vê o seu começo com uma rua paralela à linha de costa e um eixo principal, onde se desenvolveriam edifícios que viriam a albergar funções de maior peso na gestão da cidade. E assim, se iniciou o desenvolvimento do futuro núcleo urbano com a construção do que viria a ser por vários anos o ponto de defesa, a Torre do Capitão. Foram também construídos elementos religiosos, a Igreja da Nossa Senhora da Ave-Maria e o Mosteiro, e com eles as ruas que acabavam por uni-los, estando assim completos os elementos primários deste planeamento urbano.

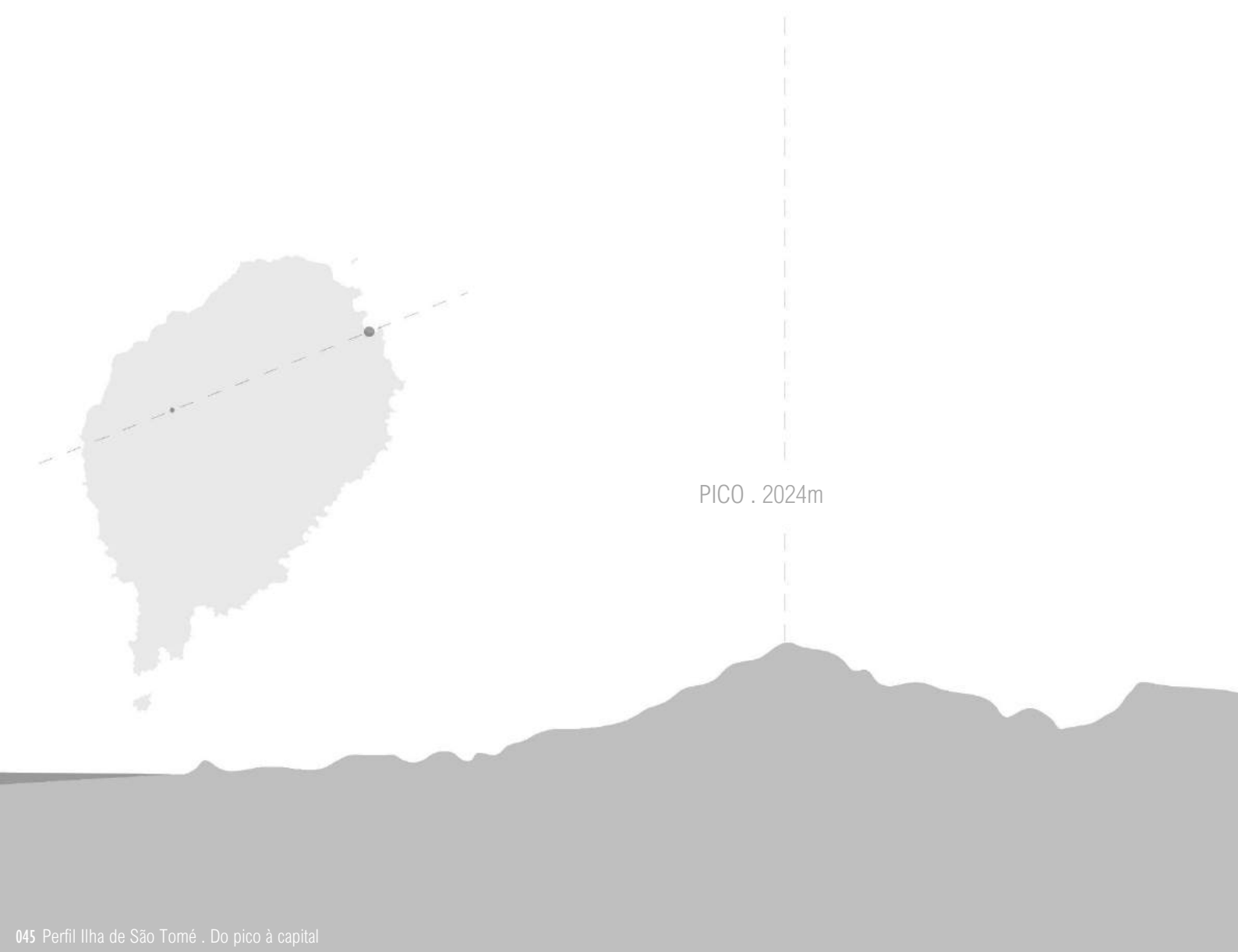


De Água Ambó para São Tomé 043  
Croqui da Ilha de São Tomé . 1495 044

<sup>1</sup>Em África: Arquitetura e urbanismo de matriz portuguesa . 2011

O desenvolvimento não só económico como populacional, acabam por ditar um crescimento, dando, consequentemente, origem a um outro núcleo citadino. Surge a alfândega, e respetivos armazéns e ainda, ligadas a estas duas e à sua localização, habitações em madeira para os escravos. Esta evolução urbana aparece aliada à produção do açúcar na ilha uma vez que era necessário trazê-lo dos locais de produção para o local em que seria comercializado

internacionalmente. Este traçado foi evoluindo com base em vias ortogonais onde se desenvolviam os bairros habitacionais, que abrigavam o rápido crescimento da população santomense.



CIDADE DE SÃO TOMÉ

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

**CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO**  
**1499-1522**

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

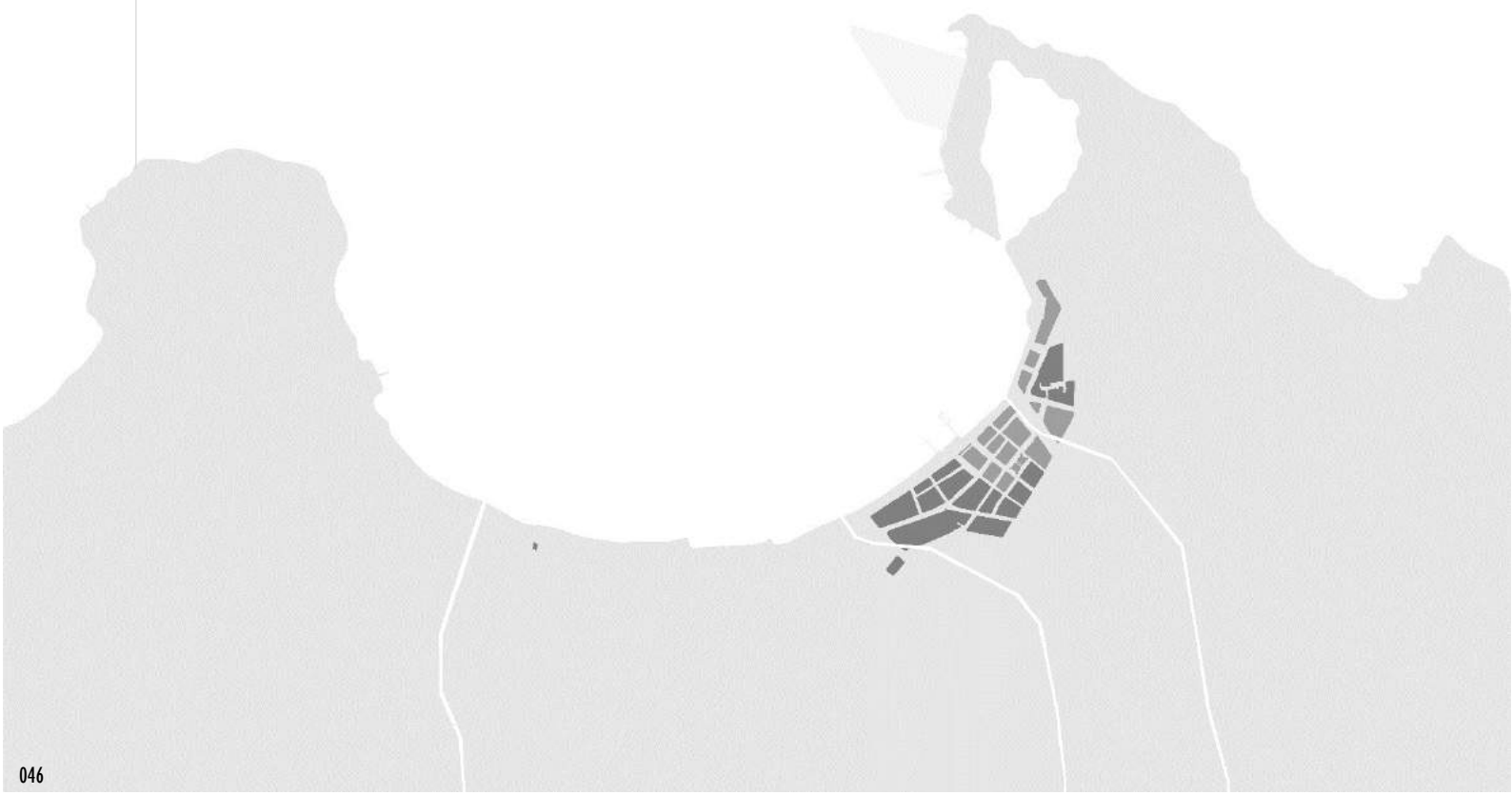
DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

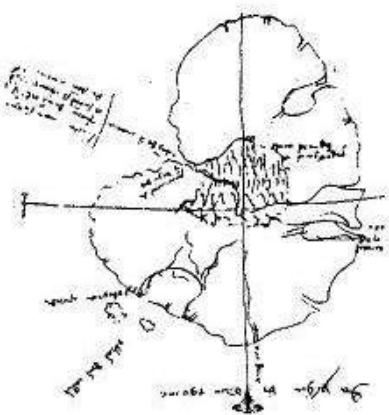
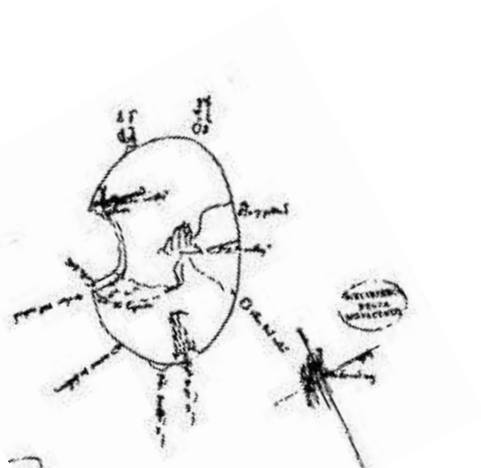
CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO INÍCIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE





Croqui de cartas de navegação . 1570 047

<sup>1</sup>Ao que Rossi, concordando com Smailes, intitula de cidades não planificadas e afirma que surgiram sem um desenho consciente, como assentamentos que se desenvolveram de modo peculiar e que, por consequência, se revelaram aptas a desempenhar as funções urbanas. O seu carácter urbano apenas emergiu no decorrer do seu desenvolvimento e a sua estrutura resultou essencialmente da agregação de edifícios em volta de algum núcleo pré-urbano

Em 1501, um incêndio acontece e acaba por se propagar rapidamente devido à materialidade do edificado, levando consigo inúmeras habitações e edifícios de carácter nobre da cidade. Após esta tragédia a cidade expande-se e dá origem ao maior bairro informal<sup>1</sup> presente onde se contavam cerca de seiscentas habitações construídas nos terrenos ganhos à densa floresta são-tomense, dando, assim, origem ao que ainda hoje é o maior bairro informal na cidade de São Tomé, o bairro do Riboque. Esta expansão gera uma nova estrutura de infraestruturas onde os espaços públicos começam a aparecer permanecendo alguns até aos dias de hoje, apesar de alguns terem mudado o seu propósito, como é o exemplo do terreiro associado à igreja de Nossa Sra. da Conceição que nos dias de hoje dá lugar ao mercado.

É aqui que a segunda fase de desenvolvimento está implementada. Hierarquias entre ruas começam a tornar-se visíveis por entre a extensão da cidade, continuamente, retilínea.

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

**CAPITANIA SEM DOAÇÃO**  
**1522-1580**

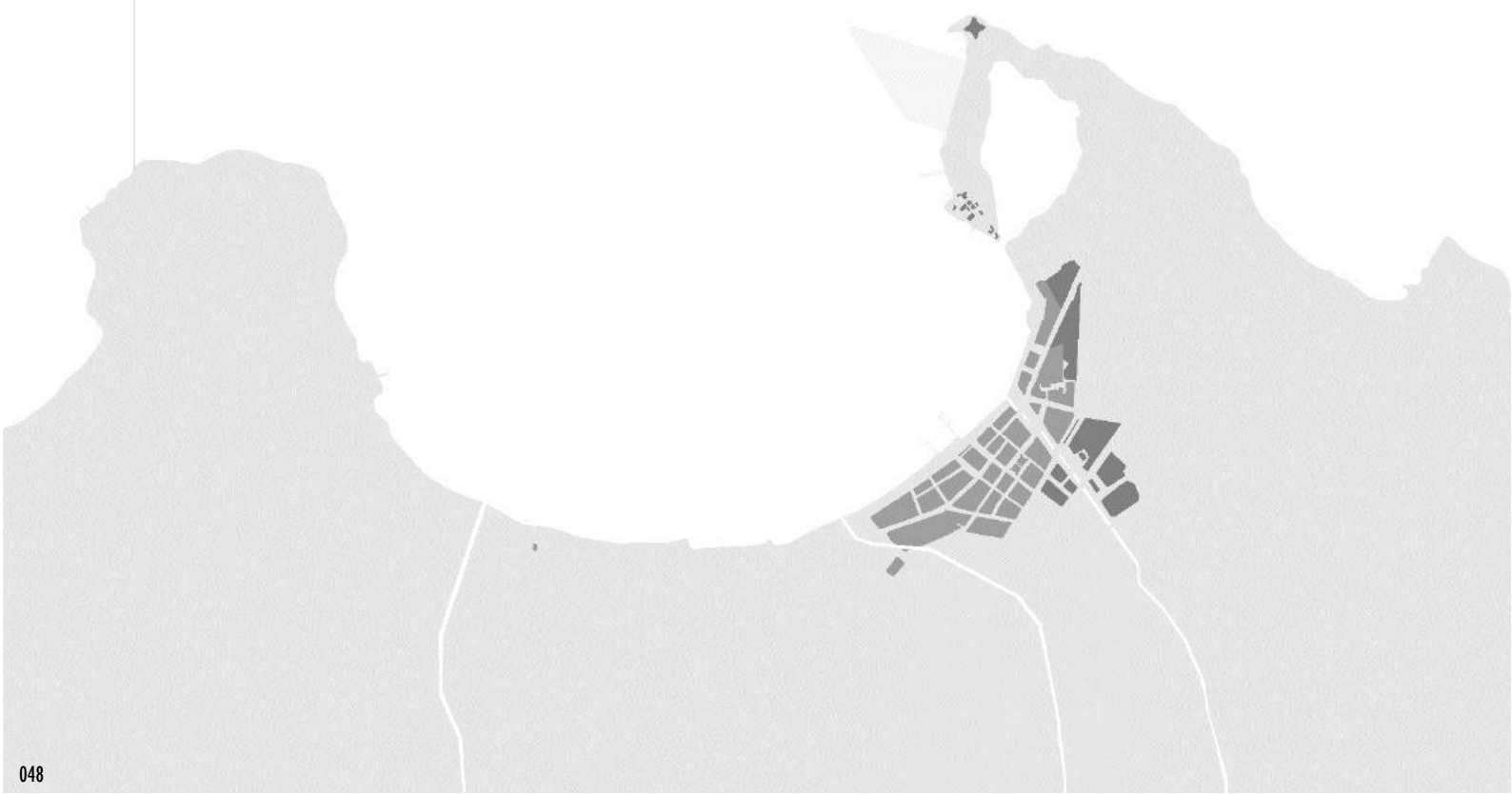
DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

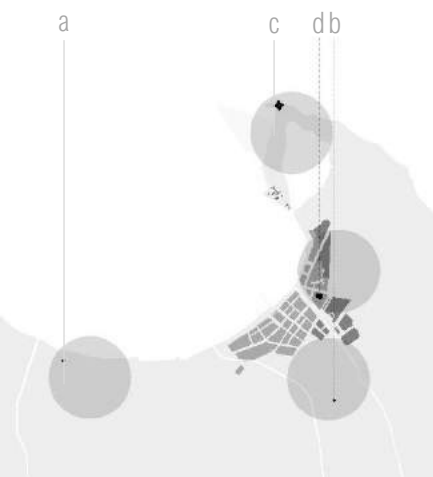
CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE





Expansão com base em elementos religiosos 049

São Tomé adquire o estatuto de vila logo no início desta época, muito devido ao contínuo desenvolvimento económico e demográfico que obriga a cidade a crescer. Poucos anos mais tarde, armazéns para abrigar o açúcar já estavam erguidos, a igreja matriz passava a catedral e em 1535, como já referido, São Tomé conquista o título de cidade.

A terceira fase está instaurada com o crescimento da cidade através de edifícios significativos para a periferia do até então núcleo urbano. Na cidade os bairros iam-se formando diante as igrejas e continuando a mesma linha, na década de 1560, foram construídas mais três em locais estratégicos do centro, resultando daí ligações entre elas que originariam a estrutura de um novo crescimento urbano. A igreja de São João Batista [a], permitiu uma expansão para oeste, tecendo um traçado de continuidade do já existente. Para Sul deu-se o mesmo fenómeno, com a construção da igreja de Santo António [b], mas o mesmo não se verificou com a terceira igreja erguida. Houve também uma expansão para este, desta vez por conta de uma estrutura militar, a Fortaleza de S. Sebastião [c], com o intuito de defender a cidade, em resposta aos ataques que a cidade ia sofrendo por parte dos franceses e holandeses. Aliada a esta evolução para Leste, mais uma grande construção é iniciada, a Igreja de Nossa Sra. da Graça que mais tarde viria a ser a Sé da capital [d].

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

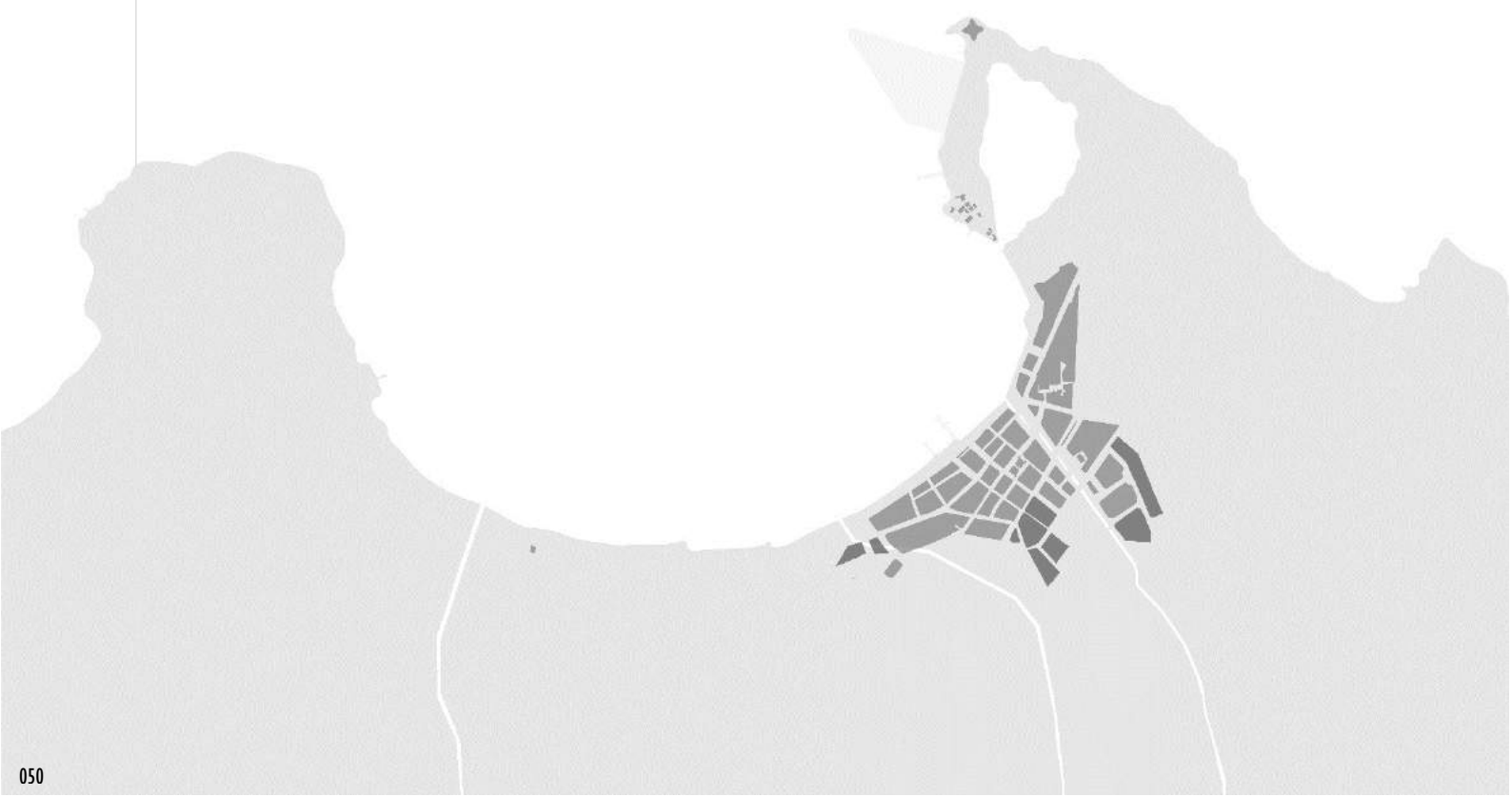
**DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650**

CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

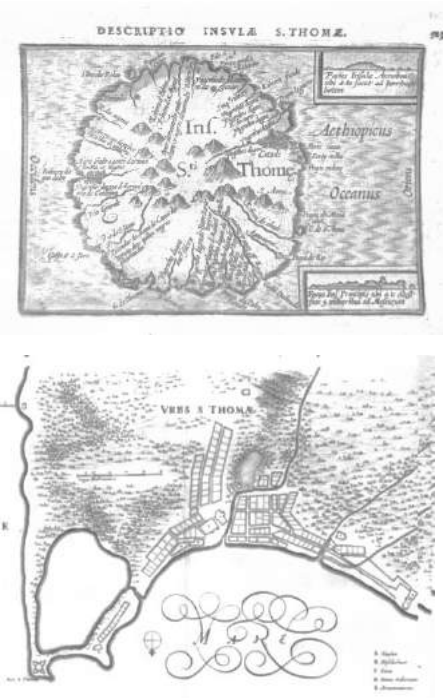
CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE







O TERRITÓRIO .  
evolução urbana e arquitetônica

Ilha de São Tomé, por Bertius Petrus . 1602 051  
Cidade de São Tomé . 1647 052

Um segundo incêndio domina a cidade que ficou em cinzas, assim como os cartórios e os arquivos públicos, as habitações até então existentes caem por terra. A população santomense recebeu a notícia de que os holandeses estariam a chegar para tomar de assalto a cidade, gerando uma fuga de parte da população para o interior da ilha, no entanto uma grande percentagem dos comerciantes do açúcar acaba por fugir para o Brasil. Todos estes acontecimentos levaram São Tomé a uma época de decadência, política, demográfica, mas sobretudo económica. Em 1601, os holandeses abandonam a ilha voluntariamente, mas antes acabam por destruir os, ditos, edifícios nobres da cidade. A igreja acaba por ser o grande impulsionador na reconstrução e expansão da cidade, fazendo-o com recurso à edificação de novos locais de culto. Num desses templos cristãos a materialidade escolhida não passa pela madeira, como habitualmente se via em São Tomé, mas sim, pela alvenaria de pedra com certas zonas com mármore branco, tornando-se esta mais resistente aos incêndios que poderiam voltar a dominar a cidade. Nos mapas desenhados no final da época a localização da curadoria já é assinalada com a presença de um edifício notável apesar da mesma ainda não existir no local.

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

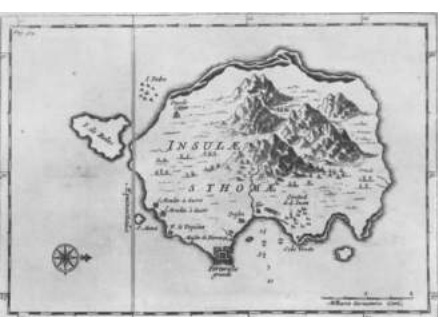
**CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS**  
**1650-1753**

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE





Baía de Ana Chaves . 1664 054  
Cidade de São Tomé . 1665 055  
Cidade de São Tomé . 1703 056  
Cidade de São Tomé . 1709 057

A reconstrução da cidade continua por conta da igreja, que volta a erguer os seus edifícios, alargando alguns e edificando outros de raiz. A cidade que até agora tinha crescido à volta da cana-de-açúcar vê o seu progresso em torno do comércio dos escravos. Esta mudança deveu-se à humidade excessiva presente na ilha que não permitia uma produção do açúcar rentável. Mesmo assim não se verifica o crescimento demográfico e económico necessário.

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

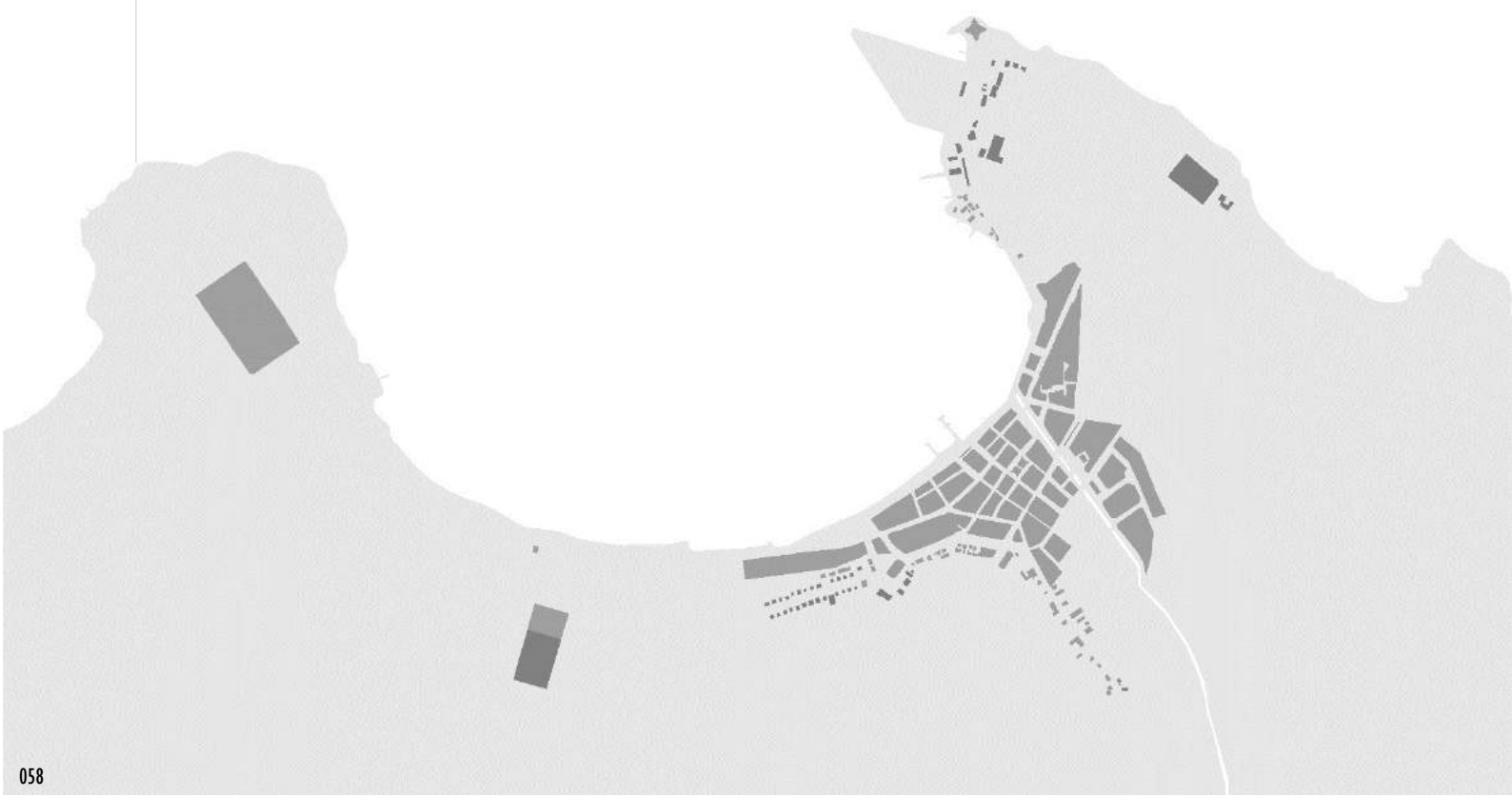
DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

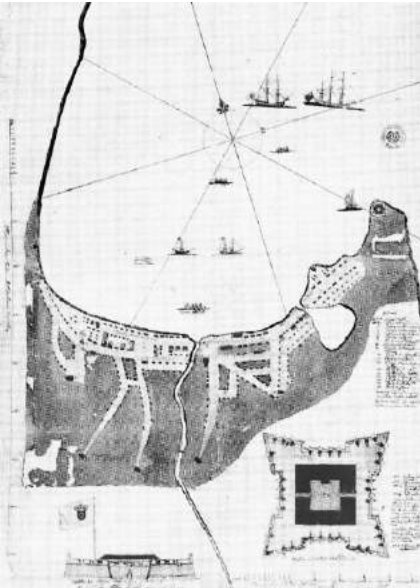
CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

**CICLO DO CAFÉ E DO CACAU**  
**1852-1950**

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE





Cidade de São Tomé . 1788 059  
Cidade de São Tomé . 1884 060  
Cidade de São Tomé . 1889 061

É neste intervalo de tempo que a frente da Baía de Ana Chaves ganha um desenvolvimento com base no Plano de Fomento<sup>1</sup>. Este, dividido em quatro partes, previa um investimento nas colónias. Num primeiro momento, nas infraestruturas, neste caso, nos caminhos de ferro, passando mais tarde também por um aproveitamento dos recursos naturais e ainda por uma estratégia de povoamento dos chamados colonatos<sup>2</sup>. Esta aposta na “indústria”, ou neste caso na agricultura, transportando os produtos das roças para o porto localizado na cidade para uma posterior exportação.

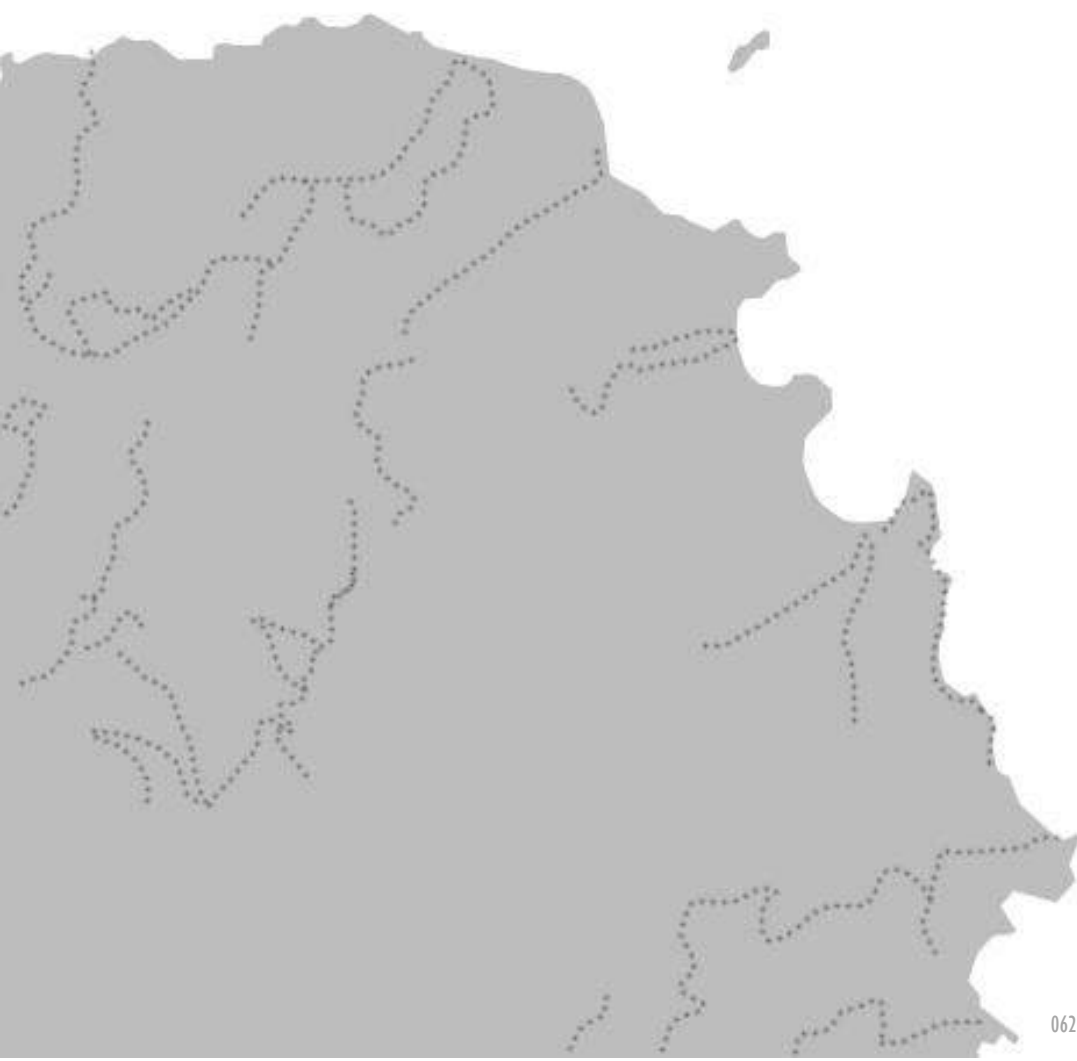
Após vários séculos, e devido à prosperidade no comercio do café, o título de capital regressa à cidade de São Tomé e com ela vêm também escravos e comerciantes provenientes da Europa, o que se reflete num aumento demográfico. Apesar destes fatores favoráveis, a cidade acaba por entrar num acentuado declínio, não só pelo seu estado de degradação, mas muito devido à rápida sucessão de governadores que não permitia um ordenamento da cidade. Dá-se também uma subida da taxa de mortalidade, causada pela propagação de epidemias sendo a localização desfavorável da urbe santomense apontada como principal fator: desenvolve-se numa zona de pouca altitude, abraçada pela floresta e ainda em torno de uma baía onde os rios que passavam pela cidade desaguavam. Ou seja, estávamos perante um terreno onde os pântanos ganhavam alguma dimensão e por consequente acumulavam resíduos e davam origem a febres. Medidas foram tomadas para combater esta tendência, como a drenagem do pântano de São Sebastião, que era de grande dimensão, a construção de um cais junto à alfândega e de um bairro novo. Apesar da alta taxa de mortalidade o número de habitações existentes não era suficiente, nem estas tinham condições para albergar toda a população.

Com o comércio do café e do cacau, a cidade volta a ganhar vida e com isso surge uma maior preocupação em existir um planeamento urbano orientado. Com o plano urbanístico do Gabinete de Urbanização do Ultramar, a marginal ganha uma nova cara, a alfândega acaba por ser transferida para junto da fortaleza de São Sebastião e daí dá-se o início da execução da linha férrea que

<sup>1</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, Portugal viu as suas importações descenderem, pois, os países que até então o forneciam, agora, estavam mais dedicados à indústria de armamento. Como tal, Portugal acabou por iniciar um investimento que visava a produção desses bens. Assim, surge no território nacional um plano a nível económico abrangendo também o território colonial.

<sup>2</sup> extensão territorial explorada por colonos, in *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*

teria como objetivo a ligação entre os polos urbanos e posteriormente aos portos existentes na ilha. Uma expansão da cidade volta a dar-se, crescendo assim para Este acompanhada pela edificação de um bairro na zona que anteriormente era ocupada pelo grande pântano.



Ed. M. Lopes



Vista parcial da cidade de "S. Thomé"

063

Ed. M. Lopes



"Povo-Patria"

064

Ed. M. Lopes



"Canal do rio 'Agua Grande'"

065

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE







Neste período constata-se a maior expansão da cidade para os, até então, arredores de São Tomé. Um plano geral da cidade surge no âmbito do Gabinete de Urbanização do Ultramar quando o país vive uma situação económica mais estável. Uma primeira proposta, inspirada em ideias provenientes da Europa e Americanas<sup>1</sup>, é apresentada por João António Aguiar, onde o objetivo passa por tornar os espaços públicos mais emblemáticos, e com base nesta premissa, melhorar a imagem da cidade e a qualidade dos que nela habitam.

Um novo plano urbanístico surge, desta vez pelas mãos do arquiteto Mário Oliveira, baseado no seu anterior, mas com a diferença de que este acaba por se concretizar impulsionando a autonomia das colónias e pondo fim aos bairros informais. Difunde-se assim num maior cuidado no planeamento das ruas, as praças sofrem uma delineação e espaços verdes e avenidas acabam por surgir na cidade, o que facilita não só na drenagem como também no tratamento das águas. Aliado a este plano, dá-se um melhoramento no que diz respeito às habitações e à sua localização, culminando na origem de bairros populares. Com este plano dá-se o desenvolvimento da cidade formal, e por consequente, a construção de edifícios importantes para o funcionamento de uma cidade, como é o caso do atual liceu, embaixadas, entre outros. O local que outrora era ocupado pelo pântano passa agora a dar lugar a um bairro de moradias unifamiliares.

Plano de João Aguiar para a cidade de 067  
São Tomé  
Plano de Mário Oliveira para a cidade de 068  
São Tomé

<sup>1</sup> Conceitos com base no higienismo,  
*city-garden* e *a city beautiful*

CAPITANIA DE ÁLVARO DE CAMINHA  
1493-1499

CAPITANIA DE FERNÃO DE MELO  
1499-1522

CAPITANIA SEM DOAÇÃO  
1522-1580

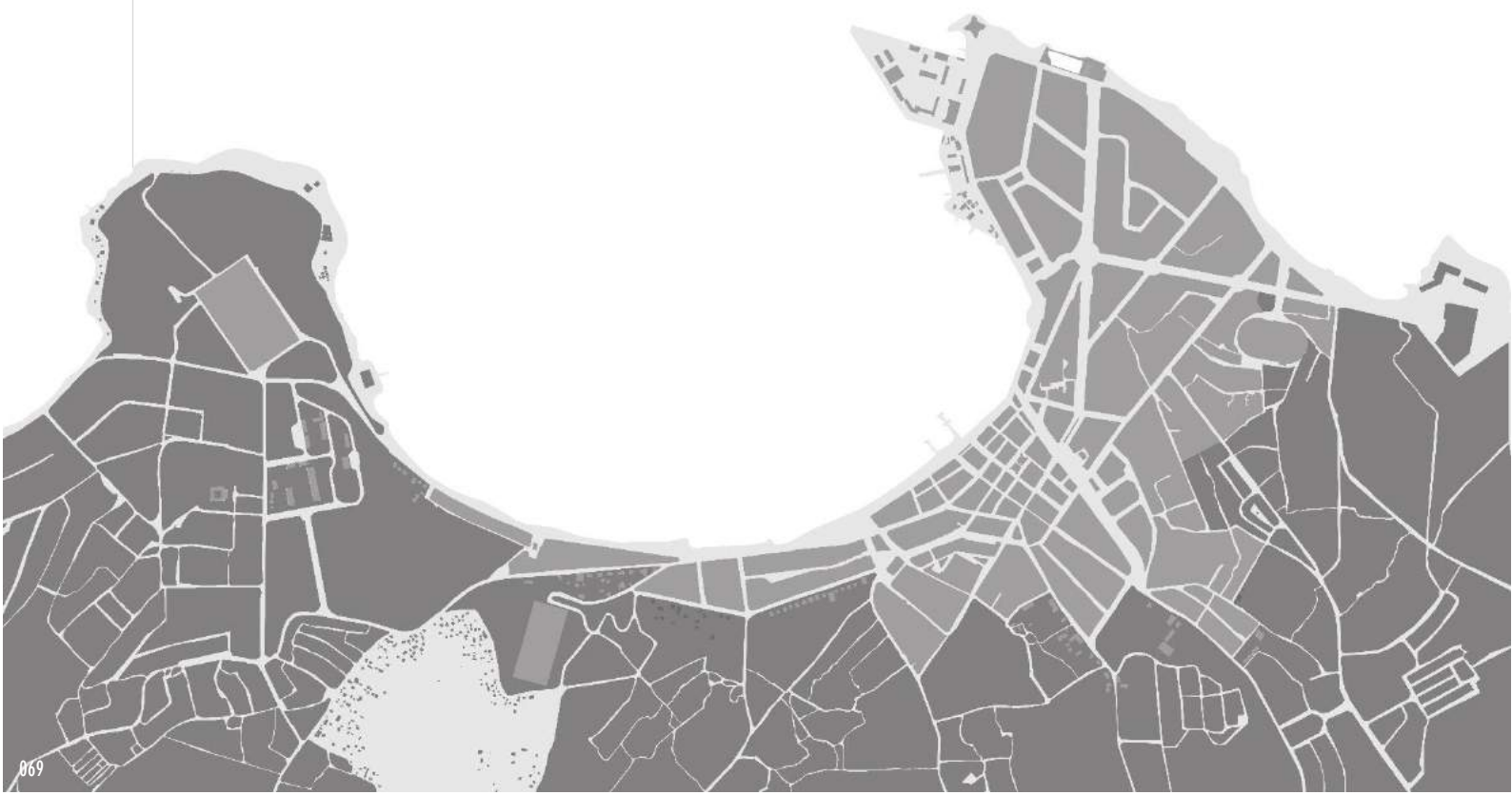
DO APOGEU DO CICLO DO AÇÚCAR À OCUPAÇÃO  
HOLANDESA  
1580-1650

CICLO DO COMÉRCIO DE ESCRAVOS  
1650-1753

CICLO DO CAFÉ E DO CACAU  
1852-1950

DO ÍNICIO DO ESTADO NOVO AOS ANOS '70

DA PÓS-INDEPENDÊNCIA À ATUALIDADE



Com a independência da, agora, República Democrática de São Tomé e Príncipe dá-se um fenómeno demográfico no país, os portugueses abandonam o arquipélago mas, contrapondo a esta possível descida da população, os que eram conhecidos como refugiados em Angola, provenientes de São Tomé e Príncipe, regressam à ilha.

Com esta mudança as classes altas acabam por ocupar o centro urbano da capital, centro este, que até à viragem do século, não tinha sofrido praticamente qualquer tipo de mudança a não ser a clara evidência do passar dos anos nos edifícios, deixando alguns degradados. Com esta ocupação a população mais pobre, ou seja, a mão-de-obra da cidade passa a habitar na periferia da cidade em condições bastante precárias. E isto acaba por dividir a cidade em dois grandes grupos: a cidade informal e a cidade formal. Enquanto a cidade formal nos remete para uma cidade consolidada, a cidade informal leva-nos exatamente para o oposto, como já referido. Nesta população, onde o plano urbano é inexistente, parte de cada indivíduo o local para construir a sua habitação e é a partir deste método que as vias vão surgindo, um pouco ao acaso, apenas por necessidade de chegar às habitações. Mas mesmo assim em certas zonas é possível observar os limites entre alguns bairros que foram crescendo no periurbano. Ao contrário da cidade formal, aqui não há estradas onde possam transitar automóveis e as más condições não passam só por questões habitacionais mas também viárias. A inexistência de um planeamento nestas zonas de grande densidade demográfica em constante crescimento leva a que as infraestruturas, como a água potável canalizada, electricidade ou saneamento, não cheguem às habitações. Estes bairros acabam por se tornar, ditos, marginais sem qualquer qualidade de vida para os que neles habitam, tendo apenas como aspeto positivo a sua localização em relação à cidade.

Esta cidade que vive sem um órgão de gestão do território, por anos, parecia quase parada no tempo. Até que se deu a recuperação de alguns edifícios que estavam em avançado estado de degradação, fachadas foram pintadas e a arquitetura modernista foi inserida em alguns novos edifícios da capital.



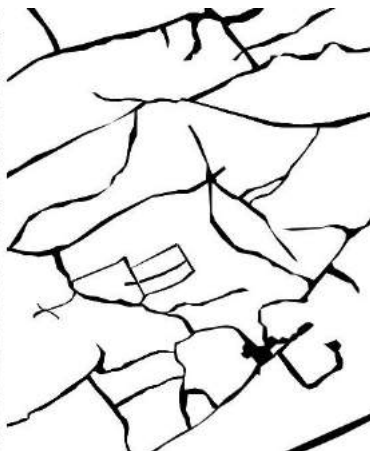
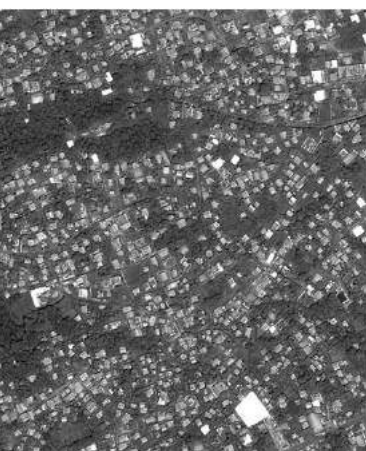
## b. O HABITAR

*Esta [a arquitectura africana] incorpora tecnologias construtivas que são o produto do conhecimento empírico de muitas gerações, que ao longo dos séculos desenvolveram estratégias de adaptação ao meio ambiente, utilizando recursos locais*

GUEDES, Manuel Correia . 2011



071 Formal



072 Informal



A Arquitetura Vernácula africana assenta em estratégias empíricas que ao longo das várias ocupações, convulsões e gerações foram evoluindo de modo a reduzir os impactos climáticos e aumentando, consequentemente, o conforto interior dos mais diversos tipos de habitação, recorrendo sempre aos produtos locais extraídos da própria terra. Apesar da sua insularidade a Arquitetura e tecnologias de construção santomense passam pelos mesmos ideais do continente africano, tendo também semelhanças ao continente europeu, principal e naturalmente, a Portugal, mais precisamente, à Arquitectura encontrada no meio rural, tal como nos indica Francisco Tenreiro em *A Ilha de São Tomé* (1961).

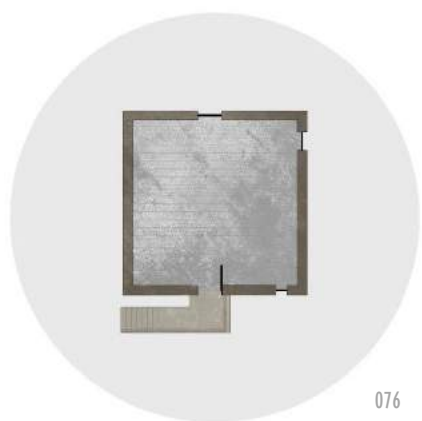


074

A casa tradicional em santomense, ligada aos nativos, acaba por surgir em grandes aglomerados conquistados à floresta presente na ilha, e na dita, *cidade informal*. Este tipo de habitações é identificável por vários fatores, sendo um dos mais característicos o quintal adjacente à mesma, utilizado, geralmente, no cultivo de bens alimentares que acabam por ser o sustento dos proprietários da casa. Casa esta construída com elementos extraídos da natureza, não só devido ao seu baixo custo, como também à simples produção e posterior aplicação. Para tal sacrifica-se as árvores de grande porte presentes na floresta santomense, como é o caso da jaqueira, transformando-as em elementos estruturais e revestimentos para as habitações. Do exterior é notória a sua planta, habitualmente, quadrangular assente e sobrelevada por estacas de madeira, protegendo assim o espaço a habitar da humidade que a chuva e, *a posteriori*, os solos lamacentos, trazem consigo; de animais rastejantes e insetos atraídos pelas águas estagnadas e ainda funcionando como barreira do calor. A tecnologia usada na cobertura tem também como objetivo travar algumas das adversidades climáticas, optando-se assim pela utilização de uma estrutura de duas águas desfasadas [imagem 071]. Desta forma o escoamento das águas é bastante eficiente e o desfasamento acaba por promover a ventilação natural no interior da habitação. Os recursos usados na construção da cobertura têm a mesma origem dos restantes da habitação, recorrendo, agora, a palha, erva e folhas de



075



076



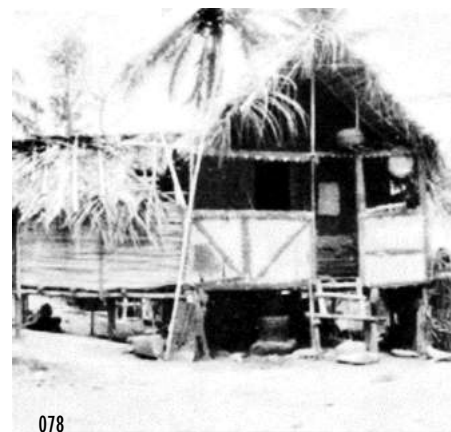
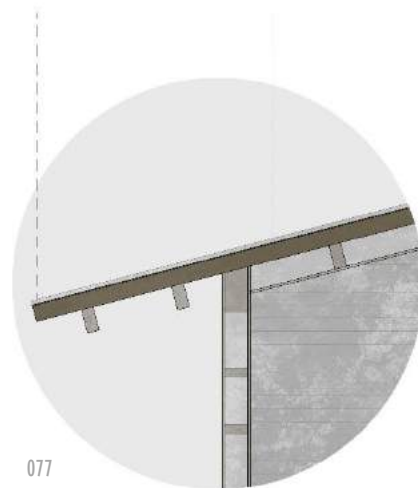
plameiras suportadas por uma estrutura de madeira. Com a passagem dos anos esta técnica acaba por dar lugar as placas galvanizadas de zinco, devido à sua durabilidade, resistência, baixo custo e fácil aplicação. Estas aplicadas com um teto falso tornam-se mais competentes em termos de isolamento tanto térmico como acústico. Tal como em todos os aglomerados populacionais o estrato social é evidenciado nas habitações. Assim, as casas pertencentes a proprietários do topo da cadeia social, são identificáveis pelo seu tamanho, por vezes com mais de um piso e remates pormenorizados. As casas modestas respondiam apenas aos mínimos necessários para a sobrevivência. Ao contrário das casas mais abastadas estas têm apenas uma divisão o que no combate ao calor era um ponto a favor, não criando assim barreiras na ventilação. Esta habitação é fornecida apenas por um vão de a porta, sem janelas, sendo a cozinha exterior ao espaço habitável, marcada apenas por um conjunto de andalas e duas pedras, sinalizando assim a zona de entrada.

A este conjunto de casas tradicionais podemos juntar ainda um outro grupo, a casa dos angolares. Casas estas assentes em estacas a cru. A planta apresenta uma divisão entre a zona de estar/convívio e a zona de dormir. Na sua fachada principal uma varanda que se desenvolve na sua totalidade, contribuindo assim para uma proteção contra o desgaste material das paredes por ação das fortes chuvas e impedindo a radiação direta do sol e consequentemente, promover a ventilação natural. O revestimento destas habitações é feito por tábuas colocadas estrategicamente na vertical de forma a escoar mais rapidamente a água das chuvas e desta forma não ser absorvida pela madeira, retardando assim a sua deterioração. Nas fachadas encontramos ainda outro elemento bastante característico: o uso da cor, passando habitualmente pela escolha entre o ocre e o azul, ambos conjugados com branco.

Mais umas das diferenças entre estas e as habitações referidas anteriormente será o quintal, que nestas surge com uma dimensão reduzida.

CHAPA  
DE ZINCO

MADEIRA





*As habitações vernaculares encerram em si um conhecimento empírico que valoriza as técnicas antigas e utiliza métodos mais adequados para a região onde se encontra. Mais do que uma imagem simbólica da arquitectura santomense, a casa popular ajuda a preservar o que a construção local tem de mais genuíno, a adaptação da arquitectura a um clima tropical e de fracas condições económicas*

GOMES, M. , . 2013

Além das habitações construídas pelos nativos, coexistem também as erguidas pelos colonos, a designada, então, casa colonial. Esta, ao longo dos tempos, tomou o lugar das casas construídas em madeira, mas com condições que deixavam a desejar. Esta tipologia surge não só no âmbito das habitações, mas desenvolvendo espaços para albergar o comércio, sendo geralmente, uma junção dos dois. Esta desenvolve-se a partir de uma planta retangular e em dois pisos, dando lugar à zona comercial no piso térreo e à habitação no piso superior. A materialidade passa agora por alvenaria de pedra, taipa ou adobe, elementos de baixo custo e acessíveis ao povo santomense. Estes tornam as paredes mais espessas que, a par da madeira têm uma maior resistência térmica e ao desgaste, proporcionando assim um maior conforto no interior da habitação. A madeira continua a ter lugar nestas construções, mas agora no seu interior, estando presente tanto no pavimento como em revestimentos. É nas fachadas que observamos os elementos mais característicos, como é o caso das varandas cobertas que ocupam a totalidade das fachadas disponíveis para tal, proporcionando assim os benefícios apontados anteriormente na casa dos angolares. No entanto encontram-se a uma cota inferior em relação ao interior da habitação de modo a proteger esta das infiltrações que poderão surgir com as chuvas intensas que se fazem sentir em São Tomé. Estas destacam-se das paredes caiadas, por vezes com presença de cor, a par da correspondência clara e regulada entre os dois pisos por parte dos vãos, agora de grandes dimensões, que transparecem o aumento do pé-direito promovendo, mais uma vez, a outro elemento de destaque é a cobertura, geralmente, de quatro águas, revestida à lha assente numa estrutura de madeira: clara influência do que pode ser visto



tanto em Portugal como na Europa mediterrânea. A sua acentuada inclinação, remete-nos mais uma vez para a casa tradicional, mas aqui, é feito um revestimento interior ajudando assim a superar um dos elementos climáticos presente em São Tomé e Príncipe, o calor. Sendo São Tomé uma cidade que aparenta estar parada no tempo, podemos ainda observar muitos elementos ligados tanto à casa tradicional como à colonial, não estando muito presente a arquitetura moderna ao nível da habitação propriamente dita, mas em expansão no que diz respeito aos equipamentos, tal como se verificou com elementos do Estado Novo.



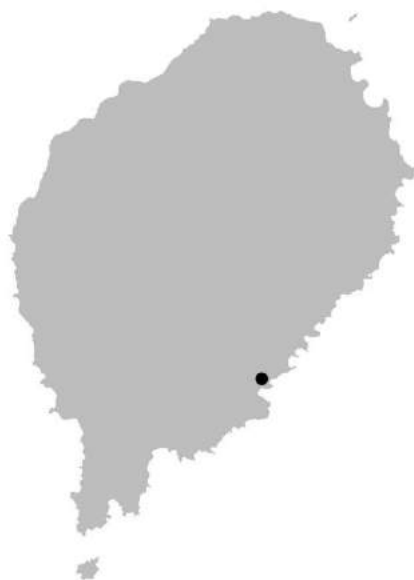


089

### 3. | SÃO TOMÉ HOJE

*São Tomé (...) ilha das roças, das paisagens, dos trilhos com história, das povoações junto às estradas, das conversas regadas de sorrisos, das crianças curiosas de pés descalços*

SALDANHA, Isabel . 2016



São Tomé, desde a sua independência, vive sem um órgão de gestão do território, o que acabou por culminar na imagem que temos hoje em dia da ilha: um local quase parado no tempo, como já descrito. Isto não só a nível arquitetónico como também em termos económicos, o que levou à pouca desenvoltura do país. Este fenómeno é possível observar não só na capital como no resto do território terrestre, como é o caso das roças, em que algumas veem o seu imponente edificado num estado avançado de degradação ou até em ruínas. Mas, estes locais que outrora abrigavam as materias capazes de gerar riqueza a São Tomé e Príncipe, começam agora a ser alvo de reconstrução/reabilitação para dar lugar a unidades hoteleiras, como é o caso da roça São João dos Angolares<sup>1</sup>.

Nesta terra, onde o português é a língua oficial, entre cenários de pobreza tem-se acesso a uma biodiversidade de fauna e flora que ainda hoje é a fonte base da economia santomense. Estas riquezas naturais, não só visuais, mas consequentemente agrícolas (como o cacau, o café, o óleo de palma, a cana-do-açúcar, o feijão, a canela, entre outros) são o que permite às gentes de São Tomé sobreviver, gerar as poucas exportações que hoje em dia o país faz e que a par com o turismo, é o que movimenta a economia. Apesar disso, São Tomé, basea-se numa grande dependência do exterior, quer a nível monetário, quer em importações de bens essenciais.

*Ilha rica em cenários, história, recursos e gentes*, como é descrita por Isabel Saldanha, mas com grande parte da população ainda sem acesso ao saneamento básico, energia e a viver no limiar da pobreza, não sendo necessário sair da capital para testemunhar tal fato.

Na capital as marcas do colonismo não passam despercebidas estando estampadas nos traços da cidade e em grande parte dos edifícios. A marginal, bastante degradada, não é apenas fronteira entre a cidade e o mar, esta alberga pescadores que preparam as suas alfaias para mais um dia de trabalho, as suas gentes, turistas que passeiam ou simplesmente descansam nos bancos de

Localização da roça São João dos 090  
Angolares

<sup>1</sup> Trata-se da primeira roça cultural e turística de São Tomé e Príncipe onde o turismo foi o grande impulsionador deste território rural.

cimento ao longo da baía aproveitando a calma que se sente numa cidade onde o trânsito não existe, a *internet* escasseia e a violência idem. Entre as cores fortes das fachadas da cidade um novo ânimo é sentido com a recente descoberta do petróleo trazendo consigo a esperança de uma vida melhor e de riqueza como nunca tiveram.







**0 LUGAR**



## I. | LEVANTAMENTO

*A função essencial de uma cidade deve tornar-se evidente, após uma simples vista de olhos pela planta. Isto resulta obviamente porque a organização dos seus elementos repleta certas linhas de força que representam igualmente uma combinação de circunstâncias que estiveram na origem da cidade.*

CULLEN, Gordon . 1961

Nesta cidade que se desenvolve através da Avenida Marginal 14 de Julho, que percorre a Baía Ana Chaves e continua pela costa Este, o edificado com maior empena acaba por se destacar por entre o restante construído que alberga entre um a dois pisos. É o caso do edifício de habitação do Banco Central Santomense e o do Tribunal, ambos de seis pisos, que se localizam na fronteira entre a marginal e o resto da cidade.

No centro da cidade, facilmente identificável pela sua malha rectilínea, o edificado desenvolve-se através de dois pisos, mas à medida que avançamos para a periferia, onde se localiza grande parte das habitações, os edifícios reduzem as duas cotas para apenas um piso. Por entre estas empenas, os edifícios de valor institucional e cultural acabam por se destacar pelo seu uso e dimensão.

Podemos afirmar que a cidade de São Tomé se divide em duas partes que se complementam apesar de funcionalmente não ser o indicado para a população. Notoriamente, a zona Oeste [a] abriga a população, grande parte do edificado é habitacional estando aqui também presente um único hospital que serve toda a cidade (apesar de já não ter condições para tal), terrenos a cargo dos serviços militares e apenas um supermercado e dois pontos direccionados para o lazer da população. Já a zona Este [b], prima pelo oposto, com edifícios educacionais, desportivos, culturais, governamentais, pontos de encontro da comunidade e zonas comerciais. Destes últimos é de destacar os três mercados presentes na cidade que pela sua função e proximidade entre si, acabam por ser uma das grandes centralidades da cidade. Não tendo, capacidade para albergar toda a população que vive da atividade primária, estes ganham uma continuidade ao longo das ruas através de bancas dos próprios comerciantes. Urge assim a necessidade de criar na cidade outros pontos qualificados para tal.



094



095

Na capital santomense, além do Museu Nacional no Forte de São Sebastião, a cultura é albergada por quatro edifícios em que três deles, o cineteatro Marcelo da Veiga, a Biblioteca e o Arquivo Nacionais, são as frentes

de uma rotunda, em conjunto com o Parque Popular, gerando assim mais um ponto de interesse da população. Existe ainda a CACAU (Casa das Artes Criação Ambiente Utopias) localizada a um quarteirão do ponto referido anteriormente, num edifício onde, na época colonial, se encontravam as oficinas das obras públicas. Este é, atualmente, considerado meio impulsionador para o reconhecimento da cultura santomense.

Nesta que é a maior cidade do arquipélago de São Tomé e Príncipe, onde os “espaços verdes” não passam de terrenos baldios sem sombreamento e a oferta educativa a nível superior é limitada, é no desporto que os jovens se encontram, havendo cinco campos espalhados pela cidade e ainda o estádio de futebol da equipa da cidade.

*As ruturas são de várias ordens – perca ou estabilização da população urbana, degradação e esvaziamento dos centros antigos das cidades de base operária, decadência do parque industrial em frentes de valor estratégico e marginalização de áreas monofuncionais cuja reconversão se vem adiando nos programas políticos. Neste contexto, crescem no interior do tecido urbano espaços marginalizados que, paradoxalmente, constituem, na maioria das vezes, os próprios centros gravíticos da cidade ou pelo menos da sua memória coletiva*

GRANDE, Nuno . 1999

Falamos de uma cidade não estruturada onde observamos: duas zonas claramente separadas pela sua função; passeios inexistentes; uma confusão de táxis junto aos mercados; “estradas” sem marcações viárias; um elemento primário que faz fronteira com o oceano em um estado avançado de degradação; os destroços de seis navios afundados, ao largo da marginal, tornam a água cristalina presente em toda a costa santomense, num tom não tão translúcido bem como poluente; falta de espaços públicos qualificados, assim como de estacionamento assinalado. No entanto, novas construções vão surgindo como um centro comercial junto à Igreja da Conceição ou um banco nas traseiras da CACAU.



- HOSPITAL . 1
- SUPERMERCADO . 2
- SERVIÇOS MILITARES . 3
- INSTITUTO DIOCESANO DE FORMAÇÃO . 4
- ESCOLA PRIMÁRIA S. JOÃO . 5
- ESCOLA PRIMÁRIA ATANÁSIO GOMES . 6
- FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO & MUSEU NACIONAL . 7
- ALFÂNDEGA . 8
- CACAU . 9
- LICEU NACIONAL . 10
- UNIVERSIDADE LUSÍADA . 11
- CAMPO PÚBLICO\_PARQUE POPULAR . 12
- BIBLIOTECA NACIONAL . 13
- CINETEATRO MARCELO DA VEIGA . 14
- ARQUIVO NACIONAL . 15
- ESTÁDIO 12 DE JULHO . 16
- TRIBUNAL . 17
- PALÁCIO NACIONAL DA REPÚBLICA . 18
- CAMPO PÚBLICO\_RIBOQUE . 19
- CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS . 20
- ESCOLA PRIMÁRIA D. MARIA DE JESUS . 21
- FINANÇAS . 22
- MERCADO VELHO . 23
- CENTRO COMERCIAL . 24
- MERCADO NOVO . 25
- MERCADO DO FARDO . 26





- HOSPITAL
- COMÉRCIO
- MILITAR
- EDUCAÇÃO
- CULTURA
- INSTITUCIONAL . GOVERNAMENTAL
- DESPORTO





## 2. | VIVÊNCIA: CULTURA vs. ESPAÇO PÚBLICO

*O habitat é, por isso, o lugar que se habita e que reflete o conjunto de condições geofísicas, sociopolíticas e religiosas. Estas características configuram a dimensão histórica e cultural de uma determinada comunidade.*

CARVALHO, Ricardo . 2016





Podemos afirmar que a cidade de São Tomé se baseia numa sociedade precária e tal facto resultou numa união da população, tendo-se, por isso, tornado numa comunidade que se comporta como sendo uma irmandade. Isto reflete-se no espaço público que a cidade oferece, onde a população acaba por passar grande parte do seu tempo e onde se dá o convívio entre todos os intervenientes.

Com isto a rua deixa de ser apenas usada como zona de passagem tornando-se também a local de permanência. O estreitamento das vias dá lugar a um nível de intimidade entre vizinhos bastante maior, acabando por surgir naturalmente, o convívio de rua. As habitações acabam por se estender para a via pública, ou para o espaço adjacente à mesma, que *a priori* era dado como público. O proprietário da casa apodera-se assim desse espaço, por vezes apenas para convívio com outros indivíduos da população, ou para dar vida a um negócio. A rua passa a ser onde a vida santomense acontece e é vista como ponto de encontro, de comércio e diversão. Apesar de este fenómeno estar mais presente na chamada cidade informal, a cidade formal também o reflete mas em menor escala.

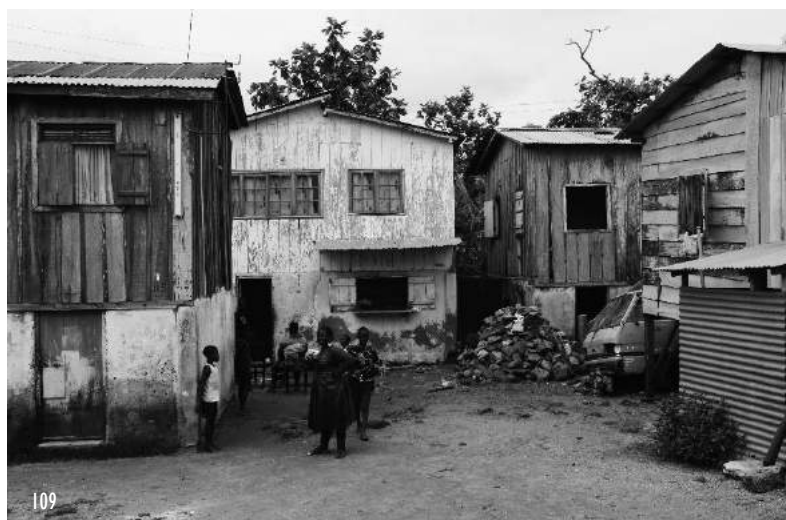
*Na arte da arquitetura, a casa é seguramente aquilo que melhor caracteriza os costumes, os gostos e os usos de um povo; a sua ordem, como a sua distribuição, não se modifica se não em tempos muito longos*

Viollet-le-duc . 1863

O mesmo acontece no centro da cidade, maioritariamente, em praças, habitualmente ligadas a edifícios com algum peso citadino. Igrejas, escolas, edifícios destinados à gestão da cidade, biblioteca, entre outros, acabam por ver as suas frentes constantemente vistas como ponto de encontro da população para troca de bens, dos jovens após as aulas e onde os turistas podem vivenciar momentos ligados à cultura e à vida santomense.

Podemos dizer que estes espaços polivalentes e agregadores da cidade são, muitas vezes, palco do que a cidade tem para oferecer, social e culturalmente. Estes pontos além de serem escolhidos estrategicamente devido

à sua ligação com elementos motores da cidade, as questões de sombreamento não passam também despercebidas, sendo os espaços públicos qualificados, apesar de poucos, os mais frequentados. Como é o caso do Parque Popular que se encontra num processo de degradação e onde, outrora, ocorriam as celebrações da cidade e, hoje em dia, acaba por ser usado pela população mais jovem devido ao campo de jogos nele presente, que funciona como pondo de atração, abrigando também alguns postos de restauração. Ganhando também vida devido à sua proximidade com a Biblioteca, o Cineteatro, o Arquivo Nacional e ainda com o Liceu, apesar de mais distante que os últimos referidos, estando estes assentes numa das fronteiras do parque.





110 Espaço público





112

### 3. | GEOGRAFIA FÍSICA E HUMANA

*São Tomé constitui um dos exemplos mais interessantes de cidade colonial de matriz portuguesa, apresentando uma ordem espacial unificada, com tempos de construção identificáveis que constituem o referencial de um discurso urbano e pictórico, à escala pedonal. (...), esta cidade pauta-se por uma organização espacial afeta ao sistema operativo romano – rua, largo e praça – marcada por um dispositivo morfológico que, na gíria, é dominado por quarteirão, apresentando naturalmente diferenças, conforme os tempos de construção da cidade. Podem identificar-se diferentes modelos, tanto nas tipologias correntes (habitação) como nas de natureza excecional (equipamentos) e sobre tudo de carácter fundador no assentamento urbano.*

## #CLIMA

São Tomé caracteriza-se por ser um local com um clima equatorial, quente e húmido, com temperaturas a variar entre os 22º e os 30º, sendo que se aponta para uma média anual de 26,5°C, com níveis de pluviosidade muito elevados, oscilando em média, em toda a ilha, entre os 2000 e os 3000 mm anuais podendo chegar a alcançar os 7000mm nas zonas florestais. Na capital ronda uma média de 1000mm/ano. Quanto às estações do ano na cidade divide-se essencialmente, em duas: a chamada gravana, sendo esta o período mais frio e seco apenas com a ocorrência de alguns chuviscos, presente nos meses de junho a setembro; e a época de chuvas, de outubro a maio, com presença de trovoadas violentas, chuvas fortes, mas com temperaturas elevadas. Talvez os meses de agosto a outubro registem mais horas de céu limpo e tempo seco. Cidade com uma certa proximidade com a linha do equador, onde a duração dos dias é praticamente igual à das noites, mas devido à nebulosidade constante, as horas de “céu limpo” apenas de 3 a 5 horas.

## #VEGETAÇÃO

## #SOLOS

## #ÁGUA

Falamos de uma cidade que ao contrário do resto da ilha é praticamente plana, acentuando a sua topografia à medida que nos afastamos dela. Tendo em conta este aspeto e o fator clima<sup>1</sup>, anteriormente referido, as águas da chuva acabam por ser escoadas pela ribeira ainda presente na cidade e absorvidas pelos terrenos, visto serem grande parte deles permeáveis. Estes surgem entre o edificado e onde é possível observar bastante da vegetação que, outrora, pertencia à floresta santomense e foi sendo desbravada para dar lugar ao quotidiano citadino. O que resta da floresta é agora denominado por Parque Natural do Obô, estando classificado como reserva natural da biosfera pela UNESCO desde 2006 com o intuito de proteger as espécies raras que ali habitam, falando quer da flora, quer da fauna. A vegetação restante por entre a cidade acaba por não ser suficiente para combater o clima, como referido, há escassez de sombreamento e em especial nos espaços públicos, passando

<sup>1</sup>São as condições climáticas naturais vividas em todo o arquipélago que proporcionam um ambiente capaz de favorecer o desenvolvimento de grande variedade de elementos a nível da flora, otimizando o tempo decréscimo.



maioritariamente por árvores de fruto (entre elas, grande parte passa por árvores de fruta-pão, jaca, bananas, cocos). Apesar de ser mais recorrente entre a floresta, por vezes entre a cidade e a sua vegetação surgem insetos e repteis, como cobras, daí a necessidade de a cidade desenvolver a outra cota que não a do chão, mantendo as áreas a habitar sobrelevadas, protegendo-as.

A cidade de São Tomé organiza-se em bairros que, como já referido no capítulo anterior, foram crescendo de uma forma informal para responder as necessidades da população. Grande parte da cidade, junto à Baía Ana Chaves, está aparentemente organizada, comparando com a malha global da cidade. Ao passar da escala da cidade para a escala do quarteirão, denotamos no interior do mesmo um pouco de informalidade no que toca à sua distribuição, parecendo assim que apenas os acessos viários foram pensados, deixando esta escala um pouco ao acaso. Uma exceção é o bairro de moradias na zona Este da cidade habitada por uma classe económica superior à maioria da população santomense.

Esta população, que continua num crescimento constante, em 2015 contava com 194 mil habitantes divididos pelas suas seis províncias sendo São Tomé a capital de distrito de Água Grande e, por consequente, é a região onde se concentra a maior percentagem de habitantes do arquipélago. Trata-se de uma população particularmente jovem em que a esperança média de vida é uma das mais altas do continente africano, onde a taxa de alfabetismo é bastante alta e onde se prevê que o número de habitantes suba para 329 mil em 2025<sup>1</sup>.



#HUMANA



<sup>1</sup>Dados retirados do Instituto Nacional de Estatística de São Tomé e Príncipe

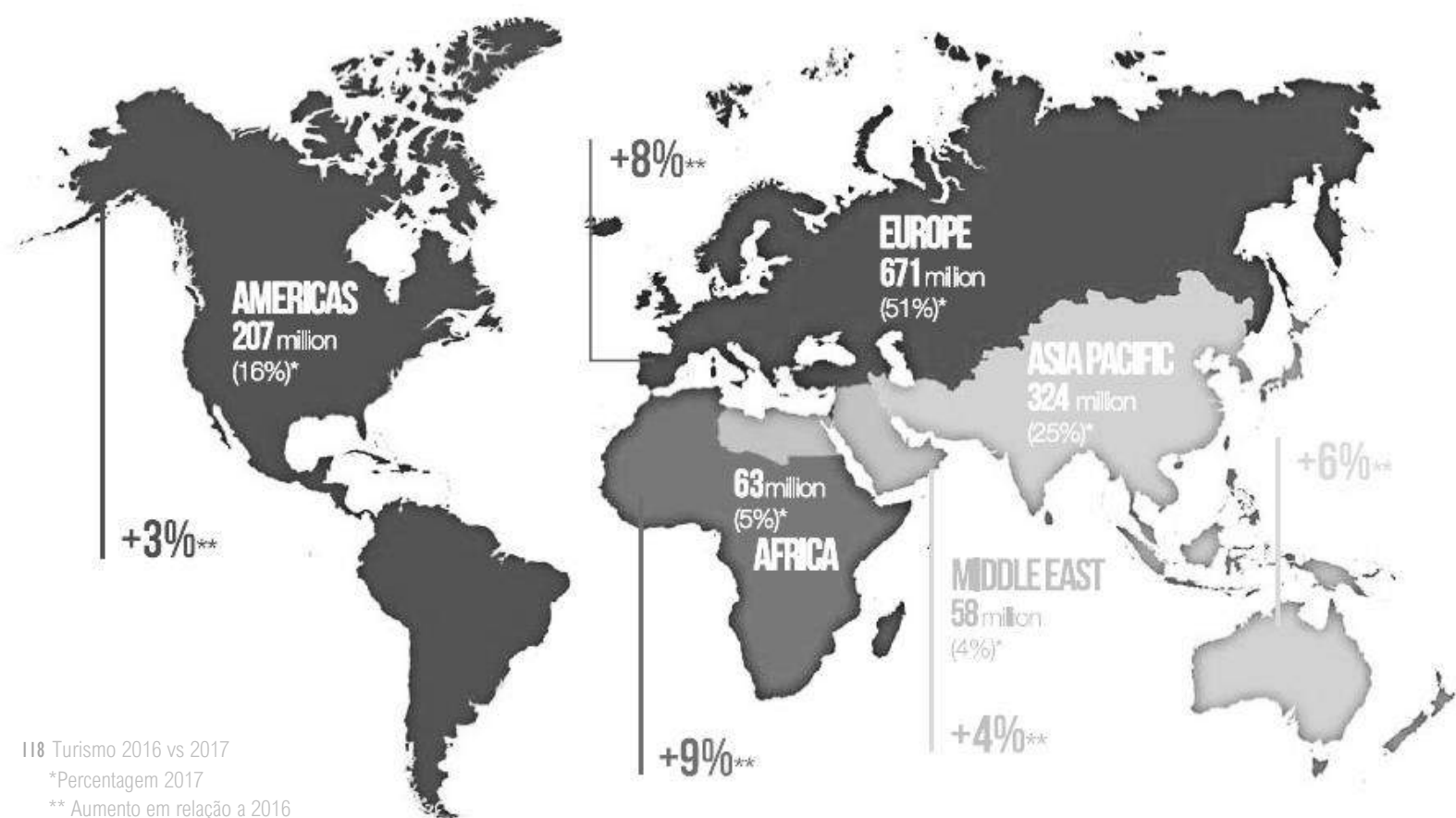








## **0 TURISMO**



As definições de turismo passam por diversas opiniões, há quem defenda que esta é uma atividade económica, que passa pela venda de uma imagem, uma indústria, há quem a defina como um mercado invisível de bens e serviços e até que passa por uma prática social, da qual as atividades económicas são consequência. Mas algo de que todas estão de acordo é que acaba por envolver vários setores e tipos de atividades do local recetor, desde o setor primário, como a agricultura, pesca, e outros, aos serviços disponíveis, como é o caso das infraestruturas, e ainda surgindo um contacto entre culturas diferentes.

Dentro deste setor, considerado um dos motores económicos, podemos destacar dois grupos com objetivos diferentes na sua ligação com o turismo: os visitados e os visitantes. Este último, procura em um período de tempo limitado o maior e melhor aproveitamento possível, otimizando e procurando experiências que não fazem parte do seu dia-a-dia e assim atingir ou até superar as expectativas que tinha à chegada ao país que o recebeu. Já o visitado, tem não só que cativar o visitante como aproveitar os recursos que a sua terra tem disponíveis para um proveito próprio, criando assim oportunidades tanto para o turista como para si, resultando numa melhoria de condições de vida através de um desenvolvimento económico tanto pessoal como local.

O turismo pode ser intitulado como desenvolvimentista económico, através da exportação e rentabilização dos recursos naturais, mas também leva a uma evolução no campo social e cultural. Favorecendo, através do contacto direto entre visitante e comunidade local, trocas culturais, de conhecimentos, tendo ambos contactos com realidades diferentes das do seu quotidiano.

Primeiramente o turismo era visto pelo visitante como um tempo limitado que deveria ser aproveitado sem qualquer preocupação para com a comunidade recetora e os seus recursos naturais. Hoje em dia, o próprio turismo e a relação turista-local recetor sofreu, também, ela uma evolução, havendo um respeito pelas comunidades e reconhecimento que estas podem também ser,

por parte do visitante, uma forma de enriquecimento, tanto pessoal como culturalmente, através do contato com outras realidades.

*Atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano com a finalidades de lazer, negócio ou outros*

OMT (Organização Mundial do Turismo)





## I. | O TURISMO EM SÃO TOMÉ

*O turismo pode ser entendido como um instrumento para incentivar a manutenção e a preservação cultural através da valorização da autenticidade dos traços culturais pré-existentes, promovendo a originalidade, a diferença, a particularidade e a especificidade sociocultural'*

BRITO, Brígida Gomes in *Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas, Turismo, ambiente e Práticas educativas em São Tomé e Príncipe* . 2009

O turismo em São Tomé tem tido uma evolução lenta, apesar do governo ver este sector como uma estratégia de forma a melhorar a economia nacional. Apesar de este acabar por não tomar grandes medidas em relação a tal sendo quase tudo o que o turista necessita importado e sem melhoramentos na receção dos visitantes. Assim, o turismo santomense só agora começa a ganhar expressão a nível internacional, sendo grande parte dos seus visitantes europeus e africanos. Estes acabam por ser atraídos pela insularidade e tropicalismo, a par com a cultura e clima santomenses que em conjunto fazem com que o turista tenha uma experiência totalmente diferente do que este vivencia no seu dia-a-dia. Tendo o turismo em São Tomé, nos dias que correm, sofrido um crescimento acentuado.

*A oferta turística de São Tomé e Príncipe alimenta-se do seu tropicalismo. A localização geográfica, a autenticidade das belezas naturais, a vegetação luxuriante, as praias de águas cristalinas, a diversidade climática, em suma o seu enquadramento paisagístico, aliado ao espírito acolhedor e ao trato amável do são-tomense, viabilizam e concorrem para estimular o fluxo regular de visitantes estrangeiros (...)*

GOMES, Telles . 1986

Este território bastante virgem mas repleto de história e memórias, tem a capacidade de acolher vários tipos de turismo: o costeiro, que se acredita ser o maior ponto de atração, ligado à praia, sol, mar e desportos marítimos; de montanha, onde é possível observar a flora e fauna presenciando espécies raras e ainda a possibilidade de fazer escaladas aos pontos mais altos da ilha; o agroturismo, através das roças e a possibilidade de nelas visitar todos os processos por onde passam os produtos desenvolvidos nas mesmas, desde a plantação ao produto final; e o urbano, onde transparece a herança colonial pela sua arquitetura. São Tomé atrai ainda pelos seus elementos culturais da qual fazem parte a sua música, danças, teatro, festas religiosas, rituais festivos, artesanato, artes plásticas, gastronomia, entre outros. Este país é ainda portador

de características sociais e antropológicas, cativando o turista pelo acolhimento que é feito pelos locais.

Nem tudo são pontos positivos, as condições sanitárias, a degradação e por vezes a inexistência de infraestruturas é algo que ainda precisa de um grande investimento. Brígida afirma ainda que o povo santomense tem tendência a perder, aos poucos, os elementos culturais que o caracterizam. Existem também pontos negativos ligados ao sector turístico, tanto a pouca oferta do empreendimento turístico como a escassa formação do pessoal trabalhador no ramo hoteleiro, e ainda a escassez de restauração.

Ao longo de toda a ilha de São Tomé é possível encontrar pontos hoteleiros espalhados pelas roças para além da possível pratica de campismo. À escala do arquipélago é possível encontrar várias modalidades turísticas, desde eco-resorts, a turismo rural ou hotéis, ditos, de luxo. A única categoria que tem passado ao lado da aposta santomense é a de dar a oportunidade a quem a visita e/ou se desloca até estas ilhas de ficar realmente num local com todas as comodidades que um hotel oferece, mas com a exceção de em vez de o turista habitar apenas um quarto, habita quase que uma casa, ou seja, um aparthotel. Na capital santomense a oferta turística atualmente, passa por algumas residências, *guest houses* e dois hotéis *Pestana*. Sendo estes dois hotéis os empreendimentos de melhor qualidade, estando avaliados um em quatro e outro em cinco estrelas, oferecendo aos seus visitantes várias regalias que não encontramos nos restantes equipamentos hoteleiros como é o caso dos espaços ligados à restauração no seu interior, piscina, spa, ginásio, tendo ainda várias salas de reuniões incluindo um auditório com 1300 m2.





RESIDENCIAL  
ITO GOMES

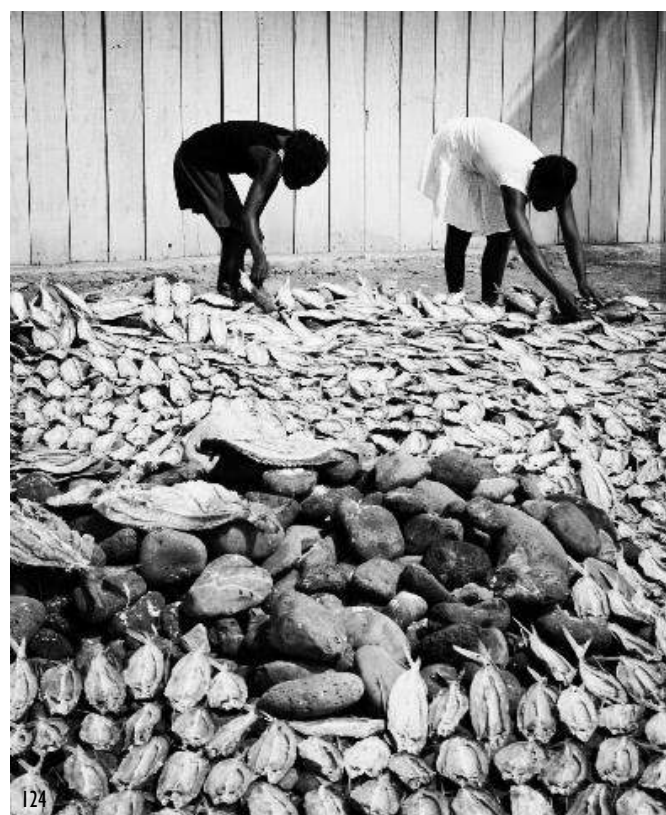
HOTEL  
SÃO PEDRO

HOTEL  
AVENIDA 3\*

MIRAMAR 4\*

PESTANA 5\*





### 3. | O TURISMO COMO DESENVOLVIMENTO

#### SUSTENTÁVEL

*O desenvolvimento sustentado do turismo consiste na gestão de todos os recursos de uma forma que, e tendo por escopo a satisfação de necessidades económicas, sociais e de lazer, mantenha a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas básicos de vida*

Conferência de Vancouver . 1990

Entende-se como definição de desenvolvimento sustentável, em *Brundtland Report* (1987), aquele que tem como objetivo combater as necessidades atuais, mas sem nunca comprometer o futuro das gerações futuras, tornando-se assim num pensamento a longo prazo. Na conferência *on Sustainable Development*<sup>1</sup>, acrescenta-se ainda que esta evolução sustentável que procura uma melhoria das condições de vida dos locais de um certo país ou cidade, deve também contemplar medidas que não prejudiquem o meio ambiente, mas sim um equilíbrio entre este e a comunidade.

É em 1994, no âmbito da *Conferência Global para o Desenvolvimento Sustentado de Pequenas Ilhas-Estado em Vias de Desenvolvimento*<sup>2</sup> (Nações Unidas, Bridgetown), que o turismo surge como atividade capaz de proporcionar uma evolução nos PIEVD's seguindo os padrões do desenvolvimento sustentável. Vários territórios insulares foram destacados como ideais nesta aposta, estando o arquipélago de São Tomé e Príncipe incluído. Desta conferência sai também a salvaguarda de que é necessário ter uma certa precaução, pois caso o crescimento não seja bem planeado, este pode gerar um turismo de massas e por consequente levar a uma tendência de perda cultural.

O desenvolvimento sustentável está não só associado ao sector económico, como também ao sociocultural e ambiental. Assim a UNESCO afirma que *a estratégia de desenvolvimento turístico que deve ser promovida e incentivada do ponto de vista internacional é aquela que respeita simultaneamente o património natural e construído*. Este deve atender ao que é expectável pelos visitantes, sem esquecer as necessidades das populações locais e sem comprometer os recursos naturais do país.

Um turismo sustentado contribui para um desenvolvimento sustentável e equilibrado devido à promoção económica que este oferece ao país, gerando receitas; é um meio de ligação, neste caso, entre São Tomé e outros centros internacionais; consequentemente, há uma melhoria das infraestruturas do país recetor; aumento de postos de trabalho e aposta na formação dos seus locais,

<sup>1</sup>Promovida pelas Nações Unidas,  
Vancouver . março 1990

<sup>2</sup> Promovida pelas Nações Unidas,  
Bridgetown

resultando numa melhoria das condições de vida da comunidade santomense e reduzindo assim o nível de pobreza da comunidade<sup>1</sup>.

A aposta no turismo sustentável, tendo por base os parâmetros já mencionados, é ainda um meio para São Tomé e Príncipe dar ênfase às atividades produzidas no seu território; exportar os seus produtos; desenvolver vários setores como a educação, saneamento, saúde, energia, transportes, tecnologias e até estruturas viárias; existência, não só, de uma preservação e divulgação do seu património como também pode ser visto como um revitalizador de práticas culturais/artísticas que podem ter sido perdidas ao longo dos tempos; uma melhoria do meio ambiente, preservando espécies raras e endémicas presentes quer na fauna quer na flora santomense; promove ainda o surgimento de novas empresas e melhoria nas atuais, mesmo em comércio local, rentabilizando assim outros setores, direta ou indiretamente ligados ao ramo turístico, como a agricultura, a pesca, a indústria e serviços locais. Este tipo de turismo baseia-se na promoção da produção local, criando relações comerciais com produtores santomenses, bem como na utilização de energias renováveis, fugindo assim aos alicerces do turismo tradicional que se baseiam, quase exclusivamente na economia, esquecendo-se da preservação ambiental e cultural destes elementos caracterizadores, descontextualizando-os por vezes da prática turística do país.

<sup>1</sup>Brígida Brito em *Desenvolvimento Comunitário: das teorias às práticas | Turismo, ambiente e práticas educativas em São Tomé e Príncipe* . 2009

<sup>2</sup> Em *São Tomé-Elementos para uma análise antropológica das suas vulnerabilidades e potencialidades* . 1997



Heitor Romana<sup>2</sup> descreve-nos que caso esta aposta no turismo não seja planeada e pensada pode trazer consigo aspetos negativos. O investimento em alguns setores que hoje em dia são vistos como grandes potencialidades podem passar a secundários e aos poucos deixar de ter qualquer relevância e por fim levar mesmo ao seu abandono, o que significa também numa perda de cultura. Mas dentro deste aspeto também devemos equacionar que uma dependência total no turismo pode ser gerada e com ela acaba-se por perder os mecanismos de subsistência que hoje existem. Um desemprego sazonal pode surgir levando à migração dos locais. Assim o desenvolvimento sustentável deve ter uma estratégia de intervenção participativa da comunidade, tentando diminuir o assistencialismo de que São Tomé necessita nos dias de hoje.



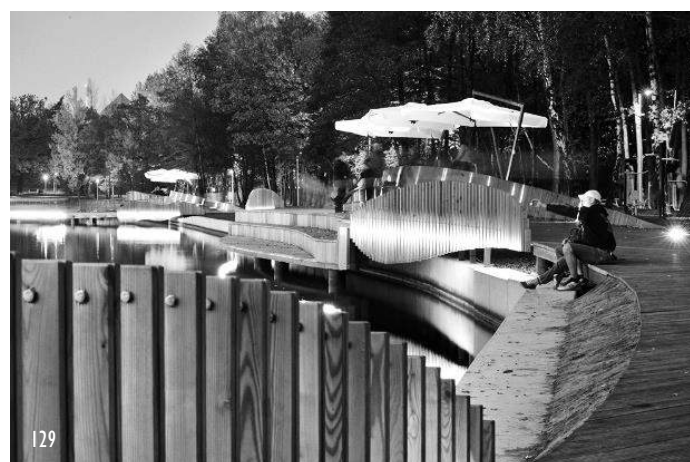


## CASOS DE ESTUDO



## 1. REURBANIZAÇÃO COSTEIRA DO LAGO PAPROCANY . Tychy, Polónia RS+ . 2014

Tychy, pequena cidade que tem como fronteira o Lago Paprocany, onde no intermédio destes dois pontos podemos encontrar um centro de lazer destinado a atividades quer recreativas quer desportivas. É neste âmbito e com a intensão de expandir o centro recreativo que 400 metros de margem do lago deixam de ter como elemento primordial a, chamada, terra batida, passando a albergar uma promenade onde a madeira surge como materialidade escolhida, como forma de enaltecer o uso de materiais naturais, mas também como forma de esta construção não se tornar, visualmente, invasora ao espaço circundante, permitindo assim uma continuidade da densa flora ali existente.





O que à partida poderia ter sido apenas uma plataforma sobre a água com o plano de água que nos leva até ao horizonte, acabou por ser um lugar de referência pela sua variedade de espaços e atividades possíveis ao longo de uma costa continua com um uso muito pequeno de materiais verticais para não perder esta sua ideia de continuidade, obstruindo a visão de quem a usa.

Alternando entre saliências e reentrâncias, este percurso dinâmico dá-nos a ideia de ida e volta à terra permitindo sempre uma perceção do espaço diferente em cada zona. Assim, surge então uma nova praia de areia, uma zona desportiva ao ar livre, zonas de estar e contemplação, como é o caso de uma zona que dispõe de uma rede esticada sobre a água ou umas modelações no terreno que passam de bancos a bancadas em dias de competição.

Quando falamos em Tychy falamos de uma cidade onde anoitece bastante cedo e por conta de um plano de iluminação integrado no mobiliário utilizado, com um nível de consumo de energia baixo, torna possível aos usuários desfrutarem do local por mais tempo num ambiente agradável.

Este conjunto acabou por despertar uma nova centralidade, neste local onde que *a priori* era apenas um trecho de margem para uso dos pescadores locais.

---

No fundo a margem que separa a cidade de São Tomé do oceano, devido o seu estado atual, semelhante ao de outrora em Tychy, acaba por ser habitada mais frequentemente por pescadores podendo ser um ponto de lazer, desporto, permanência, como se tornou a margem do lago Paprocany. Assim, e baseando-se também na materialidade usada, uma nova centralidade pode ser criada em São Tomé recorrendo a uma prática sustentável e favorecendo a ligação entre a cidade e o plano de água,

2. WALUMBA ELDERS CENTER Warmun WA,  
Austrália  
Iredale Pedersen Hook . 2014

13 de março de 2011, Warmun é afetada por uma forte catástrofe natural, uma inundação que viria a deixar grande parte do território destruído. Entre os edifícios danificados, além de várias habitações, surge um destinado aos idosos locais.

A elaboração deste projeto passou não só pelo atelier Iredale Pedersen Hook como também pelos seus futuros habitantes e utilizadores assíduos, ou seja, os seus trabalhadores, tornando-o assim num projeto participado. Este acaba por ser visto como sustentável, sendo os setores cultural e social os mais focados.



A escolha da localização é prova disso, a proximidade quer com a escola quer com o centro da cidade, permite assim que a geração mais velha continue a ter o seu papel como educadores dos mais jovens, e por conseguinte, dar continuidade à cultura da comunidade.

Estamos perante um clima tropical em que a época de chuvas é bastante intensa e de forma a proteger o edifício destas intempéries, optou-se por sobrelevá-lo até à cota atingida pelas águas de 2011, formando assim um piso vazado ao longo de todo o edificado. Este espaço térreo deixado pela sobrelevação, é destinado a toda a comunidade, sem restrições. O local torna-se bastante apreciado quer no verão pelo sombreamento obtido, quer no inverno em que os sistemas de escoamento formam cascatas bastante apreciadas pelos mais jovens, permitindo assim, mais uma vez, que todas as gerações possam interagir. Durante o verão, e com as temperaturas elevadas, a sobrelevação dá passagem a uma brisa natural o que torna o espaço habitado mais fresco e além desta estratégia de combate aos fatores adjacentes a este tipo de clima, o piso superior possui uma generosa galeria além de outros sistemas de sombreamento.

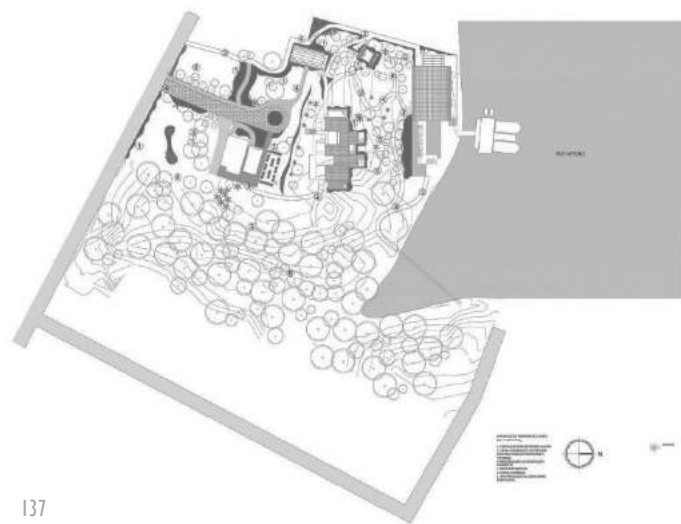
Este projeto contou com empreiteiros locais para a sua execução, assim a sua materialidade e tecnologia aplicada na construção, foram escolhidas tendo em conta os conhecimentos da comunidade. Há ainda um espaço para o cultivo de plantas medicinais de acordo com a cultura da comunidade. Além do que já foi referido foi ainda tido como objetivo principal proporcionar a todos os utentes uma ligação com o exterior através da presença de varandas em todos os quartos.

Ao falarmos em sustentabilidade cultural e ambiental, pressupõe-se um estudo sobre as técnicas construtivas do local e *a posteriori* tentar a sua aplicação no edifício a desenvolver. A par deste fator o Centro de Walumba Elders reflete que a localização/proximidade com áreas específicas da cidade é fundamental, mais uma vez, pela sustentabilidade mas desta vez social.

3. MIRANTE DO GAVIÃO . Novo Airão, Brasil  
Atelier O'Reilly . 2014

O hotel torna-se um ponto de repouso entre as expedições executadas no rio Negro, havendo uma ligação tanto de proximidade como visual com as suas águas e o Parque Nacional de Anavilhas.

Projeto que teve como base a sustentabilidade, desde a sua projeção à sua execução, viu o seu início assente em estudos climáticos, de ventilação, insolação e pluviométricos. *A posteriori*, foram tomadas decisões de forma a combater e aproveitar o clima a favor do conforto no ato de habitar. Várias técnicas, quer passivas, quer ativas, foram utilizadas, como é o caso da renovação do ar por via de ventilação cruzada, favorecer a iluminação natural, captação tanto de energia solar como de águas pluviais, compostagem e utilização de materiais naturais.



137



138



139



140



141

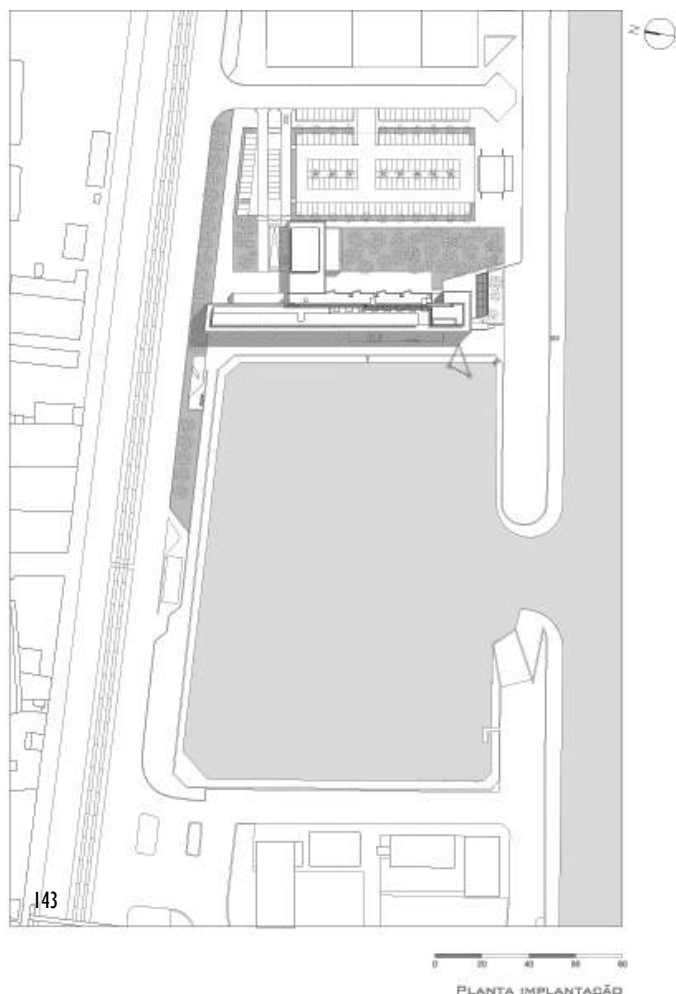
A projeção desta unidade hoteleira passa também por um cuidado no que à inclusão social diz respeito. Falamos de uma comunidade muito ligada à construção de barcos, tendo esse conhecimento passado de geração em geração. De forma a incluir a comunidade na mão-de-obra da construção do edificado, o Atelier O'Reilly, optou neste projeto seguir diretrizes da tecnologia usada na execução de barcos por parte da comunidade. Assim, a estrutura do edificado passou pela mesma de um barco, mas, invertendo-a. Com isto, durante dois anos, sessenta pessoas da comunidade participaram na construção deste projeto e atualmente vinte ainda aí permanecem.

Projeto ligado também à arquitetura vernácula, estando assente em palafitas, passando esta opção por mais uma estratégia no que diz respeito à sustentabilidade, permitindo uma ventilação inferior que, consequentemente, faz um arrefecimento do ar dos espaços a habitar.

A ligação ao mar e ao resto da natureza circundante de que esta unidade hoteleira prima aliada às técnicas de construção já conhecidas pela população da vila *a priori*, desperta o interesse de quem a visita. Além da multifuncionalidade e organização de espaços, tornou-se um exemplo a estudar na excussão de um projeto para São Tomé e Príncipe devido às suas condições quer climáticas, que sociais idênticas as de Novo Airão.

4. ALTIS BELÉM . Belém, Portugal  
Risco . 2008

Hotel de cinco estrelas, com cinquenta quartos, localiza-se numa das zonas que alberga mais turistas em Lisboa, Belém, entre o Museu de Arte Popular e a Doca do Bom Sucesso. Este hotel resulta de dois volumes perpendiculares, tendo sido concebido de forma a não ser um obstáculo visual entre os famosos monumentos, Monumento dos descobrimentos e a Torre de Belém e, prima ainda pela sua relação com o plano de água. A sua materialidade permite que se misture entre os edifícios da envolvente. Ao entrarmos no interior, e muito pela luz natural presente no edifício, sente-se que o mesmo é amplo e aberto para o resto da cidade.



A fachada e a privacidade dos quartos em relação às pessoas que passam na rua é dada por uma tela regulável que, também, protege os quartos do calor ou, quando aberta, permite uma visão total sobre a cidade a partir de uma varanda presente nos quartos.

Além dos quartos o hotel abriga ainda vários espaços disponíveis ao público em geral assim como instalações destinadas a apoiar desportos náuticos, restaurantes e bares. O hotel dispõe de duas piscinas: uma interior, aquecida, outra exterior com um terraço com vista para o rio e para os monumentos presentes na envolvente; uma cafetaria, um sushi bar, um jardim, um bar com o rio e os visitantes de belém como plano de fundo, ginásio, zona de aulas e ainda um *spa* que oferece banho turco, sauna, hammam, duches sensoriais.

Quanto aos quartos, todos eles dispõem de uma instalação sanitária privativa e alguns deles possibilitam a sua utilização por parte de pessoas com mobilidade reduzida. Esta unidade hoteleira oferece, ainda, a possibilidade de quarto com área de trabalho, e de estar, e quartos com zonas de lazer, digamos assim, jacuzzi; também, dispõe de uma suite presidencial apetrechada com tudo o referido anteriormente e ainda uma sala de jantar, além de uma área mais generosa em todas as divisões.

A articulação dos espaços entre si bem como a ligação destes com o espaço público/cidade, tornam este projeto uma referência ao projetar uma unidade hoteleira na cidade de São Tomé. Quem usufrui deste hotel tem a oportunidade de escolha entre inúmeras possibilidades tipologia de quarto de hotel, abrangendo assim um público-alvo bastante alargado.







# 0 PROJETO



## I. | O PROGRAMA

*O seu objetivo [arte do relacionamento] é a reunião dos elementos que ocorrem para a criação de um ambiente, desde os edifícios aos anúncios e ao tráfego, passando pelas árvores, pela água, por toda a natureza, enfim e entretecendo esses elementos de maneira a despertarem emoção.*

CULLEN, Gordon 1961

Surge, então, a proposta de reestruturar uma zona com bastante peso no que diz respeito às vivências santomenses, mas que caminha a passos largos para um avançado estado de degradação: o Parque Popular. Local ligado à memória coletiva<sup>1</sup>, palco das festividades da cidade, como já referido, e onde os jovens acabam por passar grande parte do seu tempo devido, não só, ao campo de futebol nele instalado, mas também à existência de *internet wireless* fornecida pela Biblioteca Nacional. Do mesmo modo a restante comunidade encontra-se aí quer para momentos de convívio, quer para frequentar os espaços dedicados à restauração localizados no interior do Parque.

A intervenção deve então recair na perspetiva de oferecer uma nova vida a este espaço, bem como, passar por objetivos diferentes aos dispostos hoje em dia para o local e, por conseguinte atribuiu novos usos. Usos esses que deverão abranger uma aposta habitacional, educacional, comercial e ainda turística, criando assim uma zona multifuncional, atraindo a população e surgindo uma nova centralidade na cidade de São Tomé.

O programa proposto para este novo *fórum* na capital santomense, como resposta às necessidades de toda a população independentemente da faixa etária, pretende interligá-las e, ainda, integrar a comunidade visitante da cidade no corpo social desta população. Perspetivando assim, a oportunidade de dar continuidade e projeção à cultura e hábitos desta nação. Além do carácter cultural e social, também se pretende levar a cidade até à Baía Ana Chaves através do parque, tornando esta cenário do mesmo. Este que atualmente é o maior parque da cidade procura-se que seja ponto de charneira entre a cidade, o espaço público e o plano de água.

Sendo o turismo, segundo Korten (2007), meio de ascensão no que diz respeito à criação de condições de vida para a comunidade, desde que este passe por uma utilização de recursos locais ainda que a inclusividade social esteja na sua base, propõem-se assim um equipamento ligado ao mesmo. Sendo inexistentes unidades hoteleiras em São Tomé que façam a fusão entre as comodidades que um hotel oferece e o habitar, digamos, independente, surge a

<sup>1</sup>(...) é um processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este processo vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos ou experimentados por alguém, por HALBWACHS, Maurice . 1950

proposta de um hotel dividido entre duas vertentes: a de hotel, dito, convencional e de aparthotel. Onde, os objetivos deste acabam por dar continuidade aos já referidos, aliando-se à contribuição que este pode trazer à comunidade, promovendo um crescimento e desenvolvimento inerente à mesma.







## 2. | O URBANO

*Esta questão da forma urbana é colocada sempre que se reflete sobre a cidade, procurando a maioria das vezes articular a leitura da cidade experimentada, aquela que conhecemos ela experiencia do quotidiano, e a projeção de uma cidade desejada.*

COELHO, Carlos Dias . 2015





Edificado a manter 152

Como refere Nuno Grande, *não faz sentido renovar o centro de uma capital se não soubermos pensar também na sua periferia, a linha de contacto com outras “margens”*<sup>1</sup>. O mesmo se aplica à zona proposta a intervir reduzindo a escala que se aborda. No entorno do Parque Popular e no espaço adjacente que o separa do plano de água, o nível de degradação do edificado é superior ao do espaço público, aumentando tal facto à medida que nos aproximamos da Marginal. Marginal essa em que não só o pavimento mas também a guarda que simboliza o limite entre a terra e o oceano, em alguns pontos, é já mesmo inexistente. Assim a área a reestruturar e revitalizar, não se restringe apenas ao parque popular, estendendo-se até ao plano de água e abrangendo parte da Marginal da capital santomense.

Falamos de um local onde a natureza e o património quer histórico, quer arquitetónico são vistos como fatores fundamentais no que diz respeito ao desenvolvimento turístico em toda a ilha, sendo também elementos que garantem a continuidade da identidade santomense ao longo do tempo. Para tal, uma das premissas desta proposta passa por uma relação com a pré-existência, mantendo assim grande parte da vegetação e elementos religiosos existentes [1;4] na área a intervir bem como três edifícios que pela sua fachada nos remetem de imediato à época colonial [2] e ainda um bloco habitacional que se desenvolve em dois pisos [3].

<sup>1</sup>Em Arquitetura & Não: Margens Urbanas . 1999



153

153 Igreja do Bom Despacho



154

154 Igreja do Bom Sucesso

155 Casas coloniais

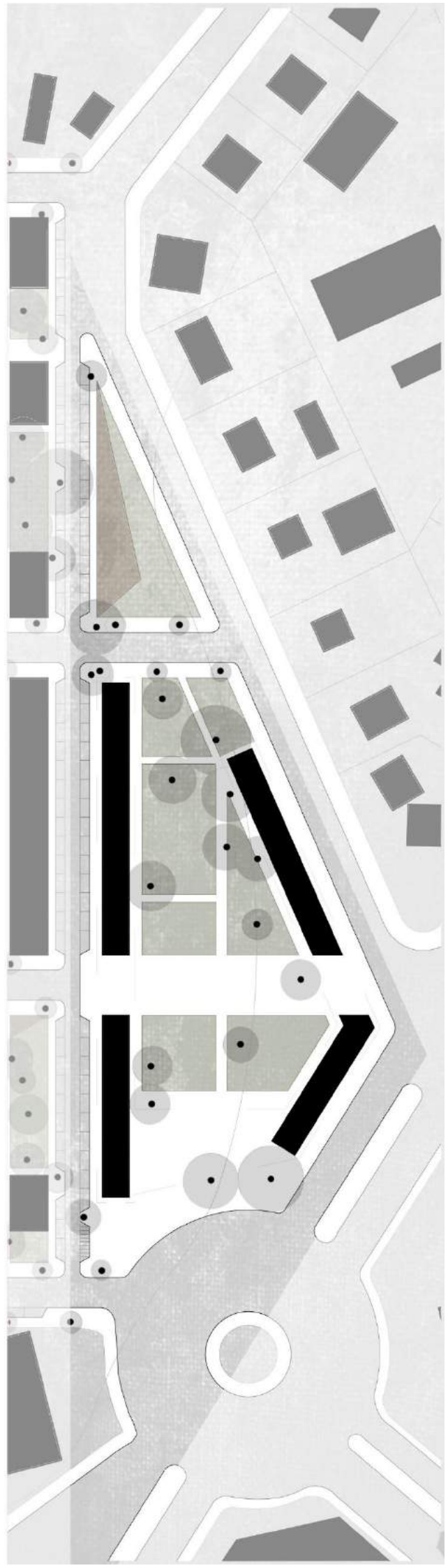
156 Edifício habitacional



155



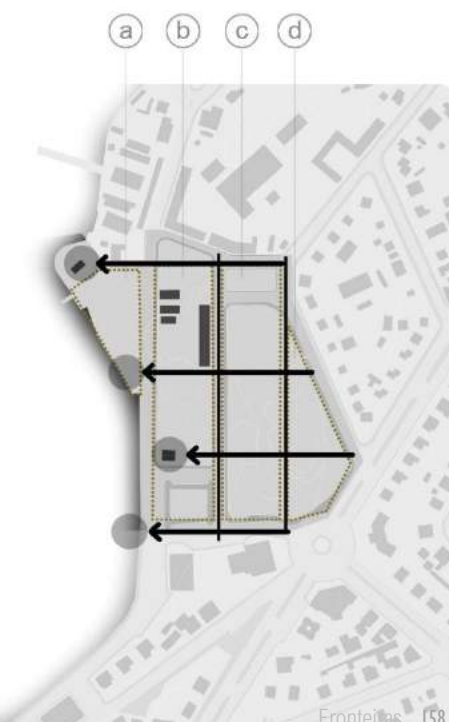
156







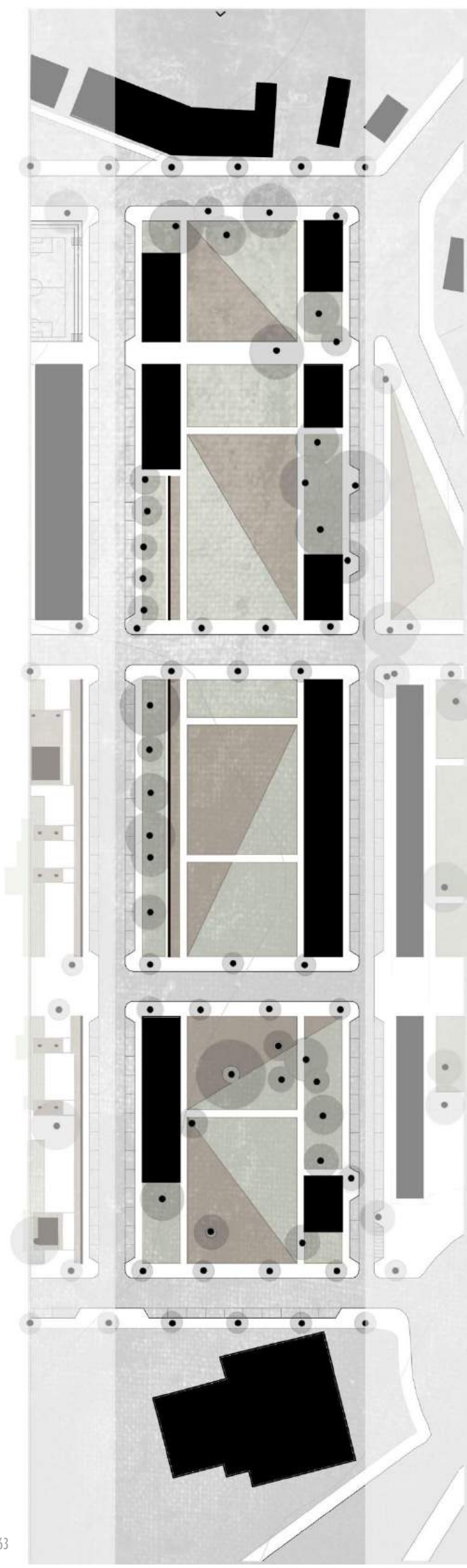
Local rodeado de usos distintos, havendo a necessidade de tornar este espaço num elemento de agregação entre: uma fronteira mais ligada à cultura [1], que se desenvolve, em torno de uma rotunda cercando-a, a Biblioteca Nacional, o Arquivo Histórico e o Cineteatro; por outro lado, uma zona habitacional [2] onde temos presente um bairro de moradias, em que grande parte da população que o habita está assente numa faixa económica acima da média santomense e um quarteirão onde as frentes são notoriamente organizadas mas o seu interior, não; além da frente de água temos ainda um quarteirão com o seu interior claramente desorganizado [3], onde aparenta que o edificado é um pouco deixado ao acaso, estando aqui presente a CACAU.



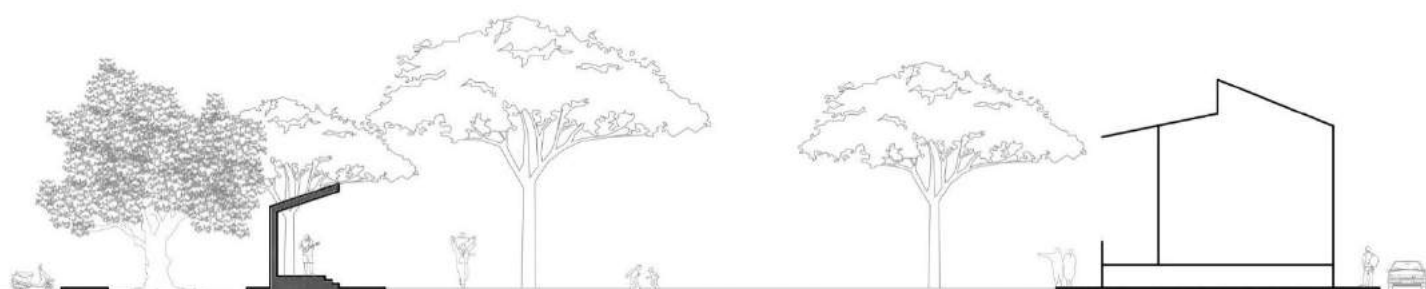
Através de uma malha ortogonal a cidade é levada até à baía por ruas rematadas por momentos de permanência, albergando, nesses pontos, quer edifícios religiosos, quer o equipamento proposto a desenvolver. Modela-se o espaço que dará lugar ao que se propõem vir a ser o Parque Popular, uma zona dedicada à educação superior e ainda uma zona habitacional.

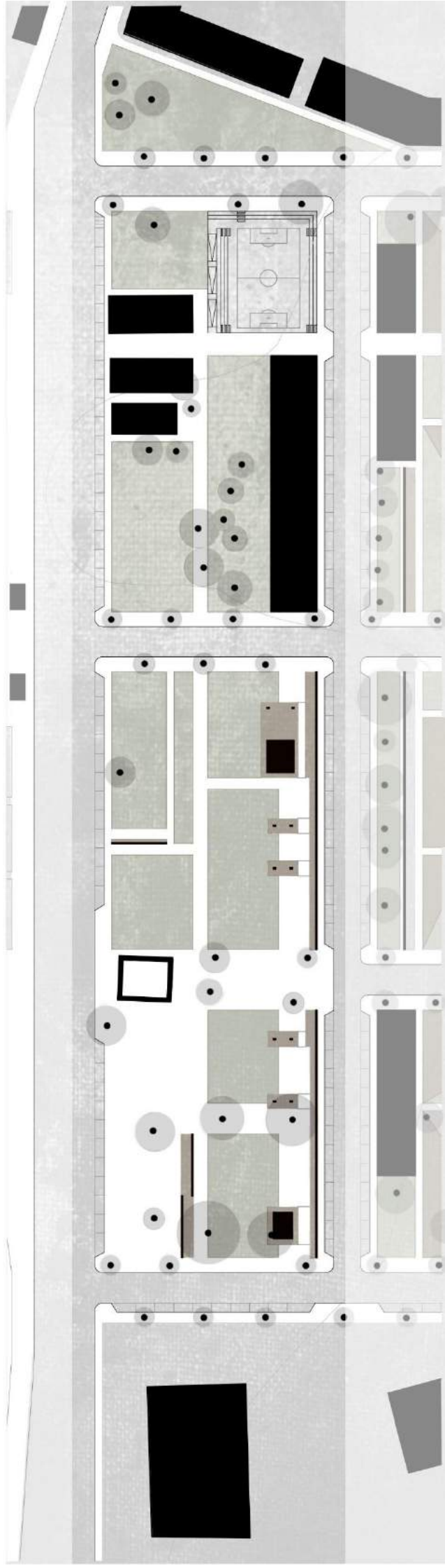
O elemento dedicado à educação [d] será tido como zona de transição entre a cidade e a restante proposta urbana. Procura-se que este se localize na, digamos, rotunda da Cultura onde já, como já referido, outros três edifícios dedicados à cultura nacional se encontram. Este não será o equipamento a ser desenvolvido mais à frente neste documento, mas pretende-se que este mantenha o espaço ao nível do piso térreo aberto a toda a comunidade, permitindo assim a circulação nos seus espaços interiores e servindo de passagem pedonal e acesso à restante intervenção.





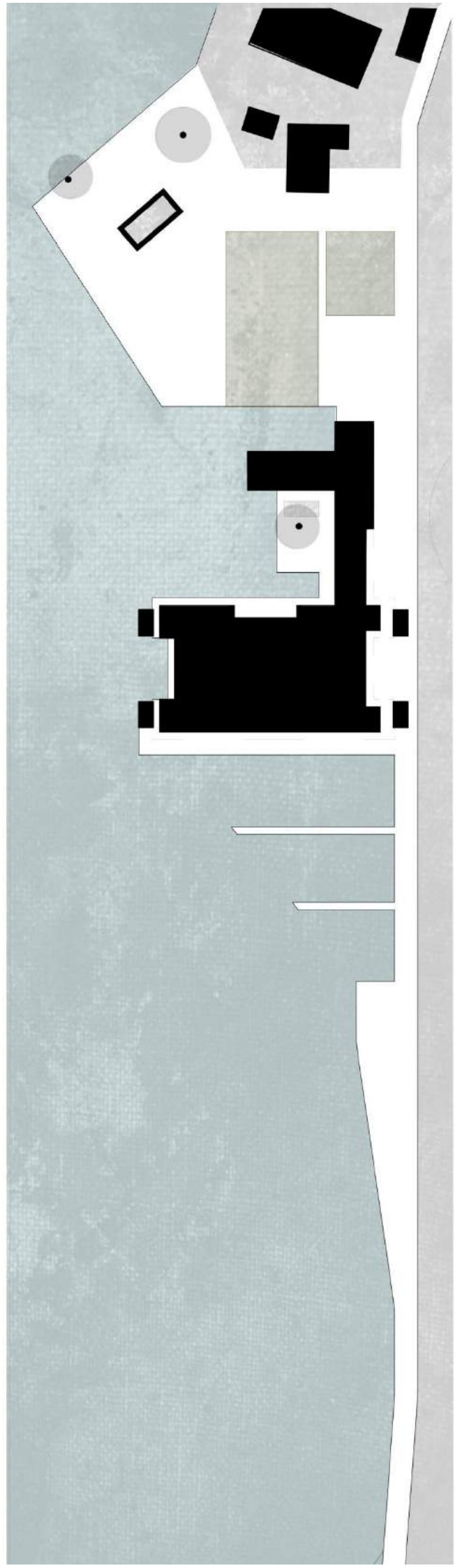
Algo inerente à cultura santomense, como tem vindo a ser descrito, é a sua apropriação do espaço público, não só no ato de habitar o espaço no sentido próprio da palavra, ou seja, como parte da sua casa, mas também como local de compra e venda de bens e convívio entre a comunidade. Como tal é proposto que o chamado Parque Popular, se divida em dois locais com ligação clara entre si, mas com usos e objetivos distintos: um [c], ladeado por edifícios dedicados à habitação e outro, com funções idênticas às que encontramos nos tempos que correm. Assim, a primeira referida, vê os seus limites delineados pelas habitações onde entre si são propostos locais, ao ar livre com o intuito de levar até aqui a população que tem como atividade económica a venda de bens, muitas vezes confeccionados e tratados pelos próprios vendedores nas suas habitações. Este espaço surge como resposta à necessidade se dar lugar às vendas informais que encontramos pela cidade, em especial junto à zona dos mercados onde estes já não têm capacidade para albergar todos os comerciantes espalhando-se estes pelas ruas circundantes. Estes espaços são demarcados por uma elevação do piso térreo, servindo assim questões climáticas inerentes a este tipo de climas, bem como para proteção contra animais rastejantes que possam surgir. Estas plataformas servem de palco para a economia local, mas não se restringem apenas a essa função. Nelas está presente a multifuncionalidade podendo tornar-se realmente palco de momentos festivos, de demonstrações de cultura santomense ou ser simplesmente um local de convívio e permanência.





Já o segundo, trata-se de uma zona fortemente ligada ao lazer. Tem a presença marcante da Igreja do Bom Despacho, que aliada a esta está um dos costumes santomenses com mais expressão nos dias de hoje: a ida à igreja e após esta terminar o espaço circundante da mesma torna-se palco de convívio. Este momento semanal funciona como um ponto de encontro da população e como tal, geralmente, encontramos um espaço público, considerado em São Tomé, qualificado junto ao edificado religioso espalhado por toda a cidade. Assim, as estratégias para este espaço público devem ser desenvolvidas sem se perder o sentido do lugar. É então proposto um espaço totalmente ao ar livre, portador de locais com sombreamento associados a zonas de convívios e espaços de estar, sendo albergados nestes espaços cobertos negócios que outrora já estavam fisicamente envolvidos no Parque Popular (restaurantes e cafés). Nesta extensão é ainda realojado o elemento dinamizador do parque atualmente, o campo desportivo. Este encontra-se a uma cota inferior à que se desenvolve a circulação pedonal citadina, de forma a criar postos onde a comunidade poderá observar os utilizadores deste espaço sem perder a ideia de continuidade, com uma vista quase desafogada ao nível do olhar de quem por ele passa e dando a ideia de que este novo espaço urbano apenas termina no plano de água. Associadas ao campo, propõe-se que as casas, que deixam transparecer a época colonial da sua construção e que ao contrário do restante edificado presente nesta área, não se encontram num avançado estado de degradação, sirvam de apoio a este espaço destinado ao desporto bem como abrigo para postos relacionados ao turismo, apoiando assim toda esta estrutura.







Neste plano urbano surge ainda a frente marítima dividida em três momentos: um porto, com a intenção de ser a ponte entre a cidade de São Tomé e a restante ilha, permitindo assim a circulação da população e dos bens provenientes das roças; um local ligado ao turismo; e um local de carácter religioso proveniente da pré-existência da Igreja do Bom Jesus.

Os acessos já existentes já garantem o acesso tanto ao resto da cidade como ao interior da ilha e como tal opta-se por mantê-los. Isto quer em termos viários, quer em termos pedonais sendo a marginal a via de ligação a grande parte da cidade apesar do seu estado. A intervenção passa então a ter lugar na marginal, não só restaurando-a mas fazendo dela um prolongamento do parque. Criando ao longo do percurso, que ligará esta nova centralidade à chamada, baixa da cidade, momentos de descanso para quem a atravessa, bem como postos para quem a usa como local piscatório.

*Entre os diversos elementos naturais que compõem a paisagem urbana, a árvore é, sem dúvida, o mais frequente, e a relação entre árvores e cidade tem uma longa e respeitável tradição (...) [árvore] presença viva que habita entre nós*

CULLEN, Gordon . 1971

Voltando à questão das pré-existências, os vazios entre o edificado são obtidos através da presença da vegetação ali existente. Além de falarmos de um clima onde a sombra surge como elemento chave no combate ao calor que se faz sentir, a floresta santomense está classificada como reserva protegida e como tal manter na cidade o pouco que resta dela remete-nos não só para a grande mancha verde santomense como mantém um pouco do que é a identidade do lugar. Apesar da existência destes elementos, a sombra é um elemento escasso na capital de São Tomé, como tal às ruas que nos transportam até à marginal é adicionada vegetação autóctone à existente, cumprindo a sua função, mas também dando uma continuidade visual que nos direciona até ao plano de água e o traz até à cidade.

Assim, propõe-se a promoção da cultura, a articulação entre a sociedade local e a cidade, bem como a interligação entre a comunidade de habitantes e a de quem a visita, num espaço público, sendo este o foco principal desta intervenção urbana.

Sistema evolutivo 168  
Proposta Plano Urbano 164









### 3. | O EDIFICADO

*Obstruindo a perspetiva, simultaneamente, convida-nos a entrar, e enche-nos de expectativa em relação ao que se encontra do outro lado*

CULLEN, Gordon .1971



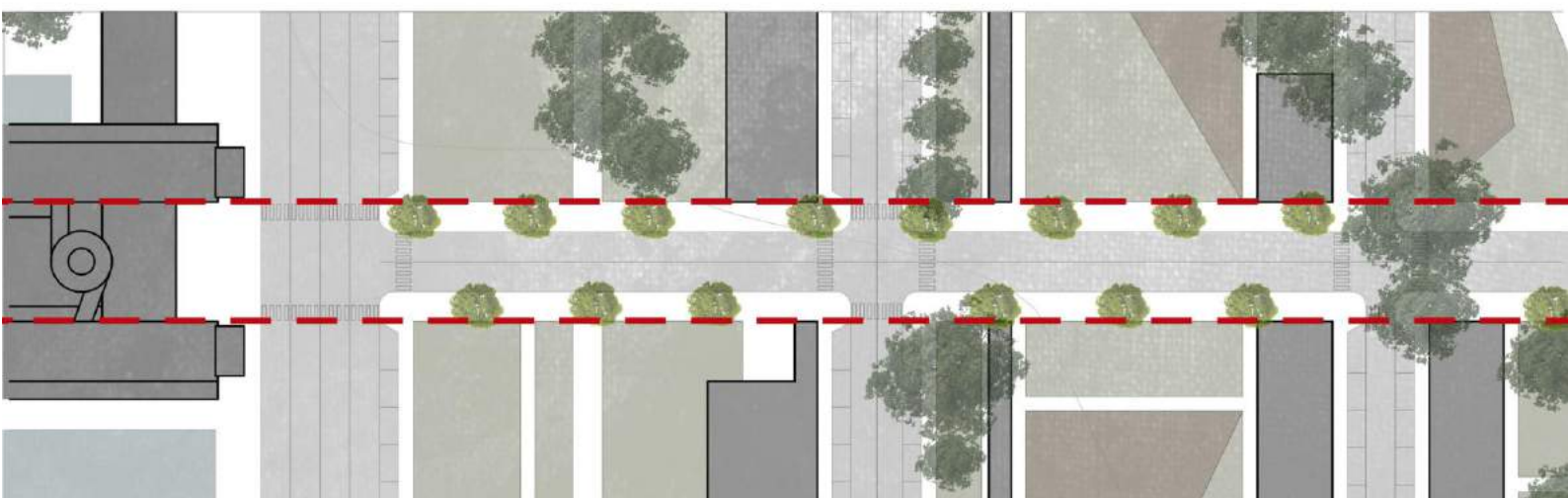




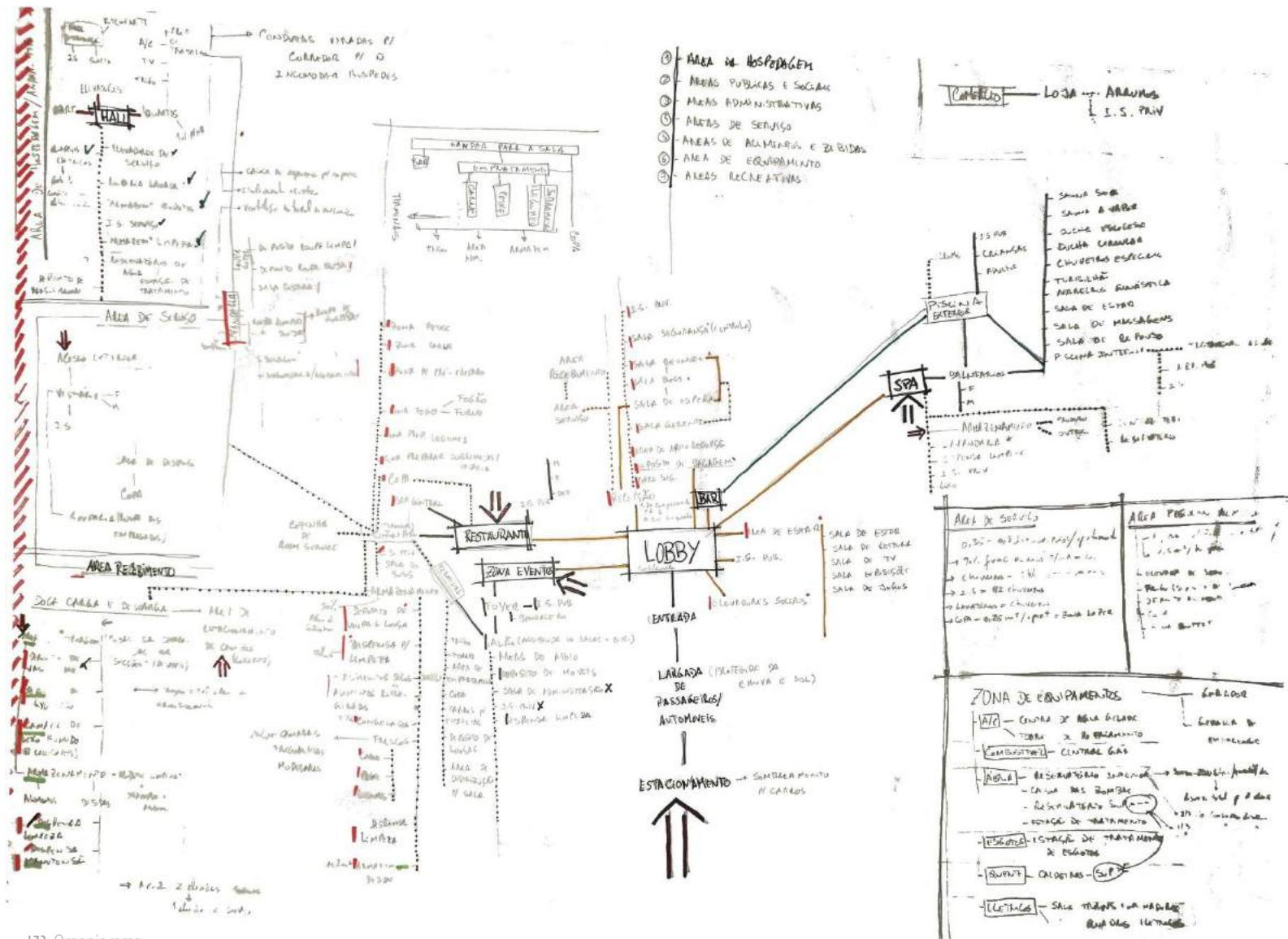
A área onde se propõe inserir o equipamento a ser desenvolvido, nos dias que correm, não passa de uma zona deixada ao abandono com edifícios devolutos invadidos pela vegetação que foi crescendo ao acaso. Zona esta que prima pela sua ligação ao plano de água e pela vista privilegiada sobre grande parte da Baía de Ana Chaves.

As premissas de base ao projeto proposto seguem então os objetivos já delineados no plano urbano. Pretende-se que o edificado dê continuidade à rua que remata, surgindo assim aspetos na volumetria do edifício que têm por base intenções de integração na malha apresentada anteriormente. Este objeto, propõe albergar uma unidade hoteleira onde se desenvolvem duas tipologias: a de hotel e a de aparthotel.

Edifício vs rua 172

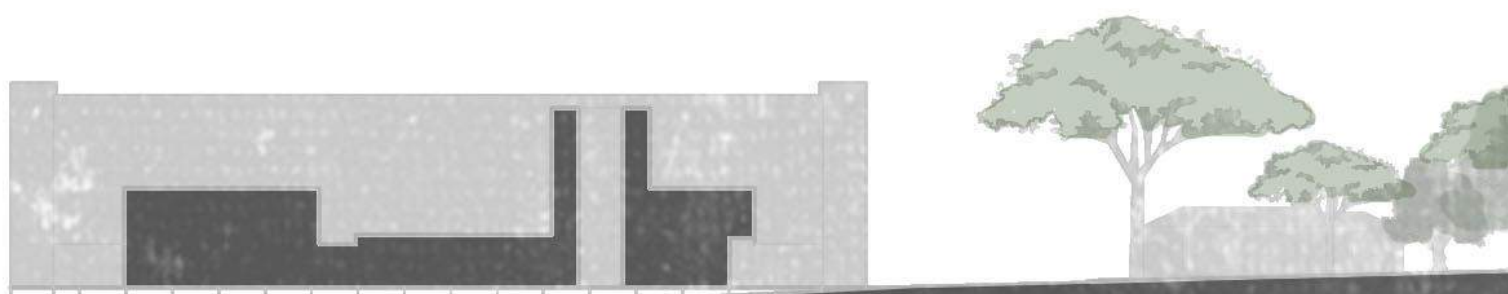






O objetivo é que o espaço dedicado à unidade hoteleira não seja exclusivo ao uso por parte dos visitantes que ali podem permanecer por uma semana ou vários meses. Desta forma, nos momentos de fronteira, digamos assim, com a cidade ao nível do piso terreo, surge a oportunidade dos espaços serem também habitados pelos locais, sendo estas estratégias um meio de atrair os ao local. Este aspeto passa pela diversidade programática e multifuncional presente no território que tem como função a união entre visitante e visitado.

O equipamento que se propõe, deixa de ser apenas um hotel, aconchendo zonas dedicadas à restauração, ao comércio, ao lazer e bem estar (SPA), não sendo estes de uso exclusivo do turista alojado nesta unidade mas sim estando abertos a toda a comunidade. Desta forma, todos os serviços estarão à disposição do público em geral, ao contrário do que verificamos na maioria dos hotéis espalhados pela ilha onde apenas o hóspede pode usufruir dos espaços agregados à unidade hoteleira. Este fator possibilita tanto uma integração da comunidade visitante na visitada como o oposto também acontece. A oportunidade de poder vivenciar as experiências que SãoTomé tem para oferecer de forma mais próxima é dada ao turista bem como para a comunidade local é uma mais valia o convívio com a população proveniente de países desenvolvidos. Esta premissa provém de um conceito que não poderia deixar de existir quando propomos o desenvolvimento de um projeto neste território: a sustentabilidade. Esta não passando apenas pela ecológica e ambiental, mas abraçando a social que, como nos diz Brito (2009), é um dos pontos fulcrais ao pensarmos intervir no seio de comunidades como a santomense. Pretende-se um envolvimento da comunidade desde o início do projeto até à sua utilização final. Além do já referido, a construção do edifício passa, maioritariamente, pelo uso da madeira. Esta escolha é feita por base nos vários ramos da sustentabilidade: por um lado ser um recurso abundante na ilha, onde o clima favorece o seu crescimento; por outro, o ser um material de habitual manuseamento por parte do povo santomense, principalmente nas suas





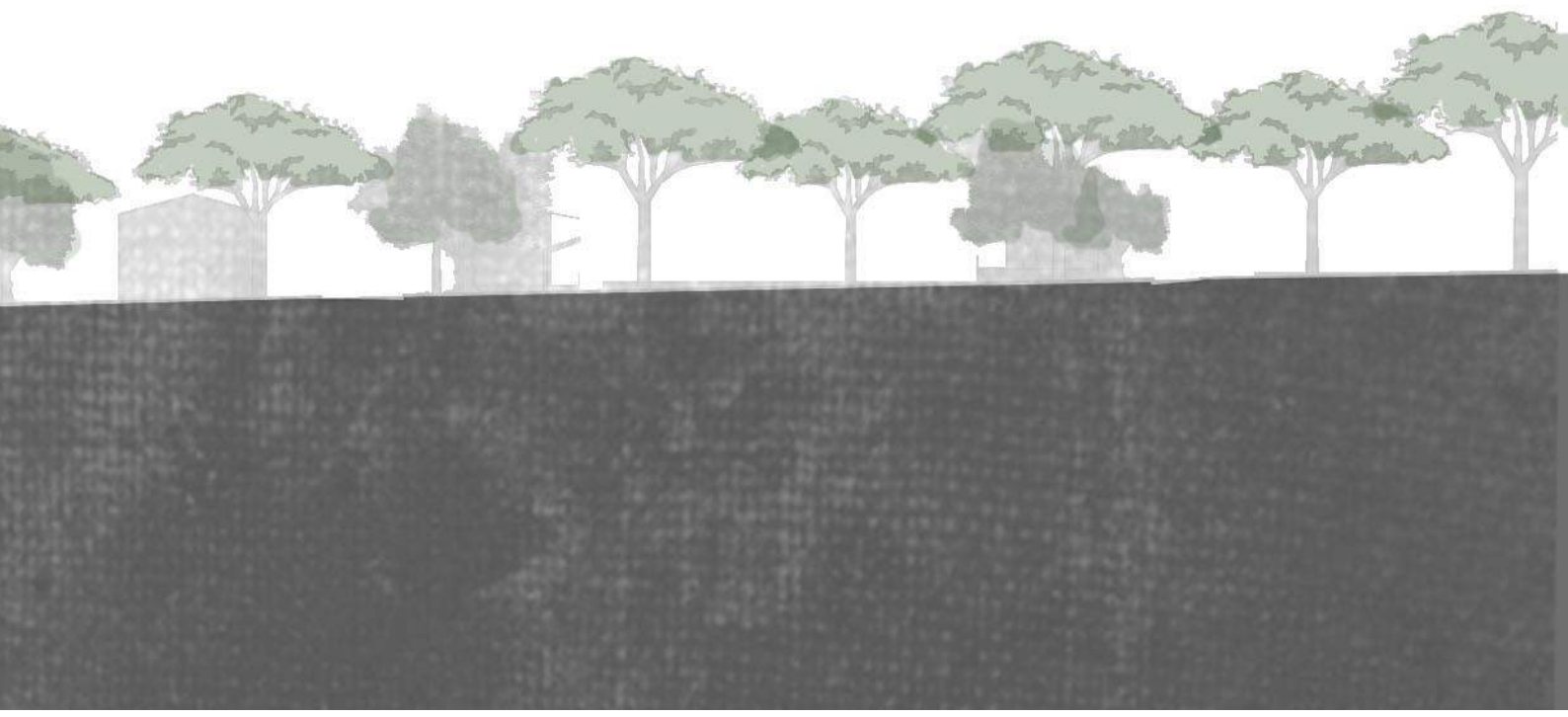
habitações. Desta forma é dada a oportunidade a estes, tão conhecedores deste recurso, de participarem na sua construção transmitindo não só o seu conhecimento empírico mas adquirindo também o saber fazer com a utilização das novas tecnologias. Devido ao clima tropical que se vive em São Tomé a projeção de um edificado terá de passar por estratégias bioclimáticas, como refere Guedes (2015). Estas passam por escolhas desde a escala da cidade à escala da materialidade, procurando gerar conforto no interior dos espaços a habitar deixando a via artificial de lado ou pelo menos, tentar uma redução acentuada do seu uso.

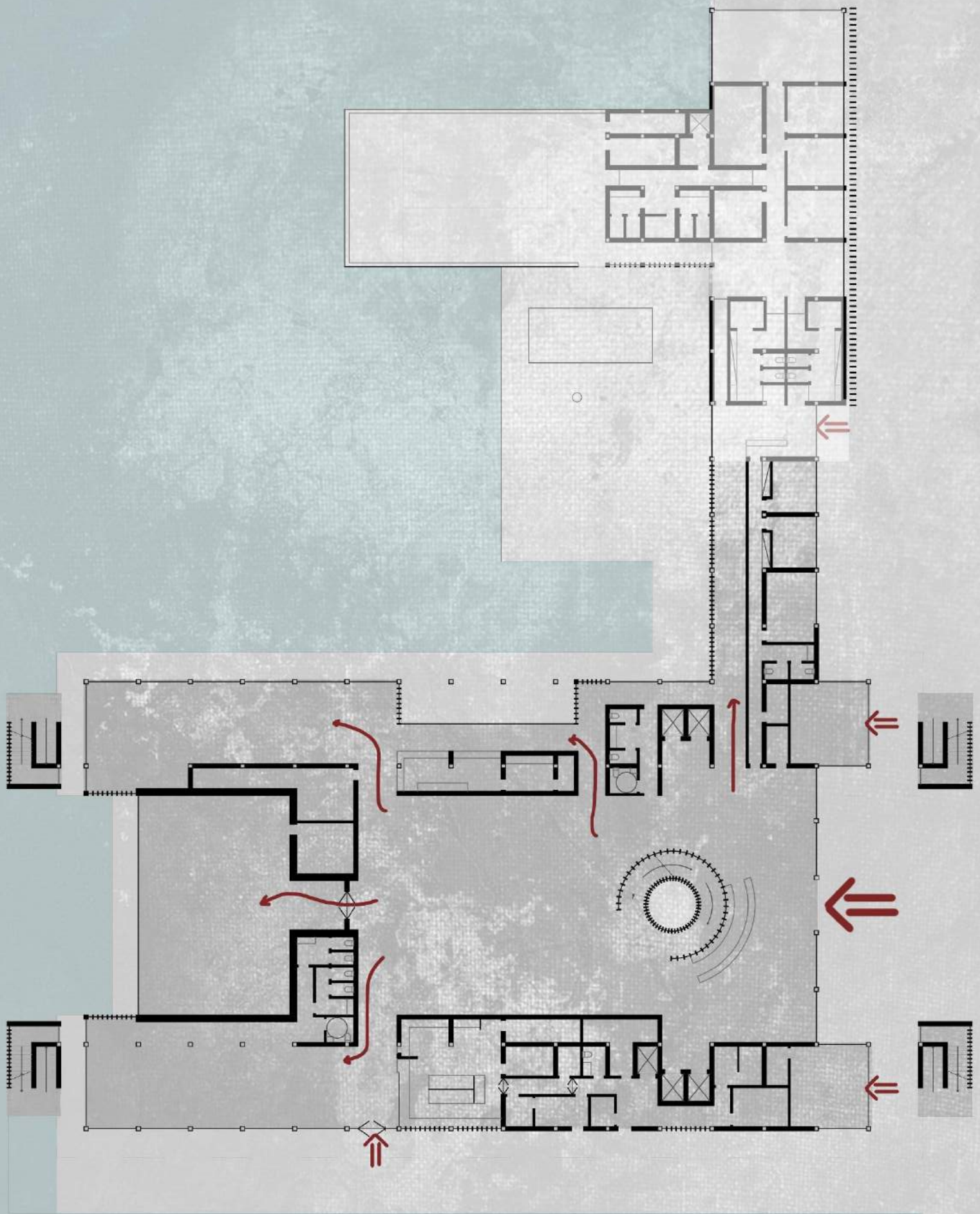
A proposta está dividida em quatro momentos: a atividade hoteleira propriamente dita, o aparthotel e hotel; a zona de eventos; o espaço dedicado ao bem-estar e dois pontos ligados ao comércio. Tendo estes sido idealizados com a possibilidade de se tornarem independentes entre si apesar da ligação que se pretende. O objeto desenvolve-se em quatro pisos e distribui-se por quatro corpos, onde três são paralelos entre si e um outro perpendicular a estes, trespassando-os.

Este conjunto de volumes, desenvolve-se em grande parte sobre o plano de água sobreelevando-se com base num sistema palafítico onde o piso térreo se encontra recuado criando um momento de passagem protegido das condições climatéricas adversas, bem como por estratégias bioclimáticas.



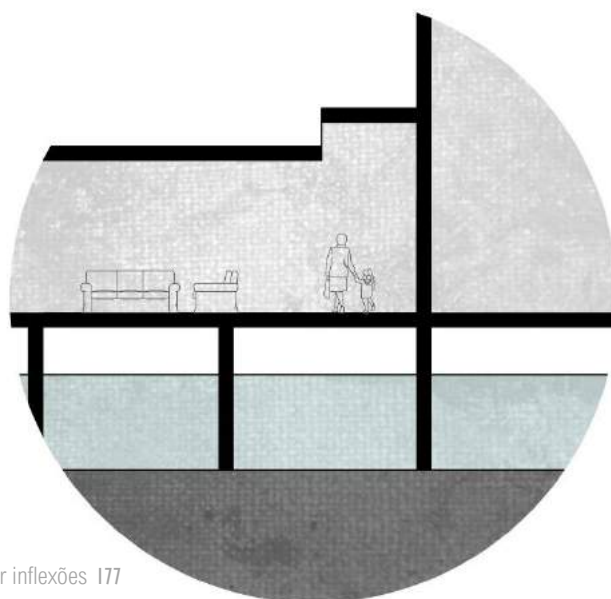
Esquema programático 175





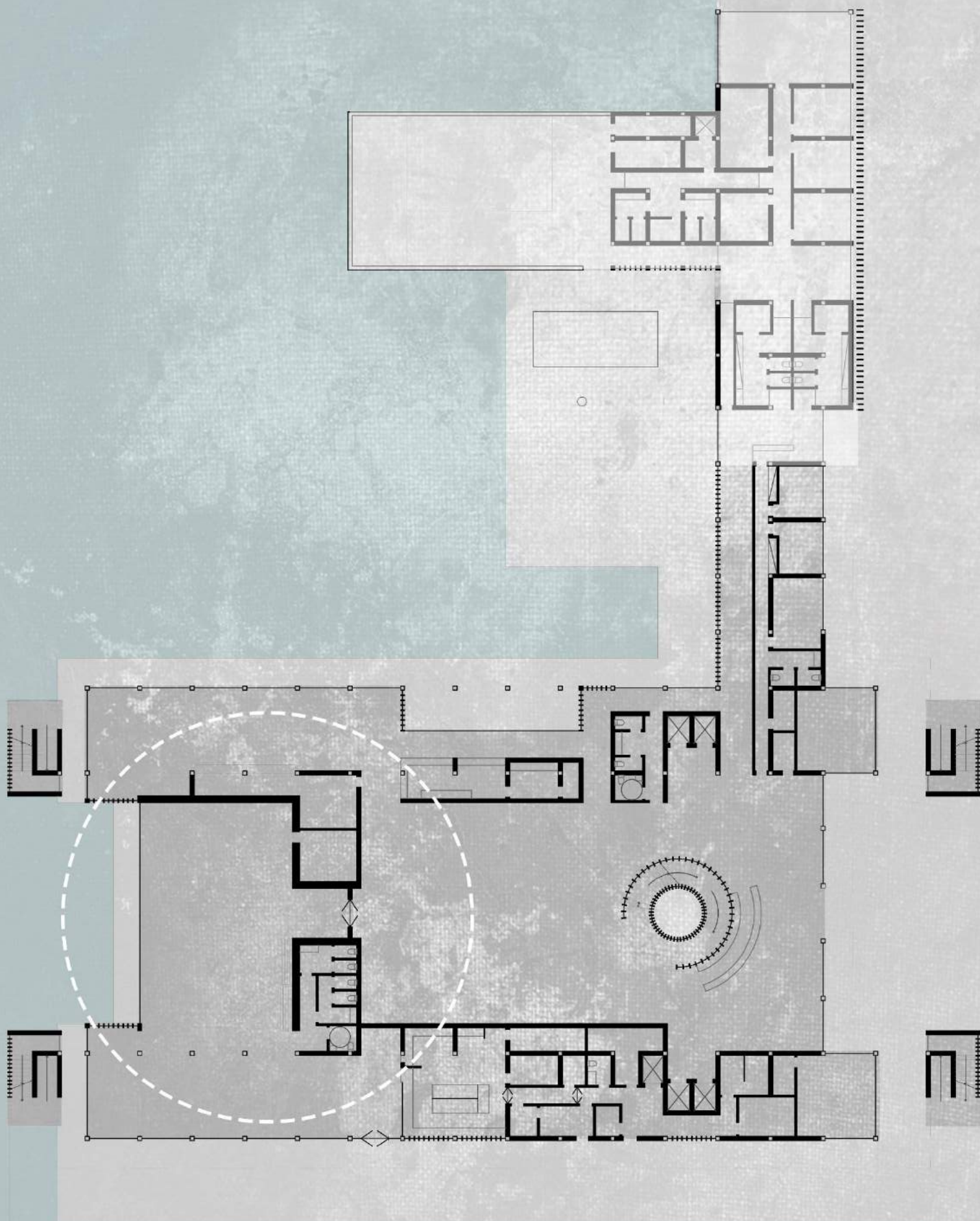
Vindo no seguimento da rua que trespassa quer a zona dedicada à educação, quer o assentamento proposto para o Parque Popular, encontramos na sua intersecção com a marginal, a entrada principal da unidade hoteleira proposta, ladeada pelos dois espaços destinados ao comércio local. Podendo estes ter ou não ligação direta à zona de entrada do hotel. Neste eixo, proveniente da malha urbana proposta, onde num primeiro contacto temos a recepção do hotel, distende-se sobre ele o lobby, que acaba por surgir como charneira entre as diversas componentes programáticas propostas. Assim, neste, numa primeira instância, e como ponto de transição entre entrada-lobby, estão dispostos os núcleos de circulação vertical que nos dá acesso à zona de dormidas. A partir do lobby, e ao nível do piso térreo é possível aceder ao SPA, à cafetaria, e por fim, no seu topo, à zona de eventos ladeada de um lado pelo restaurante, e por outro pelo espaço destinado, nas horas da manhã, ao serviço de refeições e, durante o restante dia, funciona como espaço adjacente à cafetaria.

Pela circulação deste, chamemos-lhe, eixo, e pelos restantes espaços coletivos as transições de espaço são dadas maioritariamente por via da inflexão ao nível do teto. Assim, as zonas de permanência são assinaladas por uma descida do pé direito, criando um momento mais intimista.



Pormenor inflexões 177





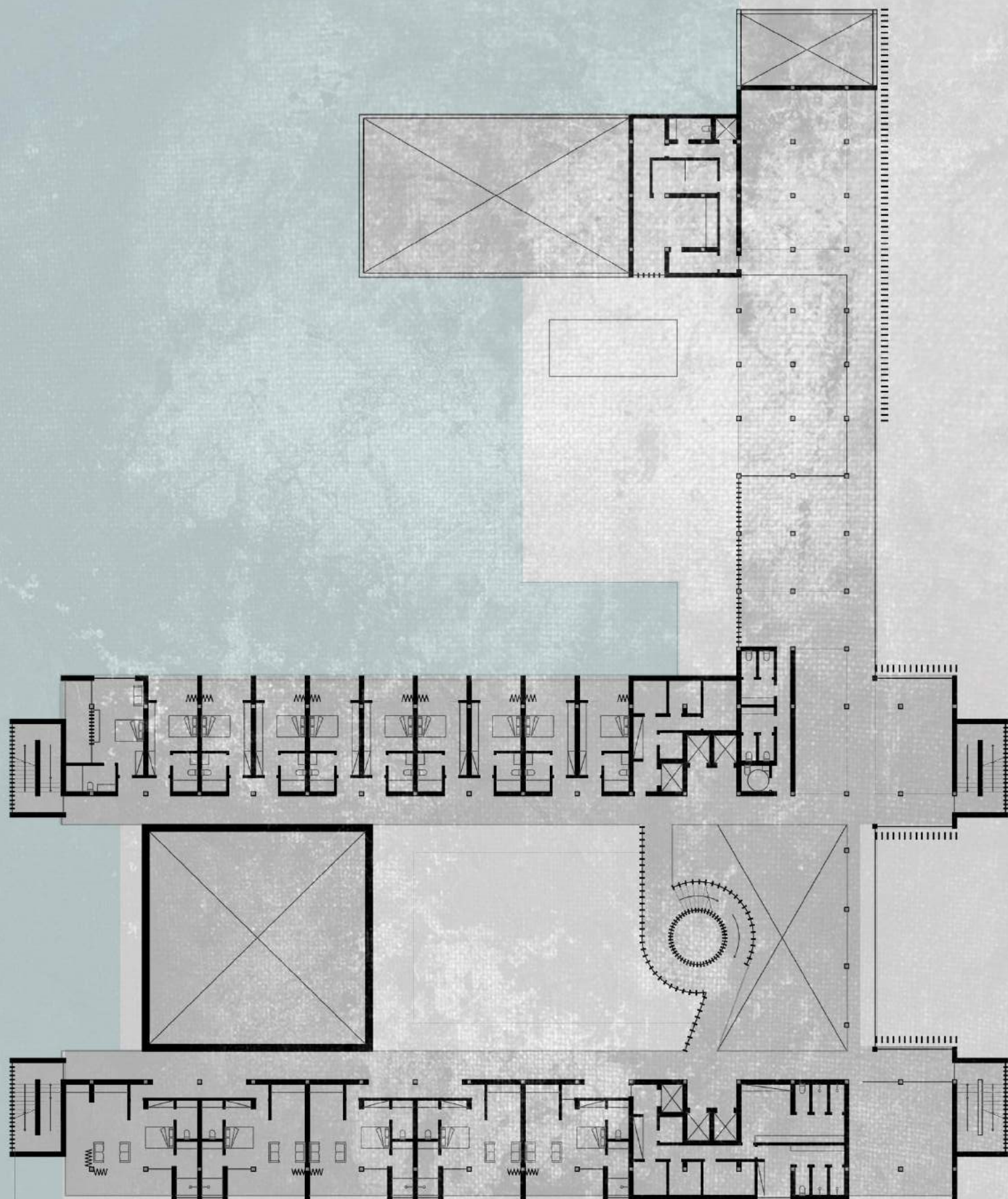
Continuando ao nível do piso térreo, na extremidade, como já referido, e lado a lado, encontram-se a zona de eventos e o restaurante. Desta forma, uma ligação entre os dois torna-se uma oportunidade: a quando dos eventos a realizar necessitam de mais apoio por parte da cozinha, como por exemplo, casamentos, a zona dedicada ao evento acaba por sofrer uma expansão para a zona de restauração, facilitando assim toda a logística necessária para a execução do mesmo. Esta zona, oferece uma vista privilegiada sobre a baía sendo possível observar entre a sua quase amplitude total a baixa da cidade.

A área que se pretende que seja o palco de eventos de cariz multifacetado, desenvolve-se num duplo pé direito, e quando usada independentemente, a entrada é feita pelo lobby do hotel. Aqui com a barreira visual por parte dos corpos transversais, uma moldura sobre o lado oposto da baía é criada, simulando ainda a entrada no plano de água.

No espaço dedicado exclusivamente ao serviço de refeições, o restaurante, a entrada pode ser feita quer pelo interior do hotel, com já descrito, quer pelo exterior, percorrendo o pontão onde o edifício assenta. Este permite ainda a visualização, por parte de quem o usufrui, do espaço de confeção, sendo a separação entre sala e cozinha feita apenas por um plano de vidro.

Do lado oposto a este, tendo a sala de eventos como eixo, encontramos então o espaço que dará lugar à zona de pequenos almoços. Esta, é ainda apoiada pela cafetaria que serve também o lobby e a zona exterior dedicada à piscina. A ligação entre a cafetaria e este último espaço, pode ser estreitada com a abertura das portadas que dividem a mesma do exterior, criando assim, um espaço de transição entre interior e exterior, abrigado pelo restante edifício.

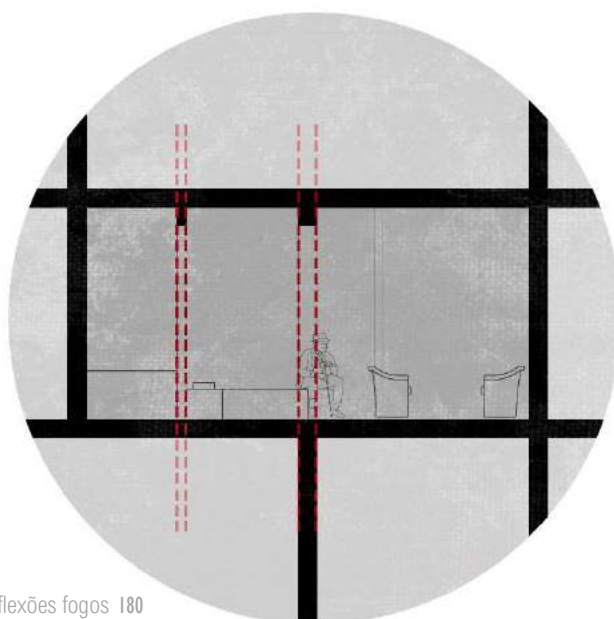




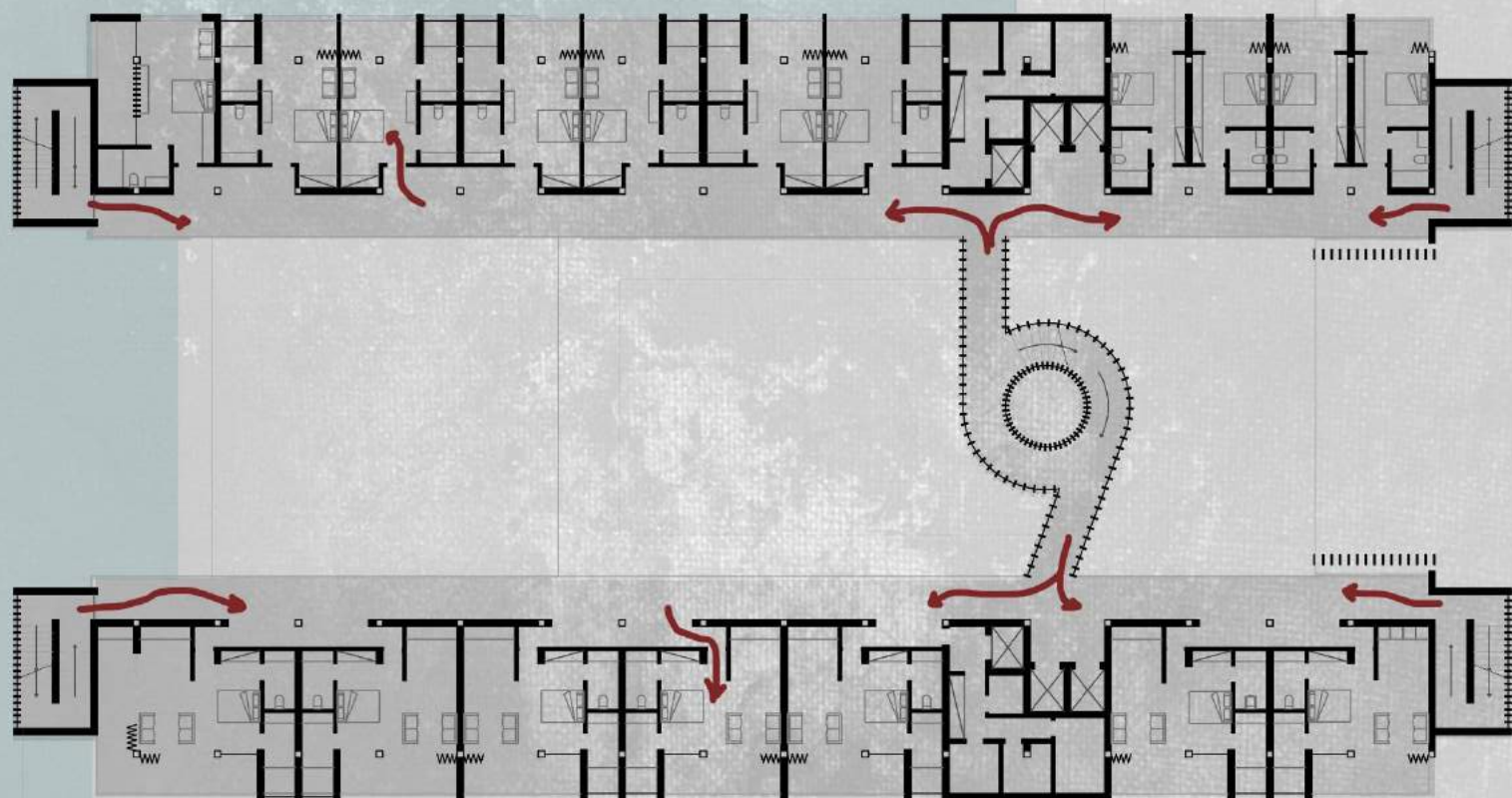
Com exceção do piso térreo, todos os pisos albergam zonas de dormida distribuídas por dois corpos. Um dedicado apenas a quartos de hotel e outro a apartamentos. Estando estes dois elementos ligados por uma escada central de planta circular que nos leva até à zona da receção. Estes dois corpos, ao nível do segundo piso unem-se criando assim zonas de estar e usufruto coletivo, mas neste caso, exclusivos a quem pernoita nas instalações do hotel.

Neste piso, no âmbito do aparthotel encontramos fogos destinados a duas ou três pessoas onde toda a área se baseia num conceito de *open space* e apenas as instalações sanitárias formam uma divisão através de paredes. Nas restantes, a divisão é subentendida pela localização das vigas. Tanto nos apartamentos, como nos quartos de hotel, a divisão de espaços é feita, como já verificamos ao nível dos espaços coletivos, através do plano do teto. Mas aqui será maioritariamente apenas pela estrutura que se encontra à vista. Assim, os apartamentos dispõem de uma zona de confeção, de refeição, de estar, de dormida e as instalações sanitárias. Nestas o duche está separado dos restantes elementos que compõem este espaço, oferecendo uma vista sobre o exterior garantindo a privacidade através de *brisolet*. Aqui a zona social é “separada” pelo eixo visual que a porta de entrada nos dá até à varanda.

Este piso alberga ainda os, chamemos-lhe, quartos *standart*, onde existe uma instalação sanitária junto à entrada, zona de dormida e um espaço exterior.

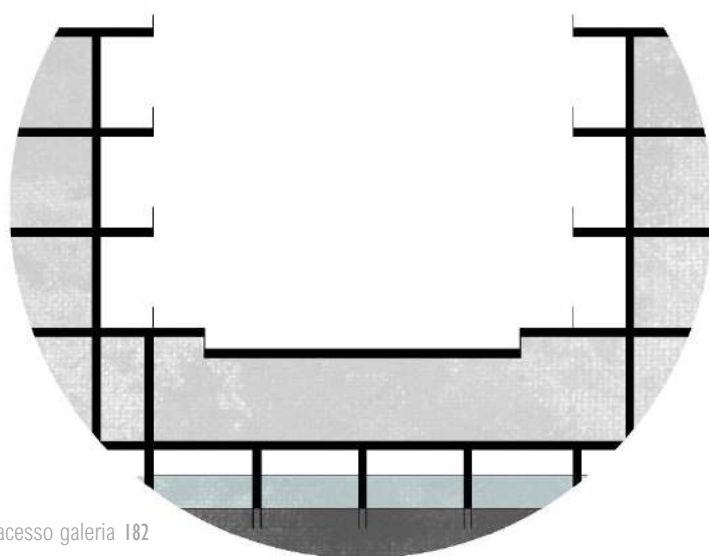




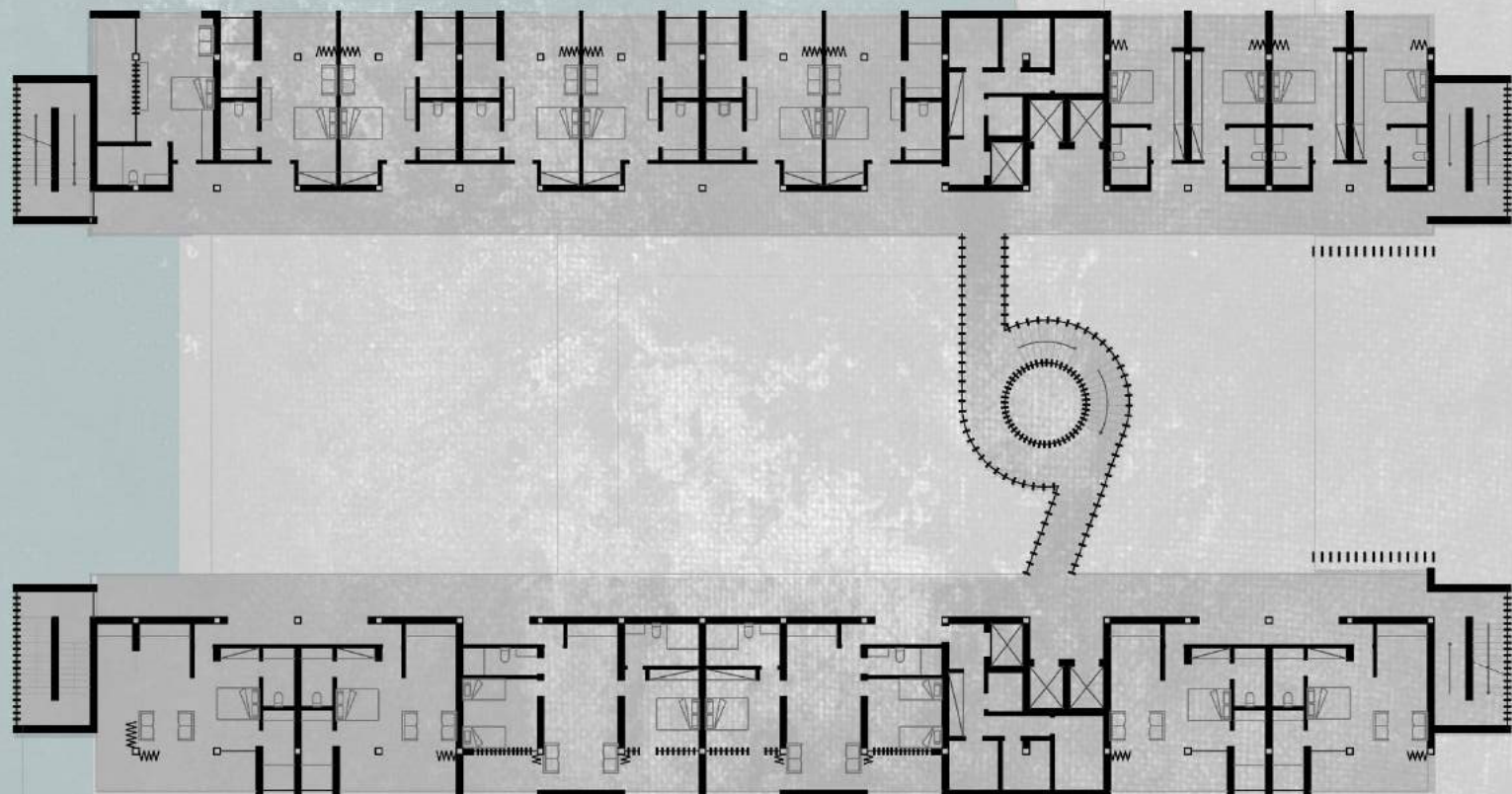




Em todos os pisos, o acesso aos fogos é feito através de uma galeria onde reentrâncias são criadas de forma a dar um pouco de privacidade, mas também de modo a criar *nuances* visuais para que o seguimento do corredor não seja tão sentido por parte de quem o percorre.



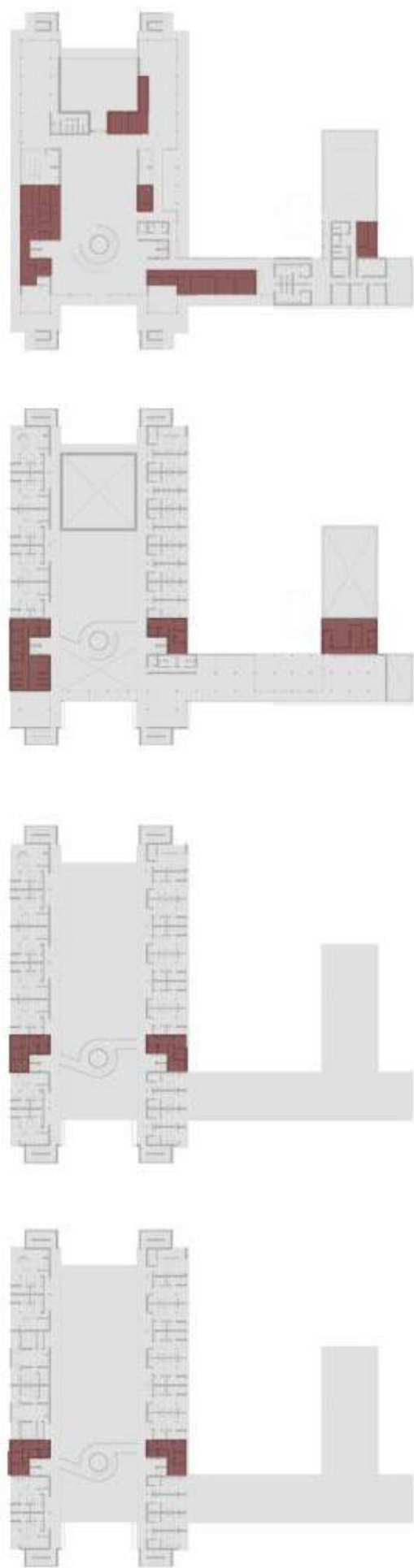
Perfil . acesso galeria 182



Os dois últimos pisos são exclusivamente destinados à habitação. Surgem, então, no último piso apartamentos com a capacidade de albergar quatro pessoas, onde a zona social divide as duas zonas de dormida sendo estas dois quartos em regime duplo. Um dispõe de instalação sanitária privativa, já o outro não, sendo esta a grande diferença entre os apartamentos mencionados anteriormente.

Também ao nível dos quartos, neste piso, surgem as suites que contam com uma zona de estar, podendo esta ser adaptada para ocupação de mais uma pessoa, passando assim a um máximo de apropriação do espaço de três pessoas.

Todos os fogos, quer apartamentos, quer suites, dispõem de uma varanda. Assim, tal como acontece nos espaços ao nível do piso térreo, o sombreamento é assegurado mantendo o interior a uma temperatura mais confortável.

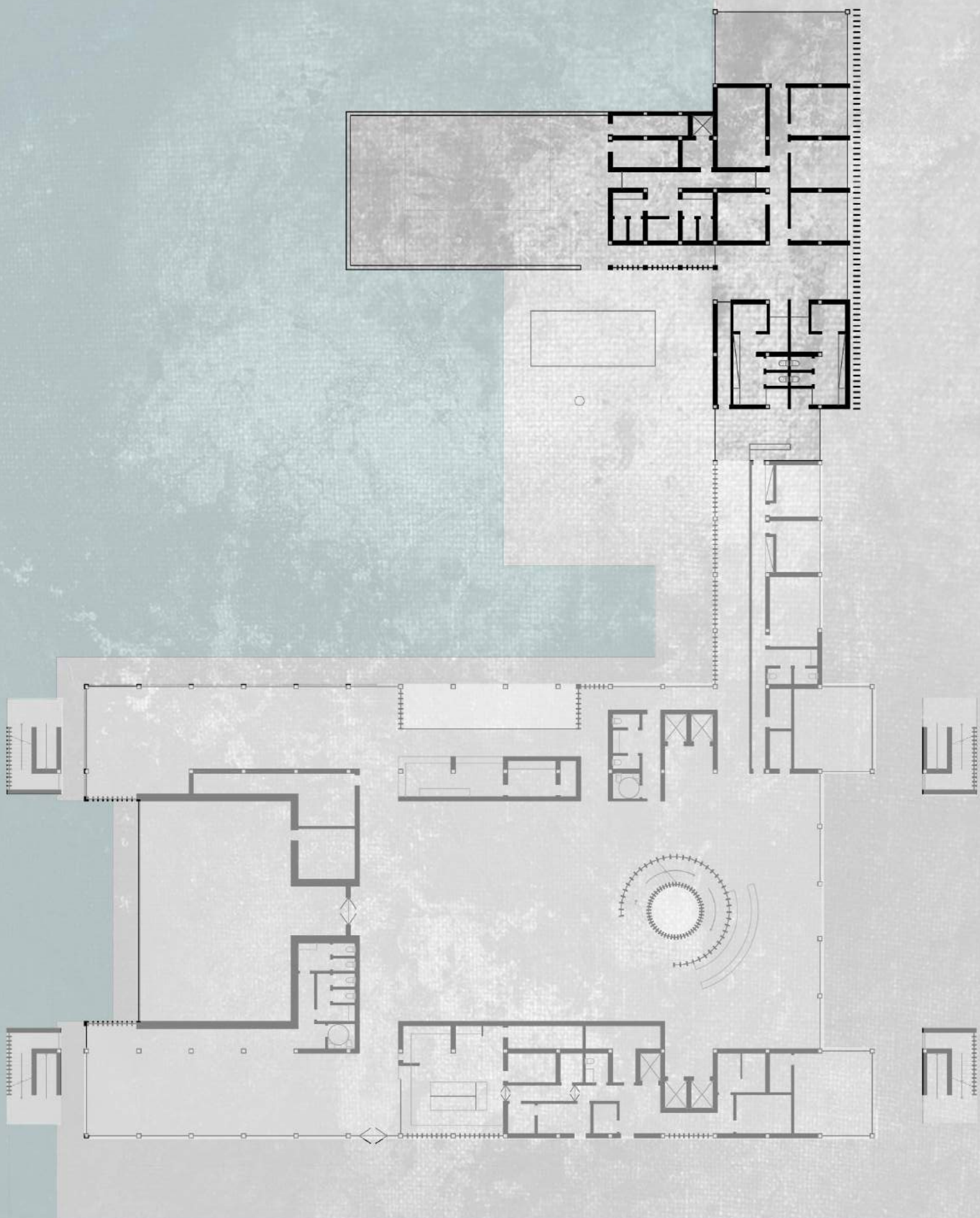


183 Zonas técnicas

Em todos os pisos, temos ainda um fogo de exceção, em ambos os corpos, situado na fachada voltada para a baía, privilegiando assim deste fator. Outro aspeto a todas as cotas é a existência de zonas de serviço de apoio aos quartos, este elemento surge em duplicado, um em cada corpo, procurando servir cada uma das tipologias.

As restantes zonas técnicas encontram-se distribuídas pelo piso térreo e o segundo andar. Neste último, encontramos os balneários e a lavandaria, localizados aqui de forma estratégica. Deste modo, ambos os espaços permitem uma distribuição mais eficaz dando acesso a todas as componentes, incluindo o *spa*.

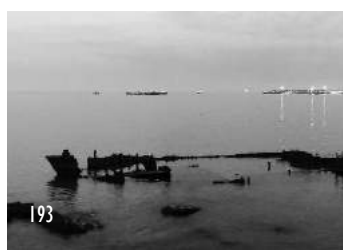




Ao *spa*, tal como ao espaço de restauração, é possível aceder quer pelo hotel quer diretamente do exterior. Após transpor a zona dos balneários, este tem um pequeno lobby de distribuição onde podemos ser encaminhados para a zona da piscina ou para a zona de relaxamento. Nesta última, propõe-se a existência de três salas mais intimistas, uma sauna e um espaço idealizado para albergar o banho turco. No topo destas, dispõe-se uma sala de maiores dimensões com a possibilidade de abertura para o exterior onde aulas poderão ser dadas por e para a comunidade. Criando assim também uma ligação ao largo da igreja que é proposto ao nível do urbano.

Com o espaço da piscina pretende-se que este se torne parte integrante do mar sendo uma continuidade do mesmo. Deste modo, este localiza-se no topo do terceiro corpo. Este, prima ainda de uma ligação a uma outra piscina, em ambiente exterior, já referida anteriormente que é apoiada pela zona de cafetaria do hotel.

A zona administrativa acaba por se localizar entre a receção do hotel e a do *spa* de forma a servir ambas as componentes programáticas.



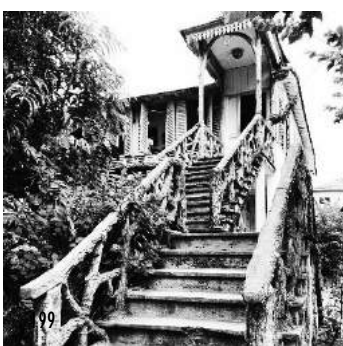


## CONSIDERAÇÕES FINAIS .

Após uma economia baseada no setor primário, neste Projeto Final de Mestrado, entende-se que São Tomé passa agora pelo ciclo do turismo. Na intervenção proposta para o Parque Popular e para a sua área adjacente, procurou-se criar uma nova centralidade e um repensar deste espaço público tão importante da cidade de São Tomé, reestruturando-o sem esquecer a sua *génese*.

Desta forma, pretendeu-se evidenciar quer o património arquitetónico e paisagístico, quer as vivências entre a comunidade e modo de habitar santomenses, interligando-os a novas premissas. Assim, todo o estudo teórico permitiu entender vários fatores inerentes a esta comunidade, à sua história e evolução. Consequentemente, aspetos intrínsecos ao quotidiano da população habitante na capital do arquipélago de São Tomé e Príncipe, foram tidos como pilares de uma estratégia programática que visa a criação de um novo palco para o dia-a-dia desta cidade. Desse modo, procurou-se achar uma possibilidade da qual, quer a comunidade visitante, quer a visitada beneficiassem sem que esta última fosse comprometida. Optou-se então por ter como alicerce a sustentabilidade nos seus vários ramos, mas em especial atenção a sustentabilidade social, criando um equipamento de onde o povo local pudesse tirar partido não só direta, mas também indiretamente. Propôs-se assim um programa multifuncional tanto à escala do urbano como à escala do equipamento sendo este um fator de atração para ambas as comunidades referidas anteriormente.

Acreditasse que uma aposta equilibrada e interligada entre a sustentabilidade e o turismo, seja o futuro de países insulares que têm como cenário momentos de grande valor paisagístico e identitário.



## BIBLIOGRAFIA .

**AFONSO**, Amândio . *Turismo em São Tomé e Príncipe: realidade ou utopia?* Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias . 2010

**BACHMANN**, Maria da Graça . *A sustentabilidade da água. In: Arquitectura e Vida*, Nº 86 . 2007

**BRÁS**, António Luís *et al* . *A Arquitectura Vernácula de São Tomé*. Lisboa: FAUTL . 1995

**BRITO**, Brígida . *Turismo ecológico em São Tomé e Príncipe: da eco pedagogia à preservação ambiental*, Coimbra: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais . 2004

**BRITO**, Brígida . *Desenvolvimento comunitário: das teorias às práticas – turismo, ambiente e práticas educativas em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: ISCTE . 2009

**CAIADO**, João Bento . *Arquitetura da escola técnica: o caso da cidade de São Tomé*. Lisboa: FAUL . 2015

**CARVALHO**, Ricardo . *A cidade social: impasse, desenvolvimento, fragmento*. Lisboa: Tinta da china edições . 2016

**COELHO**, Carlos Dias *et al* . *Morfologia urbana: os elementos urbanos*. Lisboa: Argumentum . 2015

**CORBELLA**, Oscar; **YANNAS**, Simos . *Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos*. Rio de Janeiro: Revan . 2009

**CULLEN**, Gordon (1961) . *Paisagem urbana*. Lisboa: edições 70 . 2018

**D'ALVA**, Alexandre *et al* . *S. Tomé do paraíso ao desenvolvimento urbano (in)sustentável*. in: AR: Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa Nº5 . 2005

**FERNANDES**, Ana Silva, *et al* . *Palafitas por terra: a arquitetura popular em São Tomé - influências, sistemas construtivos e potencial para o desenvolvimento*. Maputo: Congresso Luso-Moçambicano de engenharia . 2011

**FERNANDES**, Jorge; **MATEUS**, Ricardo . *Arquitetura vernacular: uma lição de sustentabilidade*. Guimarães: Faculdade de Arquitectura do Minho . 2011

**FERNANDES**, José Manuel *et al* . *São Tomé and Príncipe: cities, terrain and architecture*. Lisboa: FCT . 2013

**FERNANES**, José Manuel . *África: Arquitetura e Urbanismo de matriz portuguesa*. Lisboa: Caleidoscópio . 2012

**FERREIRA**, Nelson . *Projetar com luz, cor, matéria em espaços de ensino: escola técnica em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: FAUL . 2015

**GUEDES**, Manuel Correia . *Arquitetura sustentável em Guiné-Bissau: manual de boas práticas*. Lisboa: IST PRESS . 2011

**GUEDES**, Manuel Correia . *Arquitetura sustentável em São Tomé e Príncipe: manual de boas práticas*. Lisboa, IST PRESS . 2015

**GOMES**, J. Telles . *São Tomé e Príncipe: um país aberto - uma opção estratégica para o seu desenvolvimento*. Lisboa: África Hoje . 1986

**GOMES**, Mariana . *Construir em São Tomé*. Porto: FAUP . 2013

**GONÇALVES**, Joana; **DUARTE**, Denise . *Arquitetura Sustentável: uma integração entre ambiente, projeto e tecnologia em experiências de pesquisa prática e ensino*, in: Ambiente construído, Porto Alegre, v.6, n.4, p.51-58, out./dez 2006

**GRANDE**, Nuno . *Arquitetura & Não: margens urbanas*. Lisboa: Caleidoscópio . 2005

**HALBWACHS**, Maurice (1950) . *A Memória coletiva*. São Paulo: Edições vértice . 1990

**ICOMOS**, *Carta sobre o património construído vernáculo*. Cidade do México . 1999

**KORTEN**, David C. *Great Turning: from empire to earth community*. Colorado: Kumarian Press . 2007

**LENER**, Jaime . *Acupuntura urbana*. Rio de Janeiro: Record . 2011

**LEWIS**, J. Owen. *A Green Vitruvius: Principles and Practice of Sustainable Architectural Design*. Taylor & Francis LTD . 2001

**LUÍS**, Vânia . *Roça Boa Entrada | Espaço sagrado: génese, reabilitação e transformação*. Lisboa: FAUL . 2014

**MARQUES**, Bryan . *Transição (in)formal: Estratégia evolutiva num contexto urbano e arquitetónico em São Tomé*. Lisboa: FAUL . 2015

**MONTEIRO**, César . *O (re)desenho urbano e o edificado corrente em São Tomé*. Lisboa: FAUL . 2015

**MORAIS**, João Sousa; **MALHEIRO**, Joana Bastos . *São Tomé e Príncipe: património arquitectónico: as cidades*. Lisboa: Caleidoscópio . 2013

**MORAIS**, João Sousa . *Arquitetura moderna tropical*. Lisboa: Caleidoscópio . 2015

**MOURÃO**, Joana; **PEDRO**, João Branco . *Princípios de edificação sustentável*. Lisboa: LNEC . 2012

**NORBERG-SCHULZ**, Christian . *Genius loci: Towards a phenomenology of architecture*,  
Edinburg: Rizzoli . 1979

**PINHO**, Marques . *Madeira em estruturas*. Guimarães: Universidade do Minho . 2005

**ROCHA**, Mafalda . *Sustentabilidade e arquitetura bioclimática nos trópicos: tipologia sustentáveis e (re)desenho urbano em São Tomé e Príncipe*. Lisboa: FAUL . 2015

**ROMANA**, Heitor . *São Tomé e Príncipe*. Lisboa: ISCSP . 1996

**ROMANA**, Heitor . *São Tomé e Príncipe: Para uma análise das suas vulnerabilidades e potencialidades*, Lisboa: ISCSP . 1997

**ROSSI**, Aldo . *A Arquitetura da Cidade*, Lisboa: Edições 70 . 2018

**SEQUEIRA**, Solange; **PAIVA**, José . *São Tomé e Príncipe*. Lisboa: FAUTL . 2004

**SILVA**, Ricardo . *Projetar sustentável: aplicação de energias renováveis em edifícios*, Lisboa: FAUTL . 2012

**SILVA**, Teresa da . *A cidade africana contemporânea de origem portuguesa: São Tomé pré e pós-independência* in: revista Brasileira de Gestão Urbana, v.4, n.2, p,175-188, jul/dez . 2012

**TENREIRO**, Francisco . *A ilha de São Tomé: Memórias da Junta de Investigação do Ultramar*, Lisboa: Ministério do Ultramar . 1961

**TIRONE**, Livia; **NUNES**, Ken . *Construção sustentável: soluções eficientes hoje a nossa riqueza de amanhã*. Sintra: Tirone Nunes . 2007

**TORRES**, João . *Sistemas construtivos modernos em madeira*. Porto: FEUP . 2010

**VICENTE**, Marta . *(Re)Viver as roças: reabilitação participada das roças de São Tomé e Príncipe*, Lisboa: FAUL . 2016

\_SUPORTE DIGITAL

. OMT – Organização Mundial do Turismo

. UNESCO

. Archdaily

. Arquivo Histórico Ultramarino





## ANEXOS .

SUSTENTABILIDADE .....	143
------------------------	-----

### REFERÊNCIAS

1. Sorenga Sjobad . LPO arkitektur .....	146
2. Hotel Balaia . Conceição Silva .....	147

### O PROCESSO

1. O Urbano .....	150
2. O Edificado .....	153
3. I Experiência .....	170
II Experiência .....	172

### PEÇAS FINAIS

1. Maquetes .....	174
2. Painéis .....	182



## . ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 215 | ORIENTAÇÃO EDIFÍCIO . p144  
fonte . GUEDES, MANUEL *in* *Arquitetura sustentável em São Tomé e Príncipe: manual de boas práticas* . 2015

FIGURA 216 | SEM TÍTULO . p145  
fonte . [www.eficienciaenergetica.blogspot.pt](http://www.eficienciaenergetica.blogspot.pt)

FIGURA 217 | SEM TÍTULO . p145  
fonte . [www.arquitetando-sustentabilidade.blogspot.pt](http://www.arquitetando-sustentabilidade.blogspot.pt)

FIGURA 218 | SEM TÍTULO . p145  
fonte . [www.sakumaarquitectura.blogspot.pt](http://www.sakumaarquitectura.blogspot.pt)

FIGURA 219 | SEM TÍTULO . p146  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 220 | SEM TÍTULO . p146  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 221 | SEM TÍTULO . p146  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 222 | SEM TÍTULO . p146  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 223 | SEM TÍTULO . p148  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 224 | SEM TÍTULO . p148  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

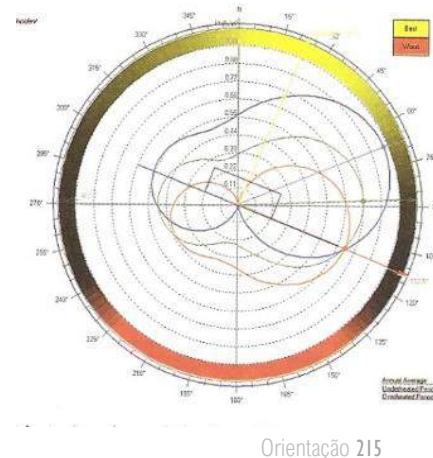
FIGURA 225 | SEM TÍTULO . p148  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

FIGURA 226 | SEM TÍTULO . p148  
fonte . [archdaily](http://archdaily)

Segundo Manuel Correia Guedes (2012), este tipo de clima deve ser combatido através de estratégias bioclimáticas. Estas passam por escolhas ligadas à arquitetura bem como aos materiais que a completam, gerando assim conforto no interior do edificado sem deixar de lado a premissa de uma redução do consumo energético fóssil, indicado como principal influência para o aumento do aquecimento global. Aliados a esta última, temos ainda como base destas estratégias, proporcionar uma ventilação natural bem como promover o uso da luz natural.

Na base desta cadeia de estratégias temos a escolha do lugar, a forma e a orientação do edifício, procurando uma posição, ditada, ideal, tendo em conta o trajeto do sol ao longo do dia e os ventos dominantes, favorecendo assim uma ventilação mais eficiente evitando o sobre aquecimento do espaço bem como a acumulação de ganhos de calor no interior do mesmo. Para tal, várias estratégias são apontadas por Guedes, indo estas desde a escala da cidade ao pormenor arquitetónico. Em termos urbanísticos, diz-nos que as vias devem ter sempre um dos lados sombreado, estas devem ainda ser estreitas e orientadas segundo os ventos dominantes favorecendo a circulação do ar.

O edifício, para além do já mencionado, a escolha do local deve, sempre que possível, procurar uma certa distância das vias mais movimentadas, evitando assim o ruído proveniente das mesmas. O edificado deve ainda ser localizado segundo o regime de ventos do local, conjugando este fator com o fator solar, projetando assim o edifício de modo a privilegiar as zonas com menor incidência solar ao longo do dia. Já nas zonas de maior incidência, devem ser mantidos os espaços com menor ocupação, como por exemplo, arrumos. Posto isto, e segundo o manual de boas práticas da autoria de Manuel Guedes, o edifício deve desenvolver-se com uma pequena rotação em relação ao eixo Nascente-Poente [figura 215].



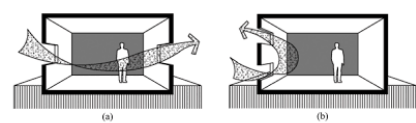
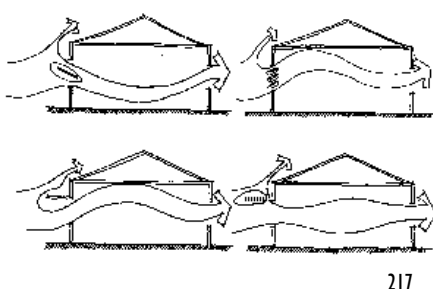
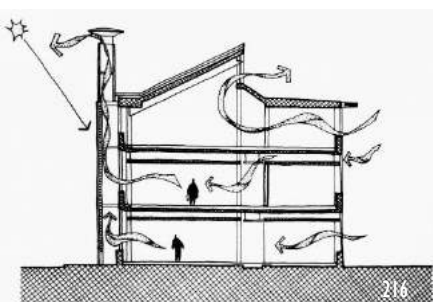


Figura 2 - Ventilação natural: (a) cruzada e (b) unilateral

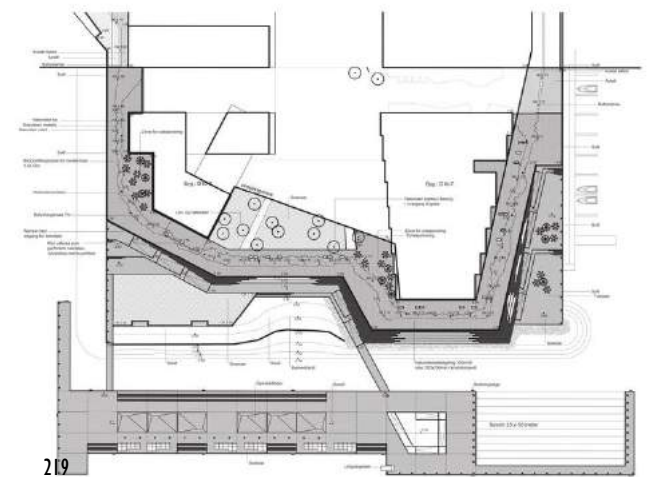
Tendo em conta do clima vivido em São Tomé, o edifício deve ser sempre protegido com sistemas de sombreamento e recorrendo também a arranjos exteriores, de forma a combater a incidência solar direta, e por consequente, sobreaquece o espaço habitável. Em edifícios junto ao mar esta preocupação acresce pois além da incidência já referida, vê-se neles refletidos os raios solares que incidem sobre as águas marítimas. Este problema acaba por ser amenizado recorrendo quer a dispositivos fixos, como palas, ou ajustáveis, como persianas, ou passando por estratégias que usam a vegetação ou através da criação de espaços intermédios como varandas e pátios interiores. Exteriormente e em todo o edifício, incluindo a cobertura, a escolha deve passar por cores claras, refletindo assim os raios de sol, não passando o calor para o interior do edificado. Como forma de atenuar os ganhos de calor provenientes do exterior, a escolha da materialidade deve passar por materiais como a madeira, de baixa inercia térmica.

Quanto às fachadas, nas direcionadas a Norte e a Sul a área de envidraçados não deve exceder os 40%, esta percentagem desce para metade nas fachadas viradas a Nascente, e a Poente devem mesmo ser evitados estes vãos. No Manual de Boas Práticas são ainda apontados os vidros duplos de baixa emissividade como aposta a ter perante os vãos neste tipo de clima.

Os vãos têm também eles um papel importante quanto falamos na ventilação, devendo estes ser distribuídos de forma a que o vento circule com base nas diferentes pressões, e por consequente, haver uma melhoria da temperatura e do ar no interior dos espaços. O, chamado, “efeito chaminé” a ventilação cruzada e a ventilação unilateral são estratégias utilizadas já empiricamente pelos locais e que são apontadas com grande potencial para promover a circulação do ar no interior do edifício, obtendo um conforto para quem o habita.

1. SORENGA SJOBAD Oslo, Noruega  
LPO arkitekter . 2015

Oslo, que até então não teria grande ligação com o mar, começa agora a ganha-la, criando um conjunto de edificado e espaços públicos qualificados na fronteira marítima, que em tempos não passava de um aglomerado de armazéns, com o intuito de porto marítimo. Com a criação de um novo porto surge então esta extensão para o mar que durante o verão alberga atividades ligadas à água e no inverno, apesar de na estação mais quente também, torna-se quase exclusivamente um espaço de estar e contemplação. Este ultimo aspeto deve-se também à ligação com um dos fiordes noruegueses e a vista privilegiada que este pontão oferece sobre a cidade e esta nova centralidade da mesma.



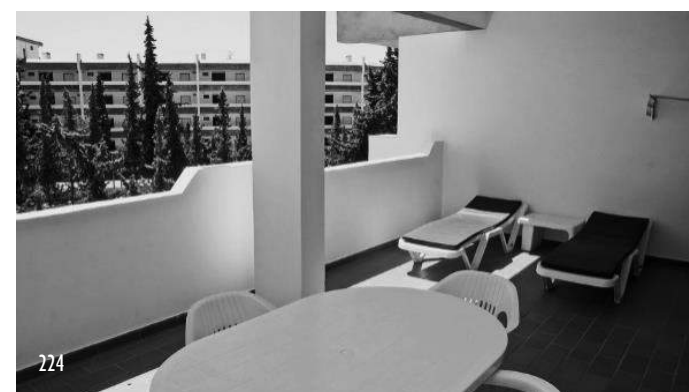
Esta “estrutura flutuante coberta por deck de madeira” (archdaily) além de uma praia, uma torre de mergulho, uma piscina de água do mar, chuveiros e zonas de estar/repouso, traz consigo uma outra piscina de 50 metros que devido ao seu comprimento permite que esta seja utilizada não só pelos banhistas, mas também como zona de treino para competições de natação.

Este espaço bastante apreciado pelos cidadãos e pelos seus visitantes, cria uma ligação direta a todo o complexo construída por intermédio da sua materialidade, sendo dada a ideia de segmentação através das águas em que a estrutura assenta.

## 2. HOTEL BALAIA . Albufeira, Portugal Conceição Silva . 1968

O Hotel Balaia surge no âmbito do Plano de Expansão Turística da Praia Maria Luísa, de onde surgiram hotéis, apartamentos, moradias, zonas desportivas e comerciais. Apenas o hotel projetado por Conceição Silva, algumas moradias e núcleos de apartamentos acabaram efetivamente construídos. Hoje em dia, o Hotel Balaia, divide-se entre duas tipologias de alojamento, hotel e aparthotel, alojadas em edifícios distintos.

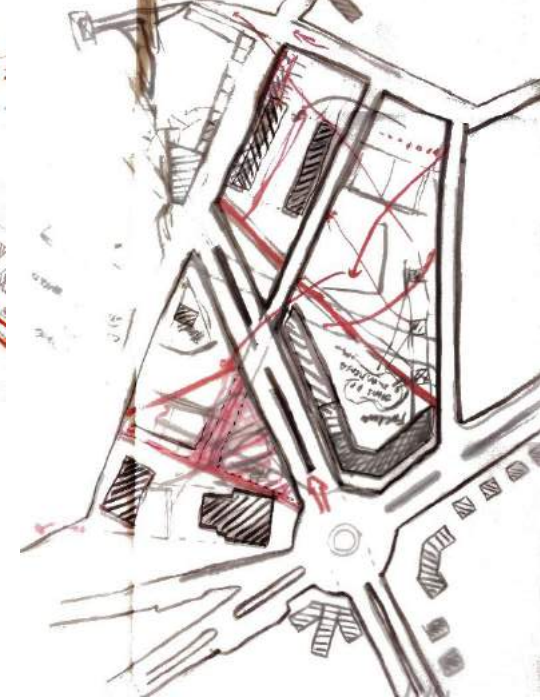
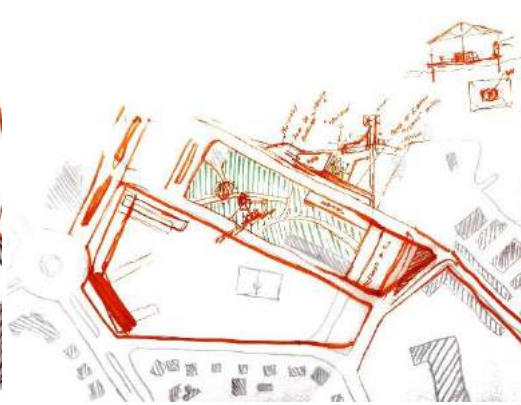
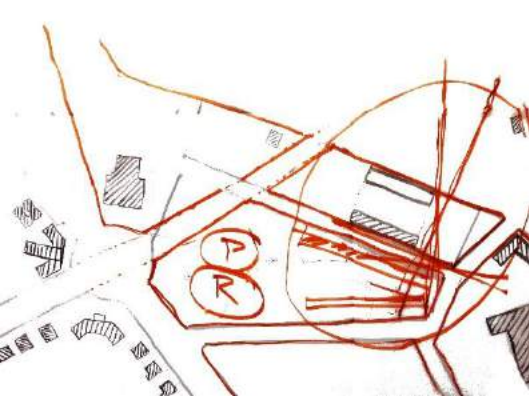
O projeto de Conceição Silva apenas era destinado ao núcleo que alberga os apartamentos do hotel. Este, localizado junto à falésia, desenvolve-se em dois corpos: um destinado ao alojamento propriamente dito, ou seja, quartos e receção; e outro aos serviços, como restaurante, salas e piscinas. A volumetria do corpo onde os quartos estão inseridos permite uma variedade de vistas diversas através das varandas presentes ao longo de toda a fachada voltada para o mar. Já a fachada voltada a terra, digamos assim, passa quase pelo oposto, abrindo pequenos vãos de forma a iluminar a galeria de acesso aos quartos.



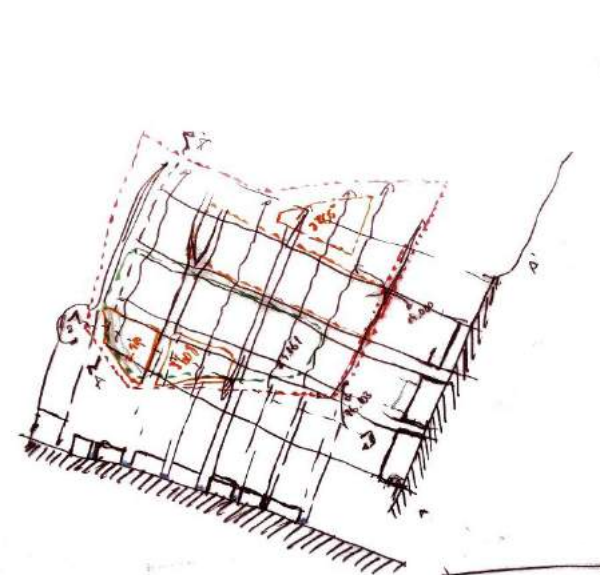
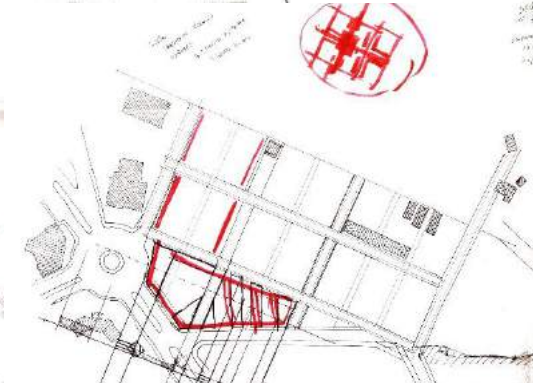
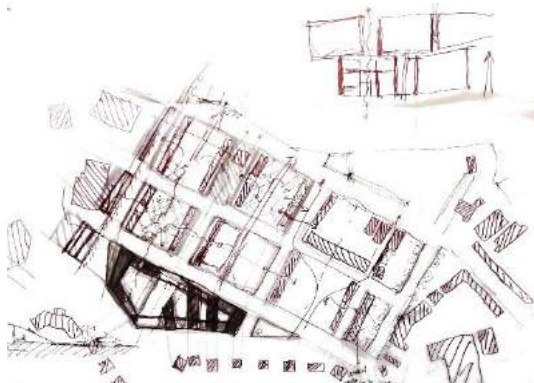
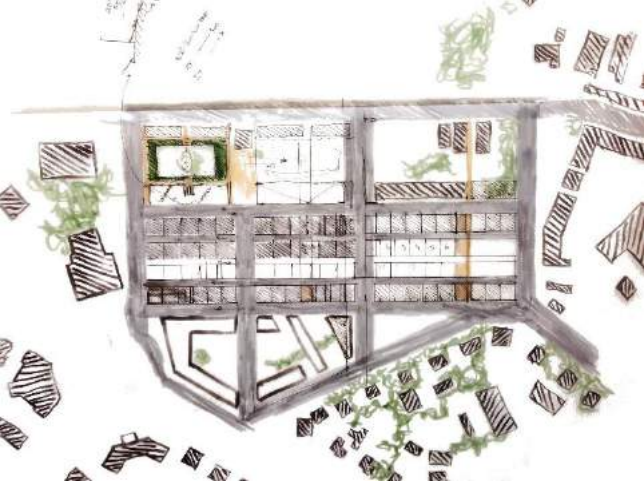
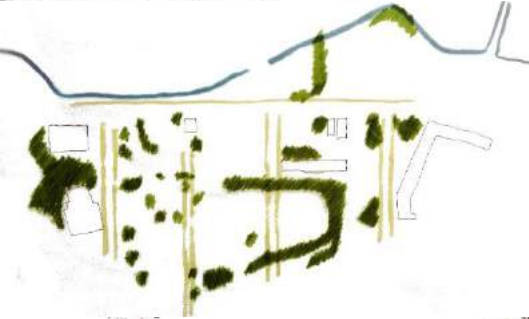
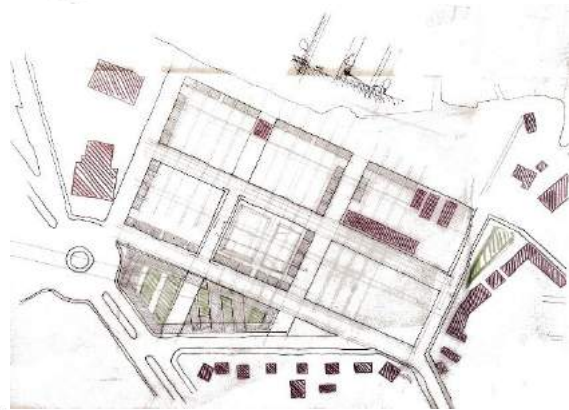
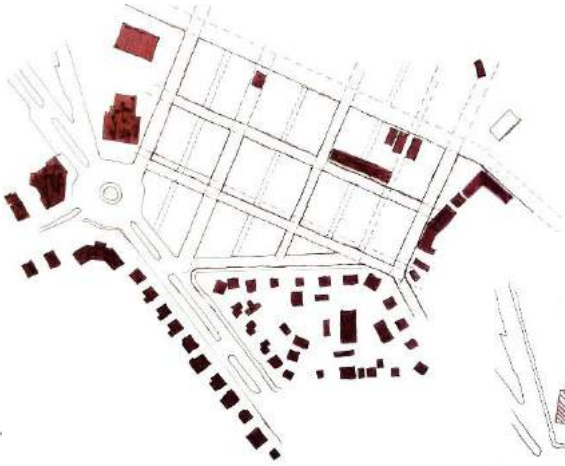
Os quartos, fornecidos por áreas generosas, são constituídos por duas instalações sanitárias (uma apenas com uma retrete e um bidé e outra com uma banheira e lavatório), zona de dormir e zona de estar, ambas com acesso à varanda, sendo esta o elemento que define os limites dos outros dois espaços que se encontram amplamente abertos sem nenhuma divisão física. Já as suites, localizadas no vértice do núcleo de acesso/entrada principal, privilegiando da sua proximidade com o núcleo central de acesso assim como de uma vista mais abrangente devido ao fato de a varanda destas se encontrar na esquina do edifício.

Parte do mobiliário integrante do edificado foi projetado pelo atelier de Conceição Silva, a par da escolha decorativa quanto às obras de arte existentes no edifício, demonstrando assim o nível de pormenorização a que a projeção deste edifício foi sujeita.

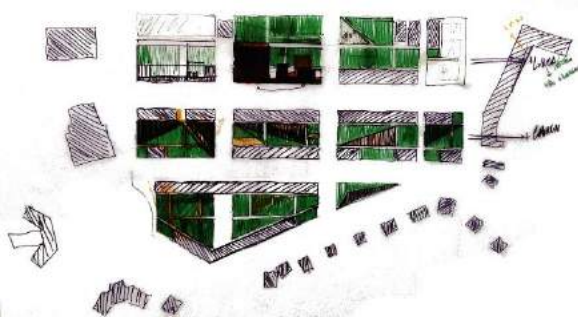
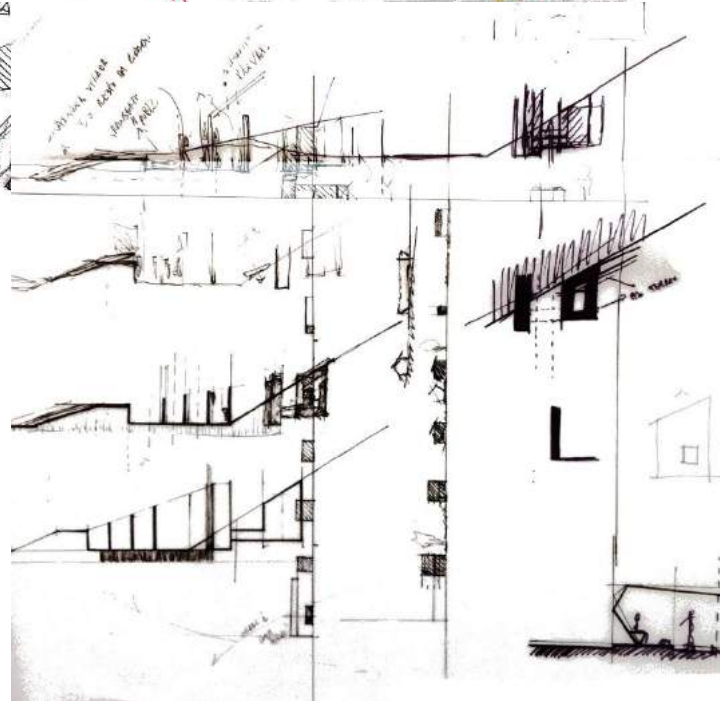
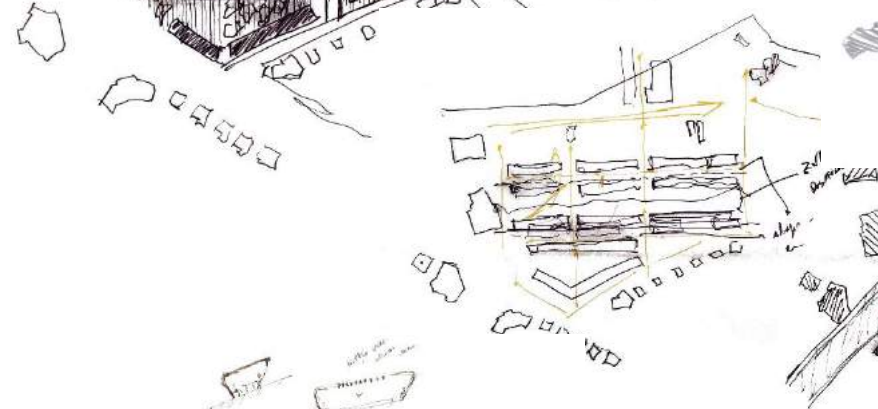
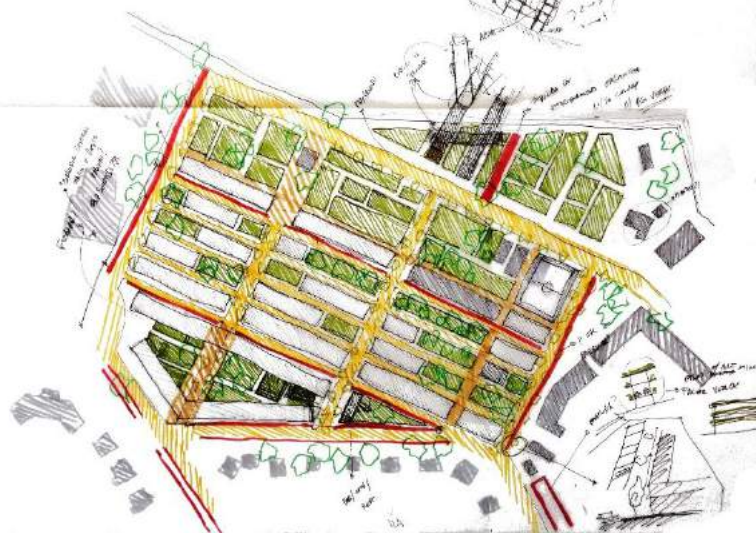
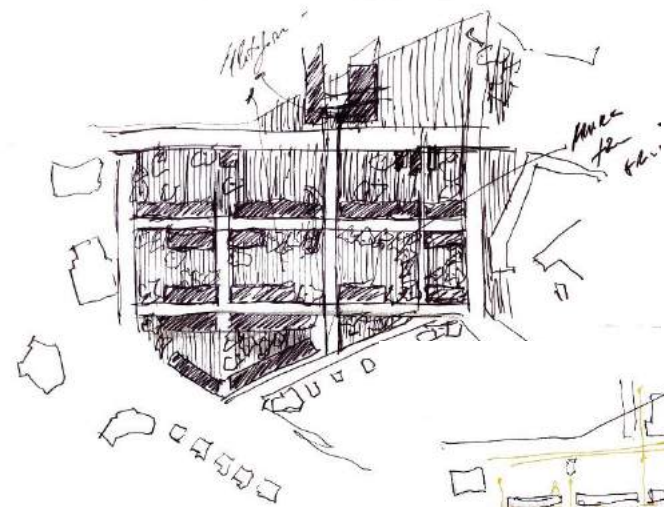
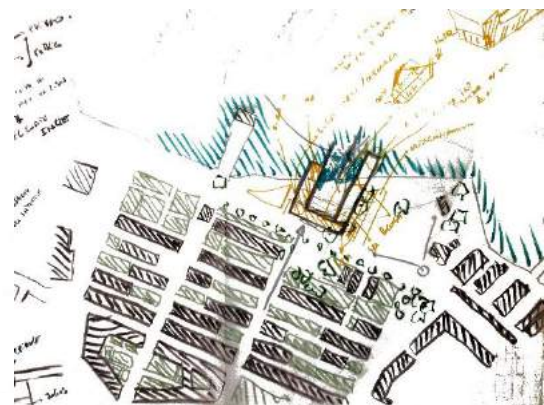
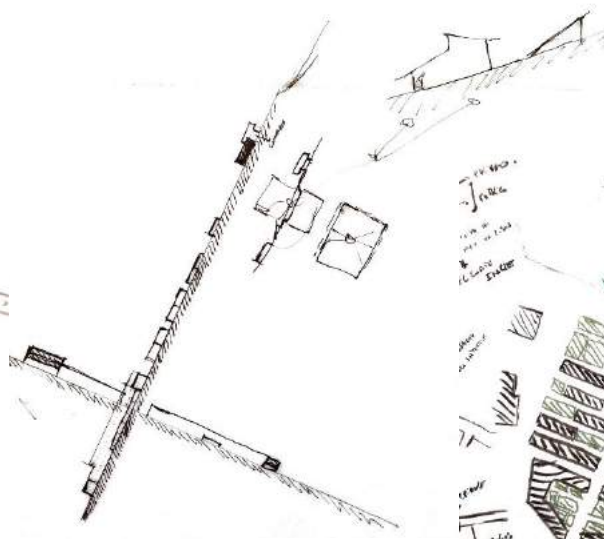
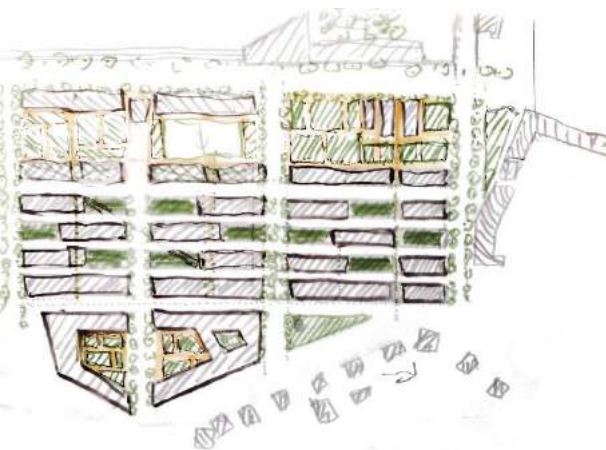
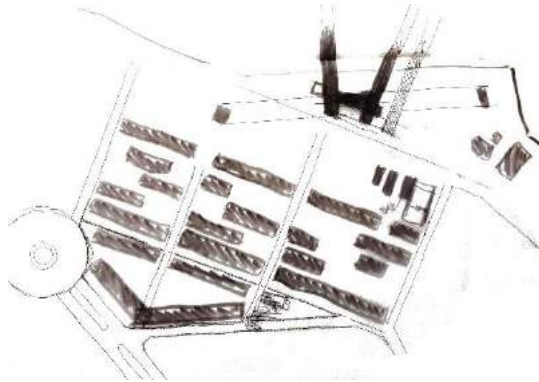
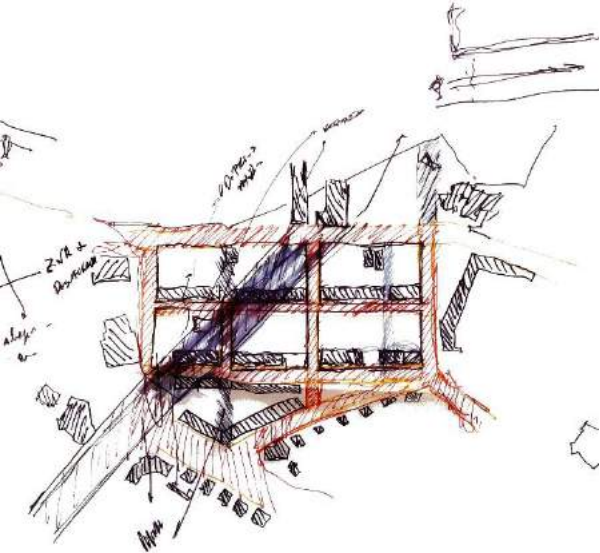








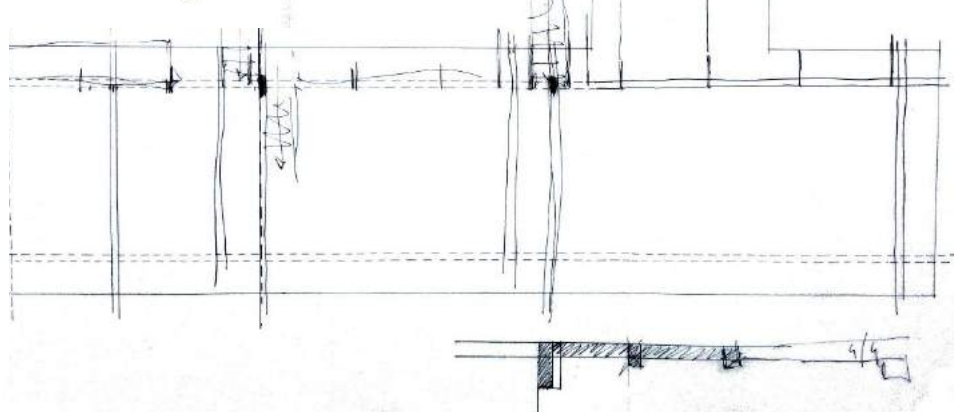
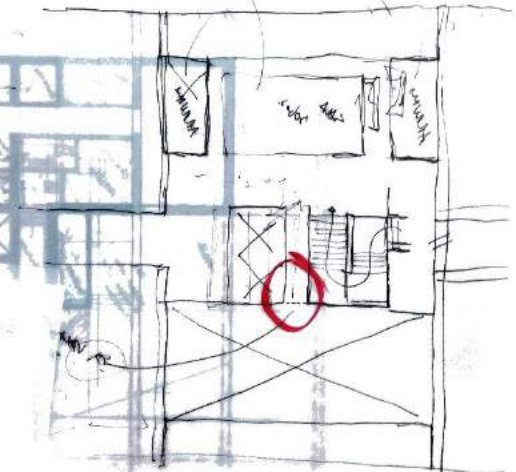
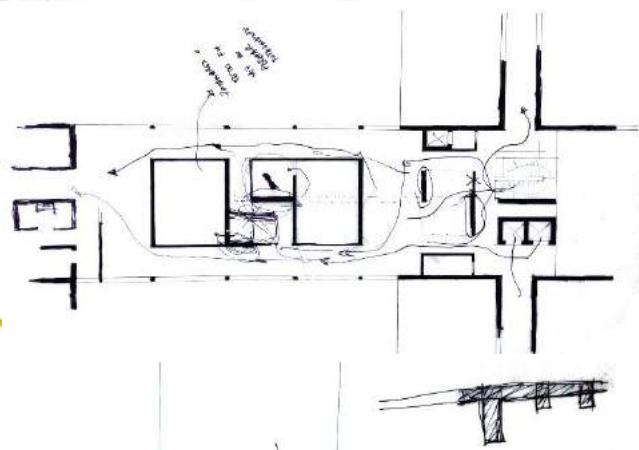
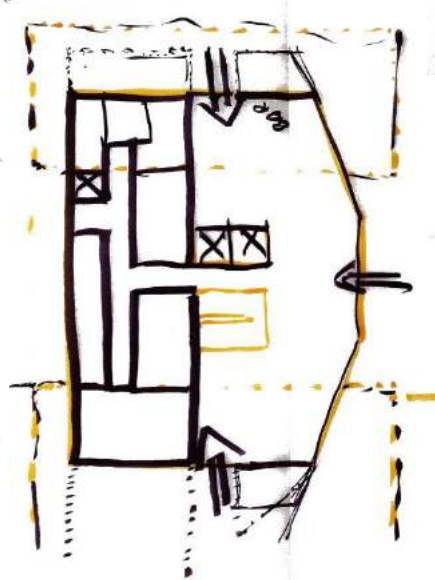
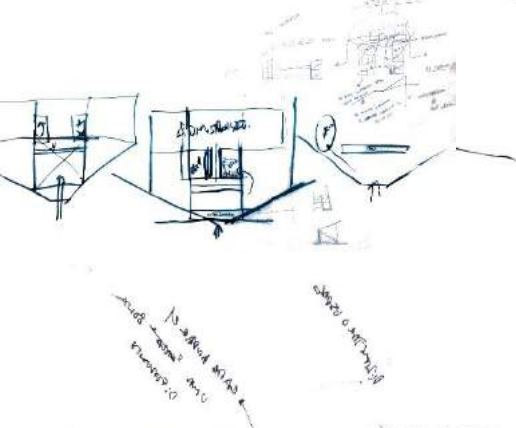
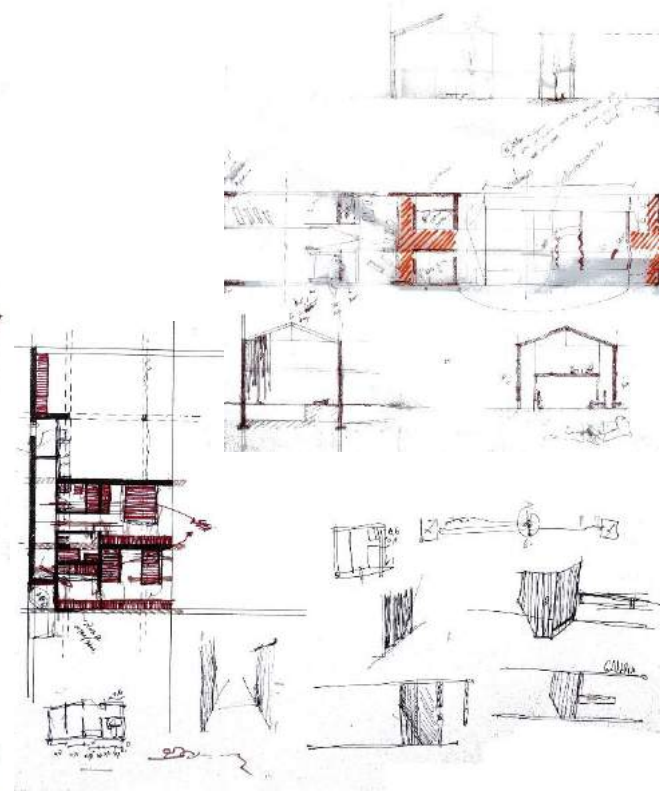
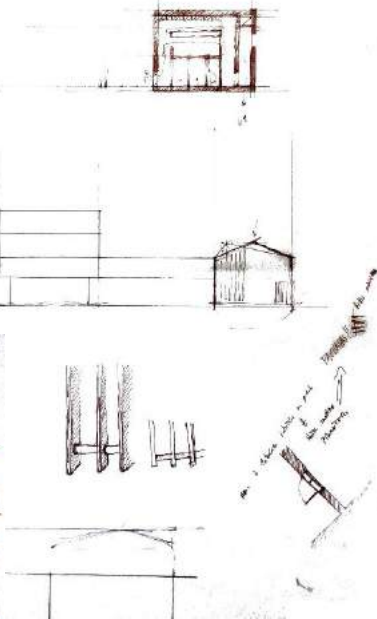
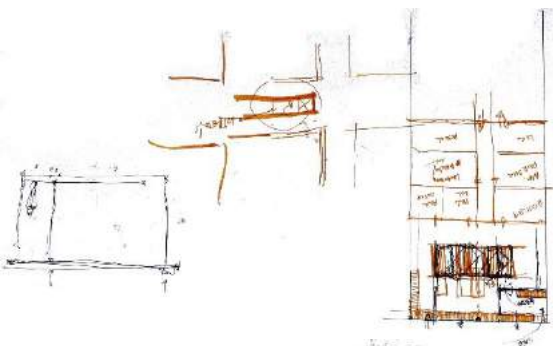
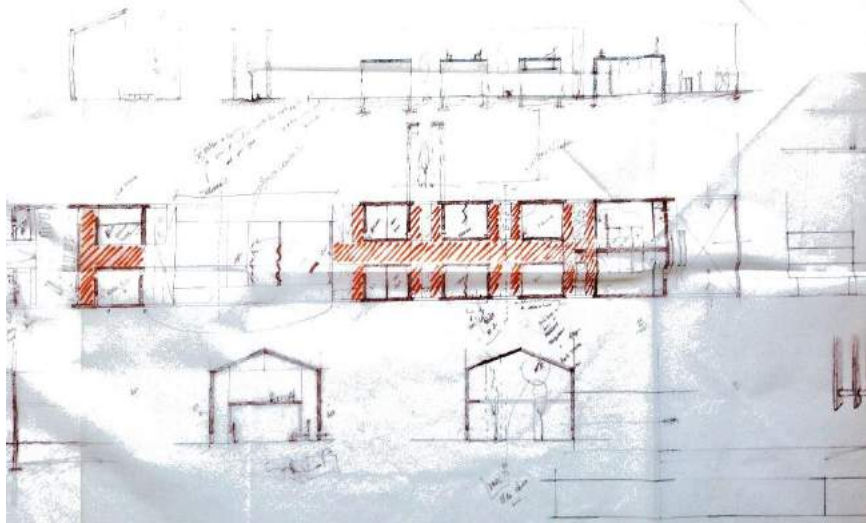
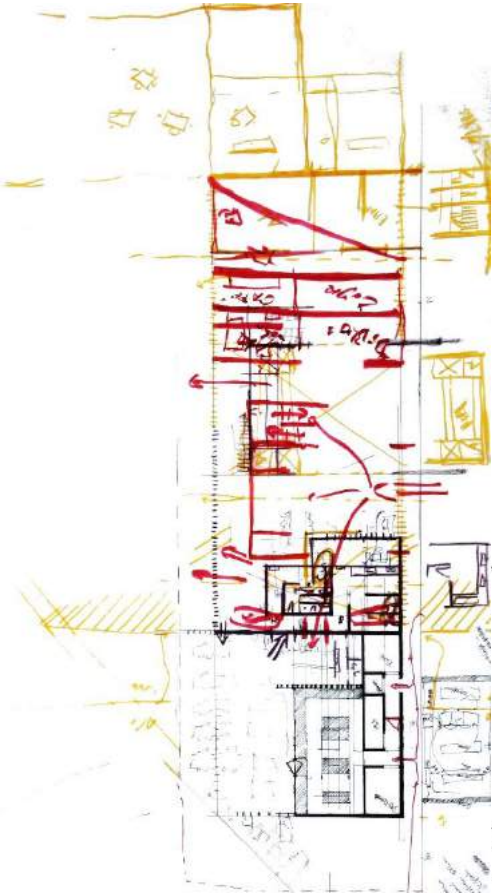




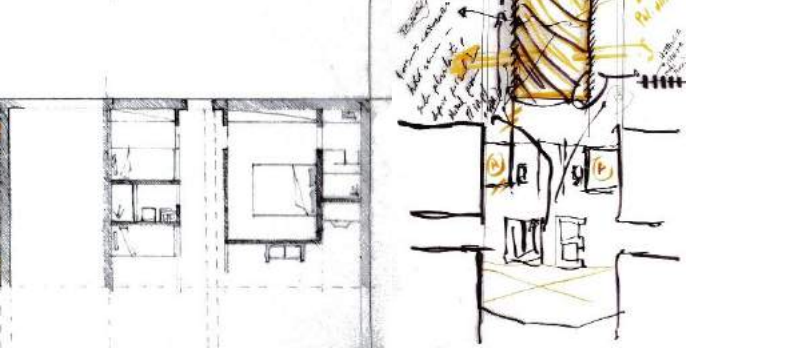
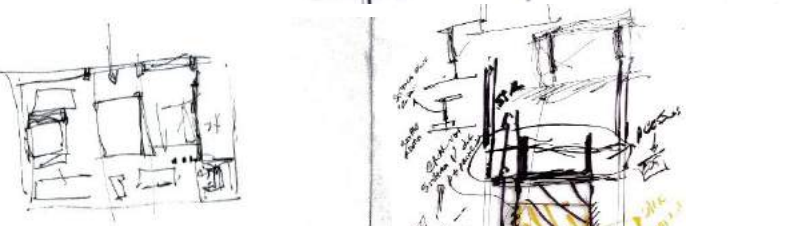
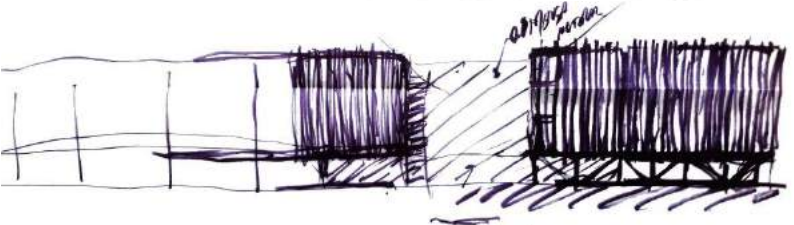
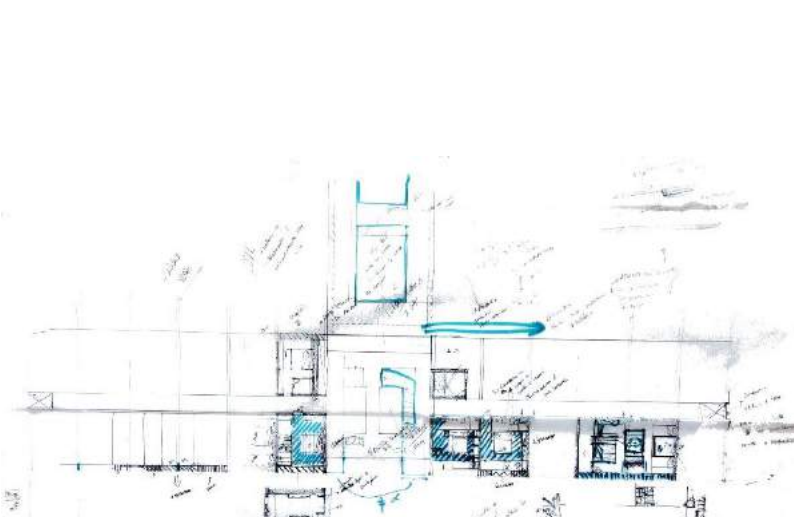
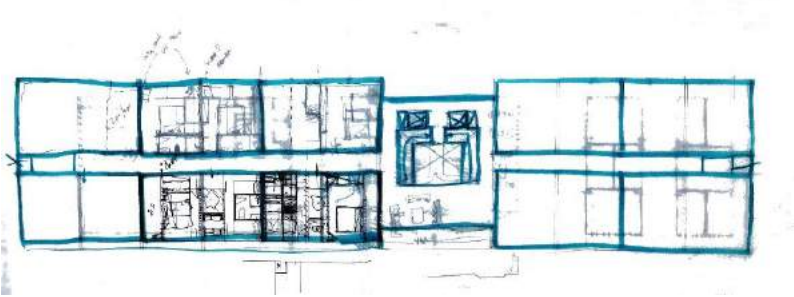
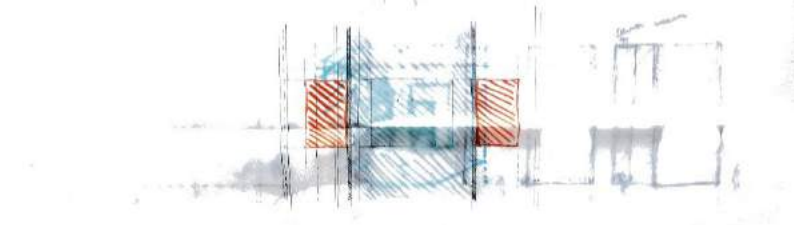
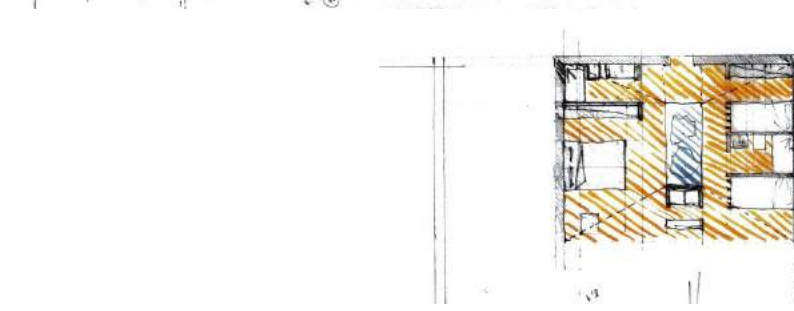
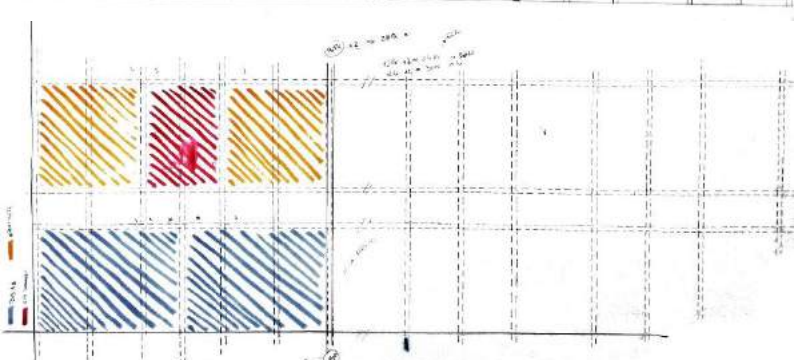
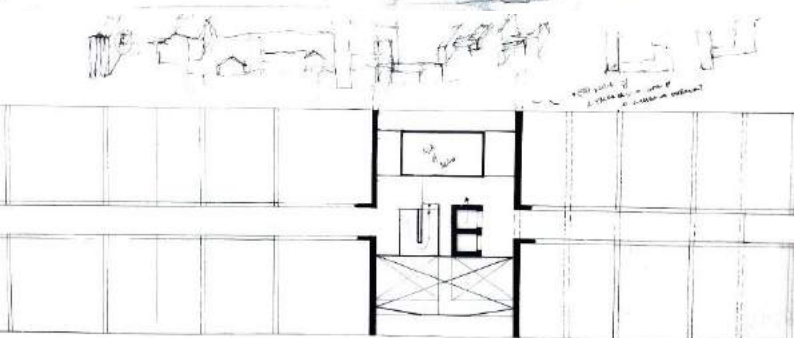
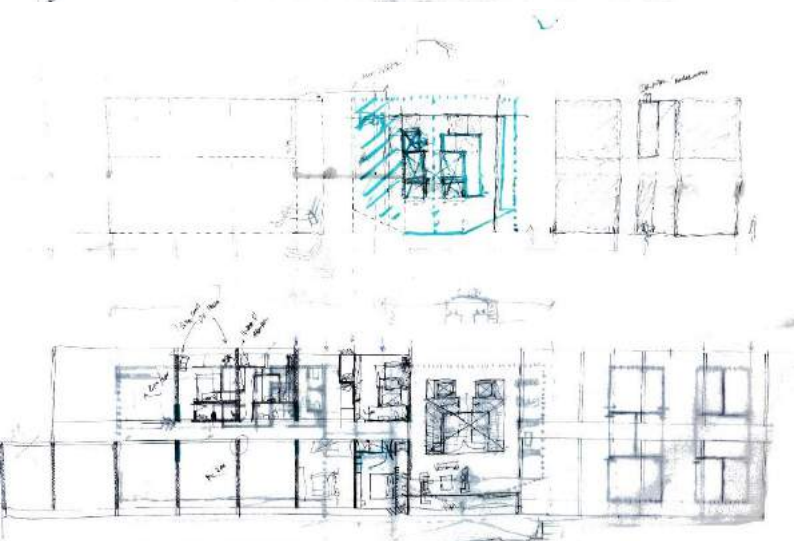
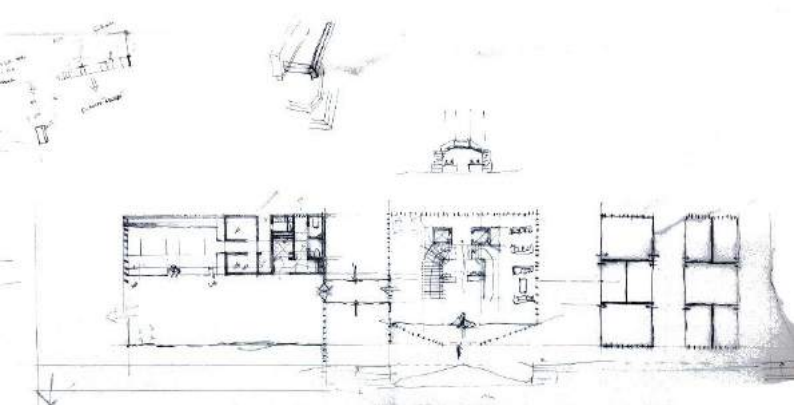
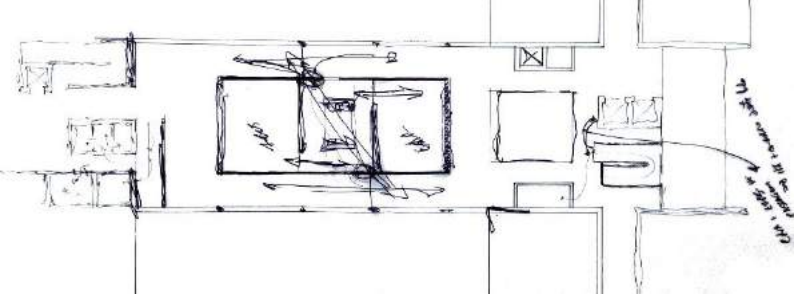




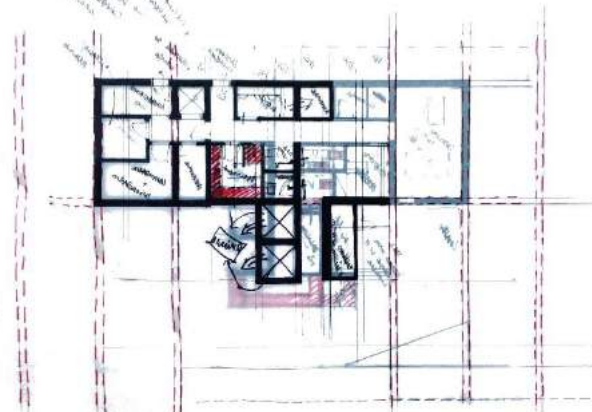
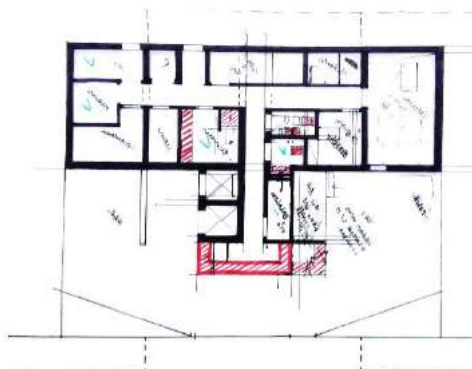
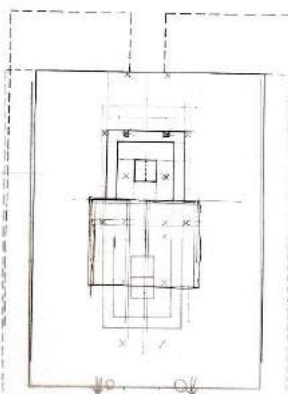
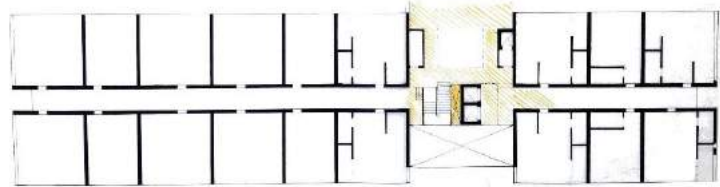
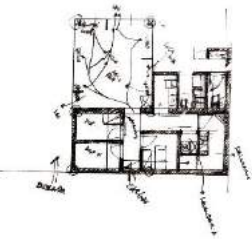
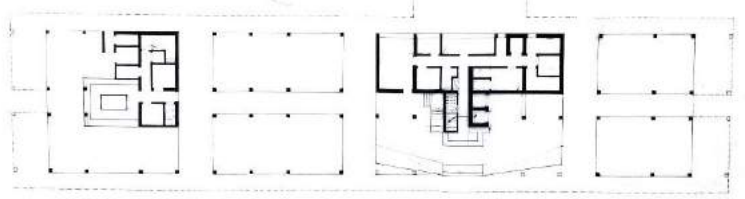




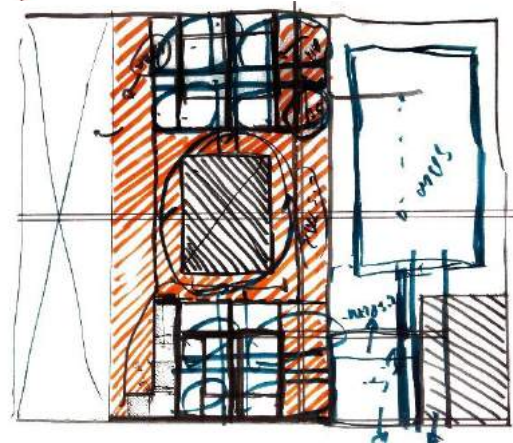
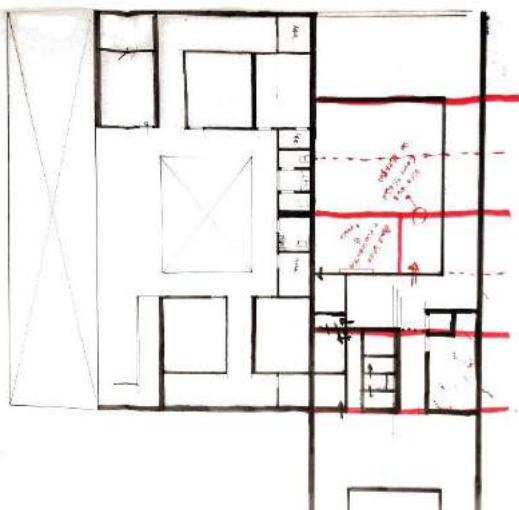
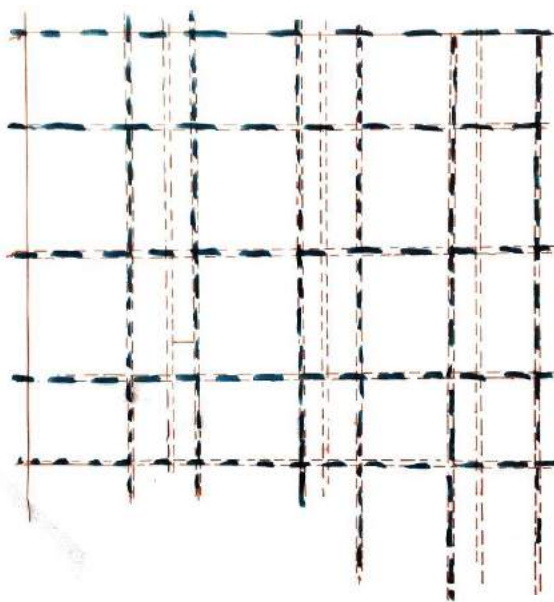
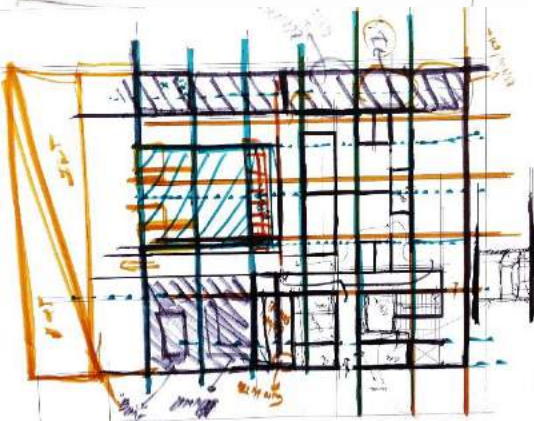
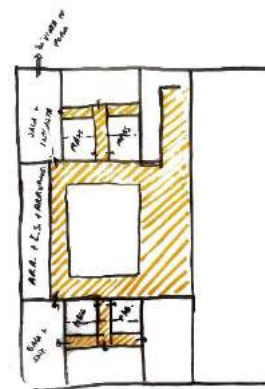
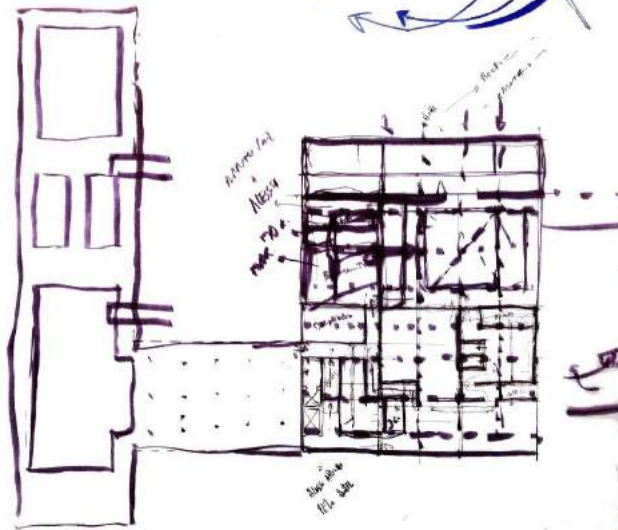
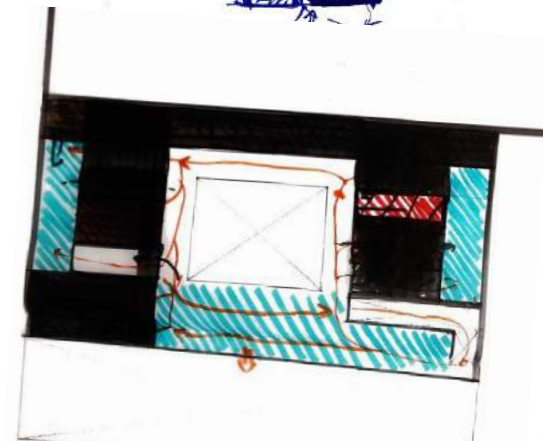
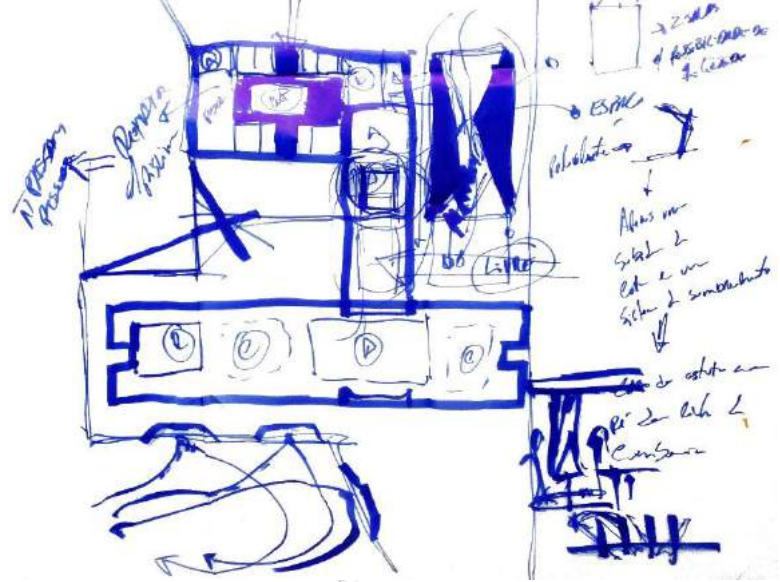
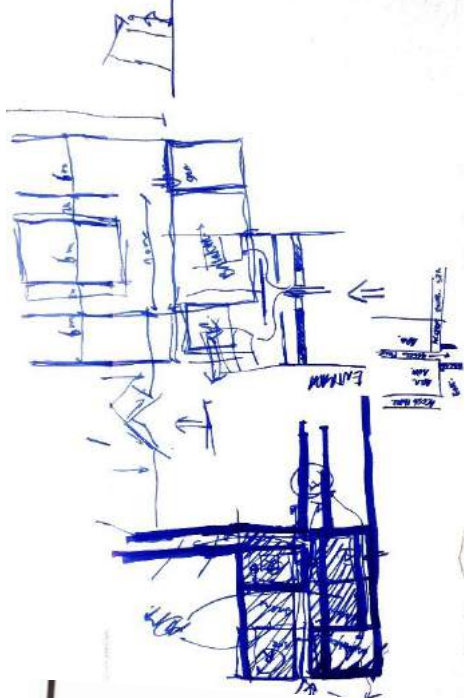




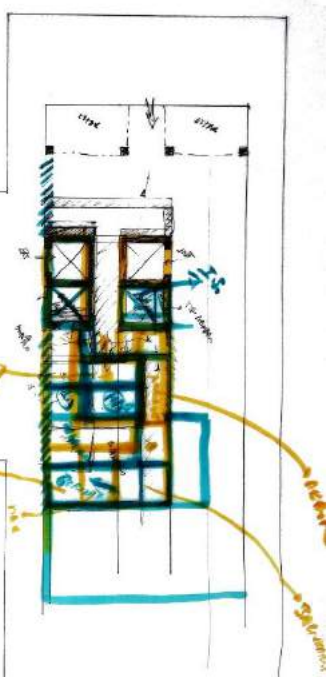
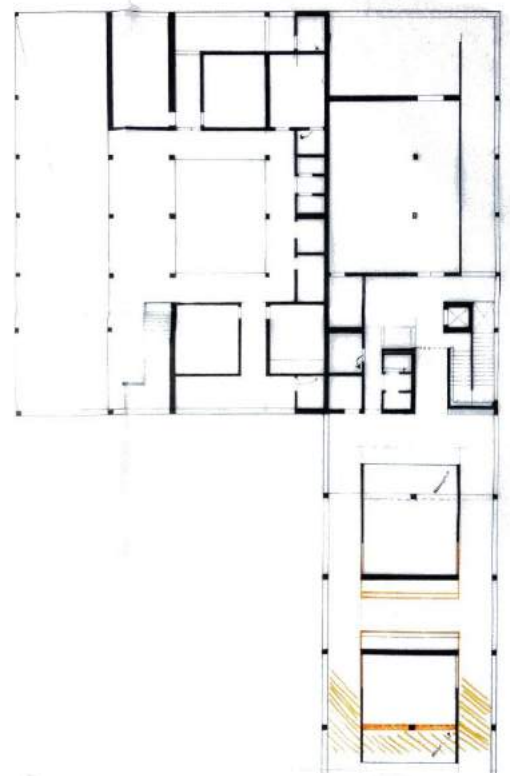
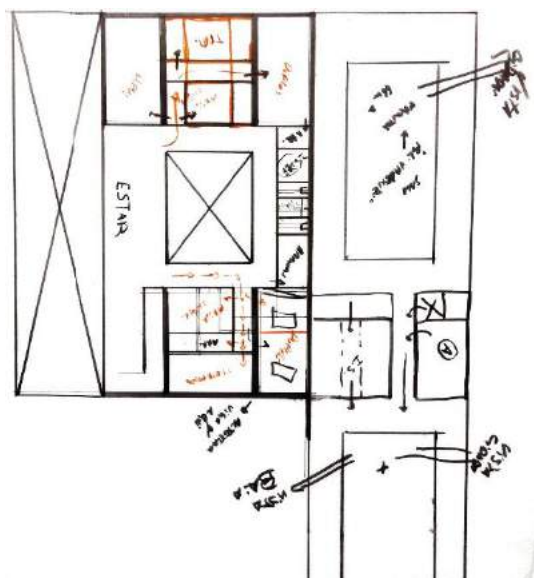
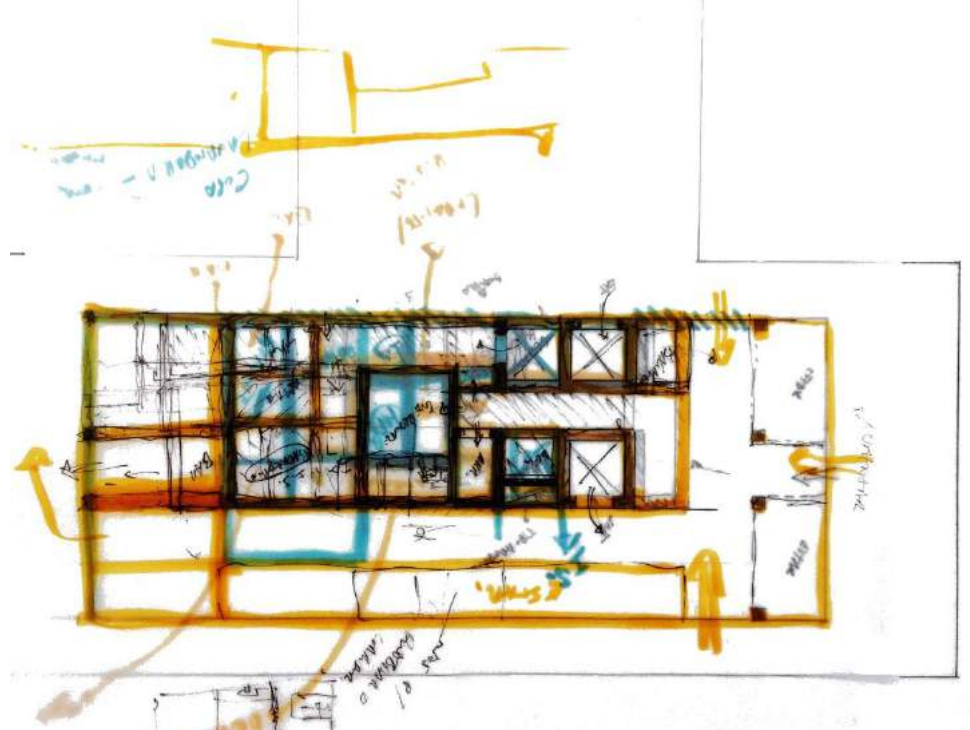
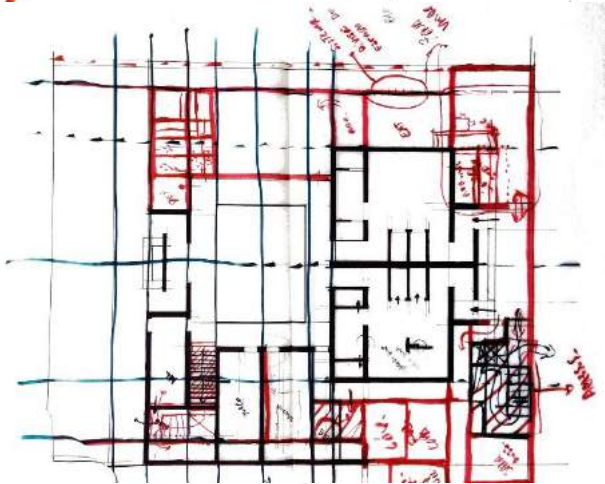
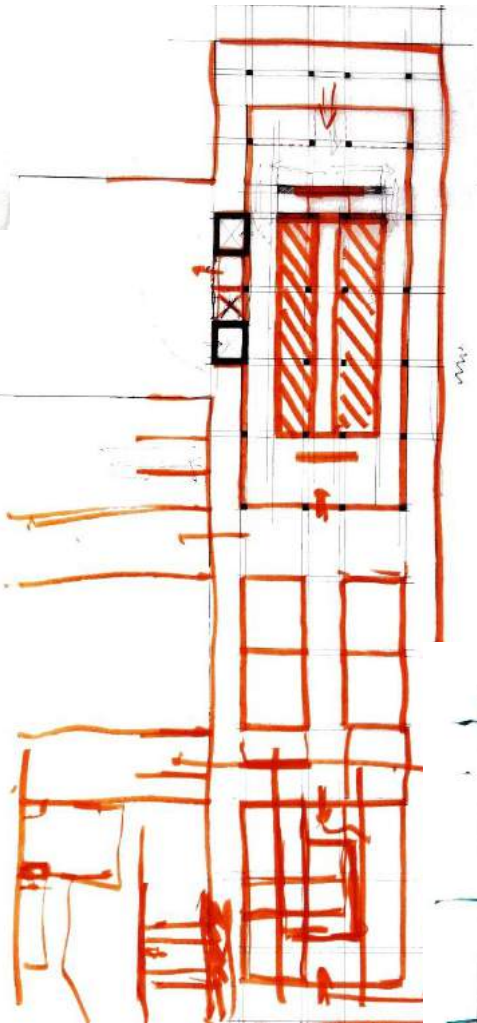
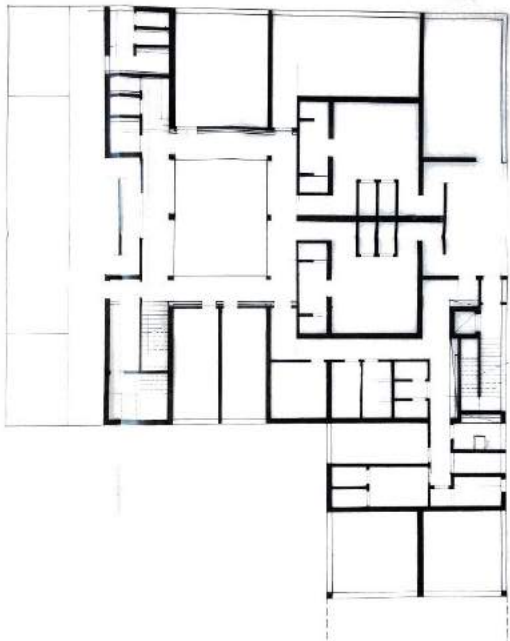
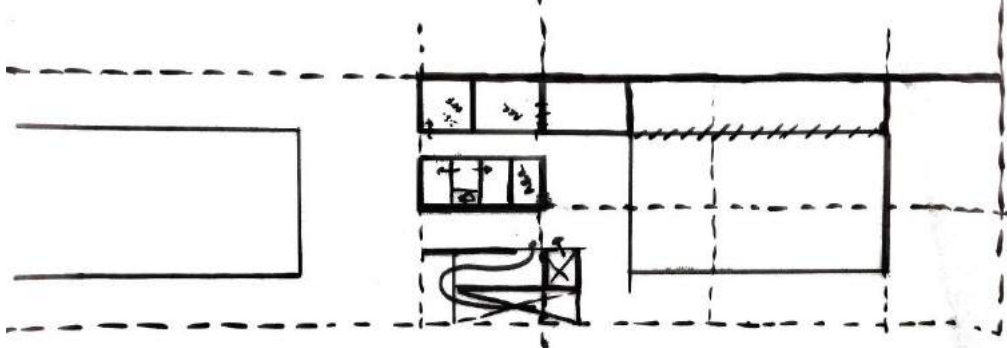




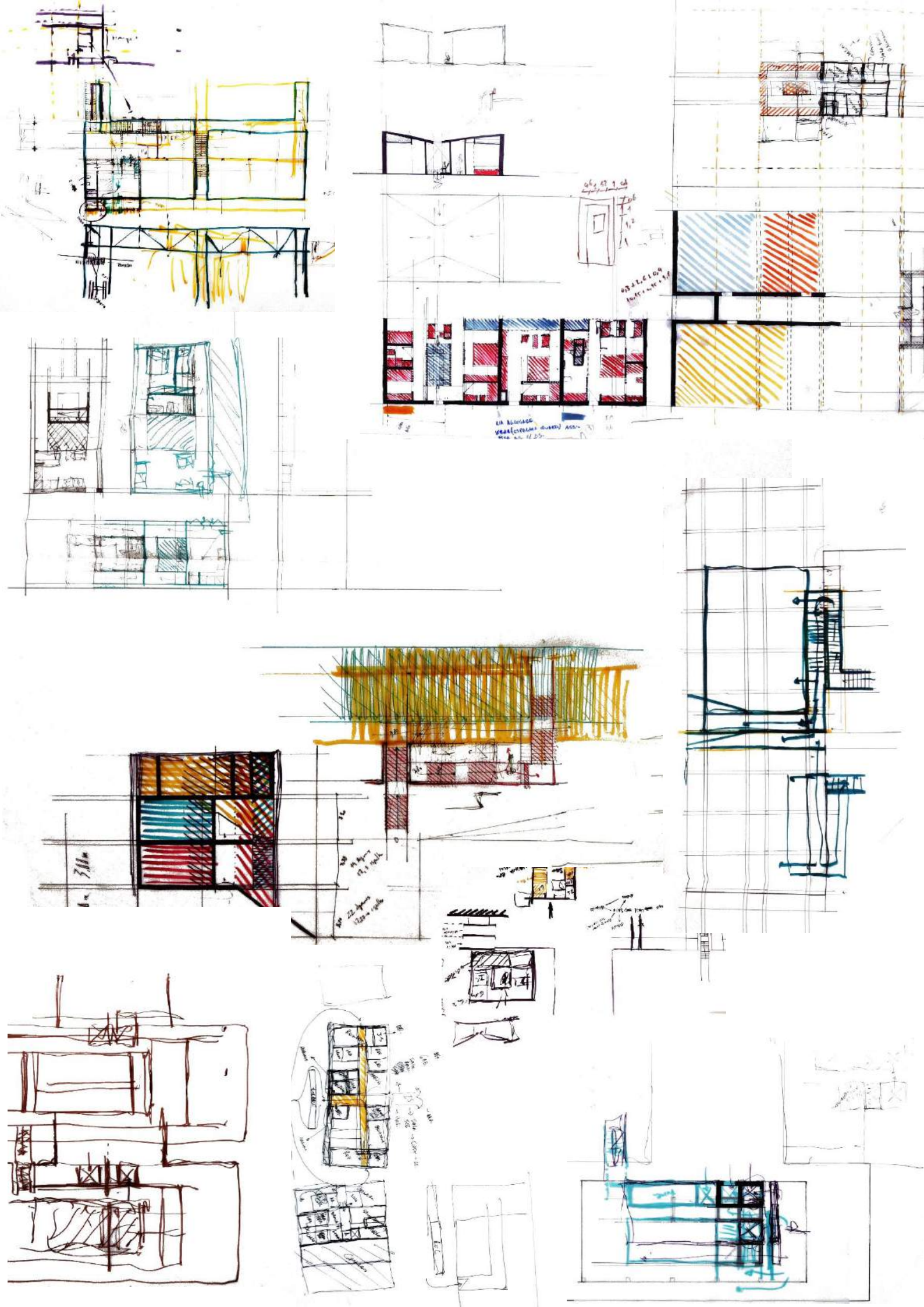




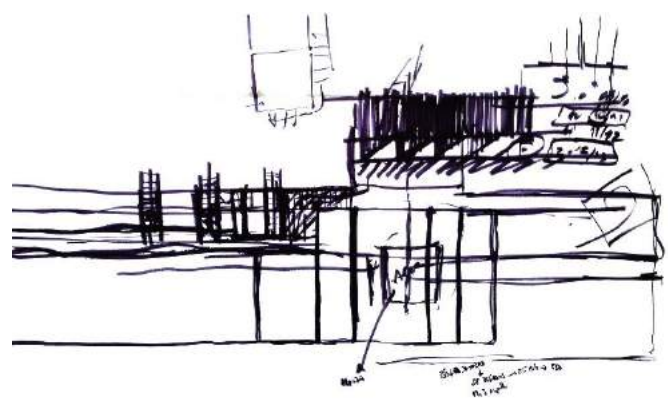
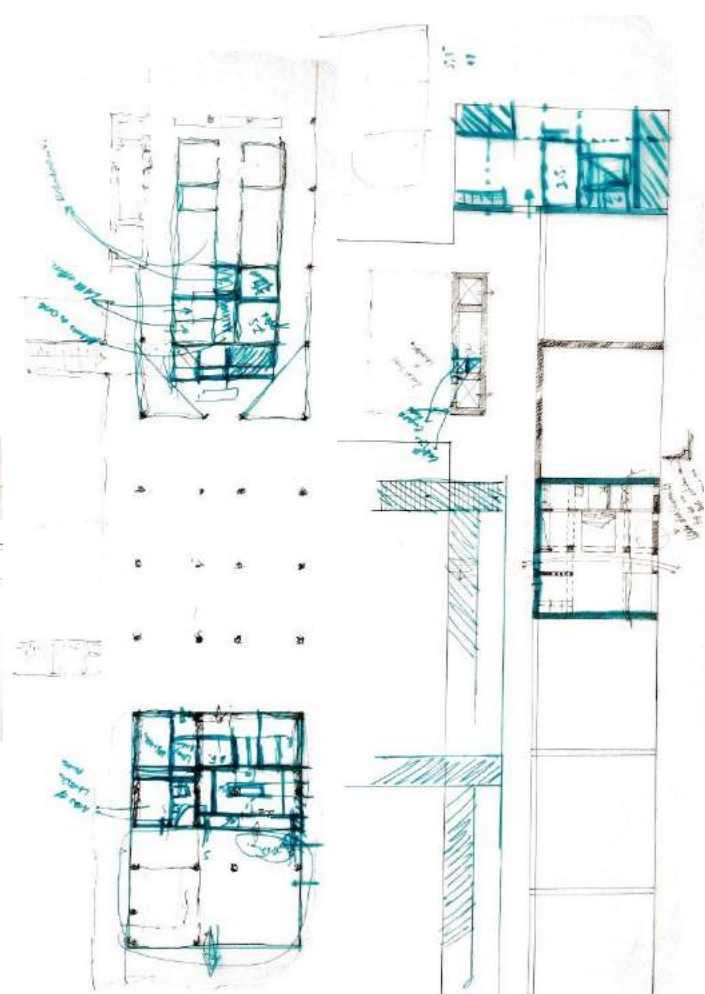
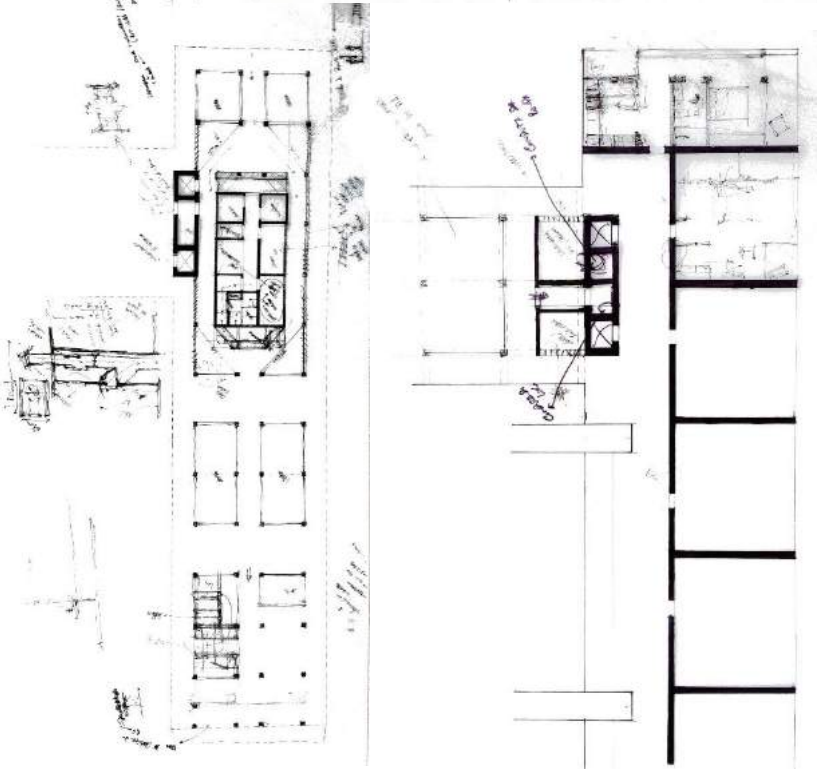
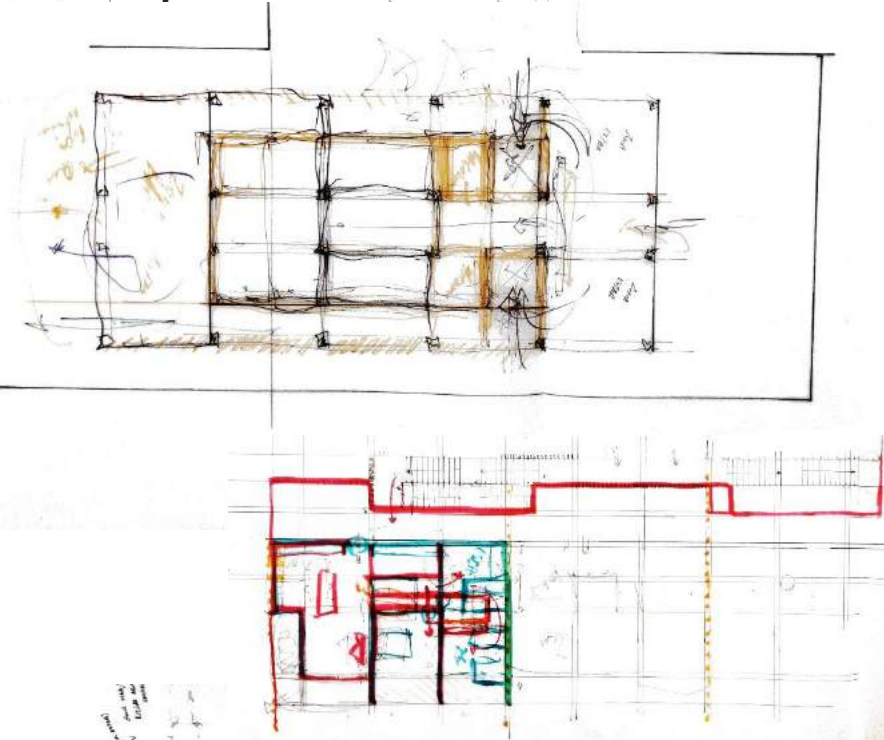
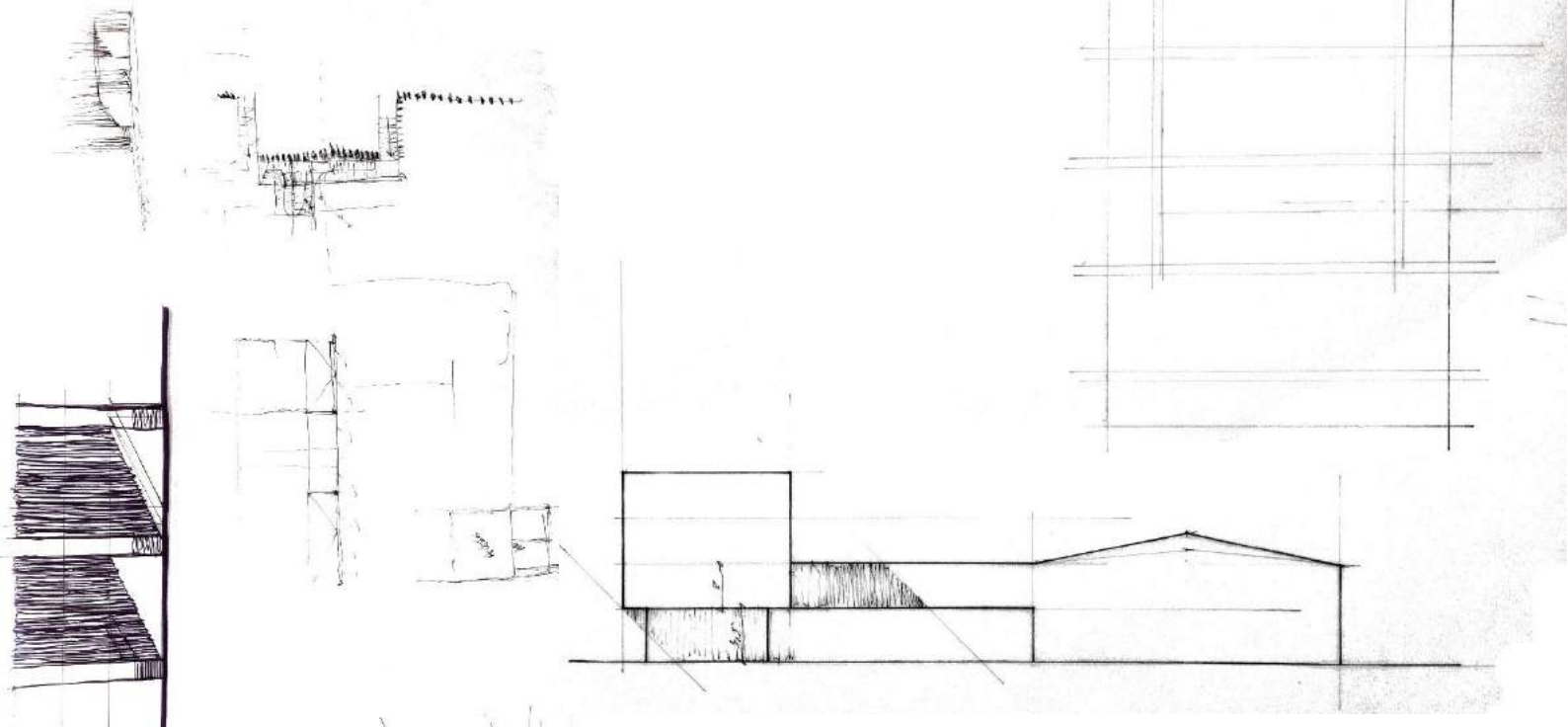




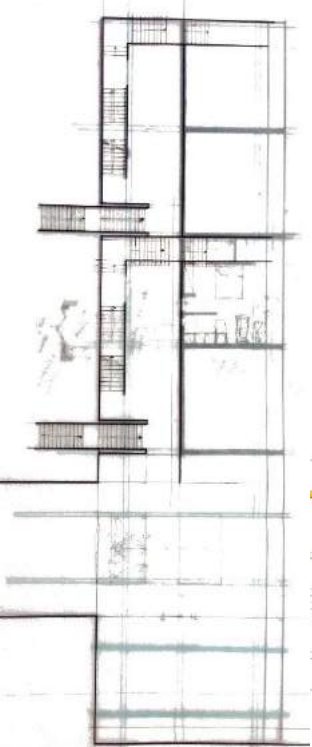




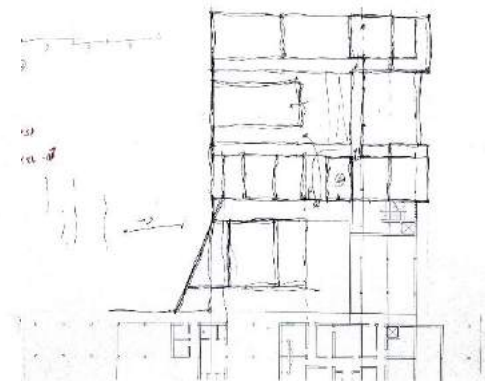
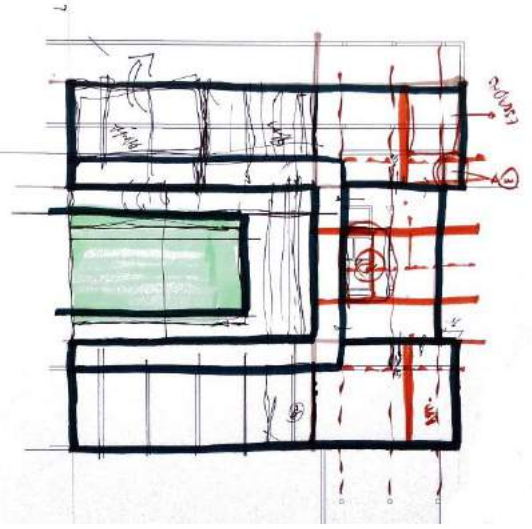
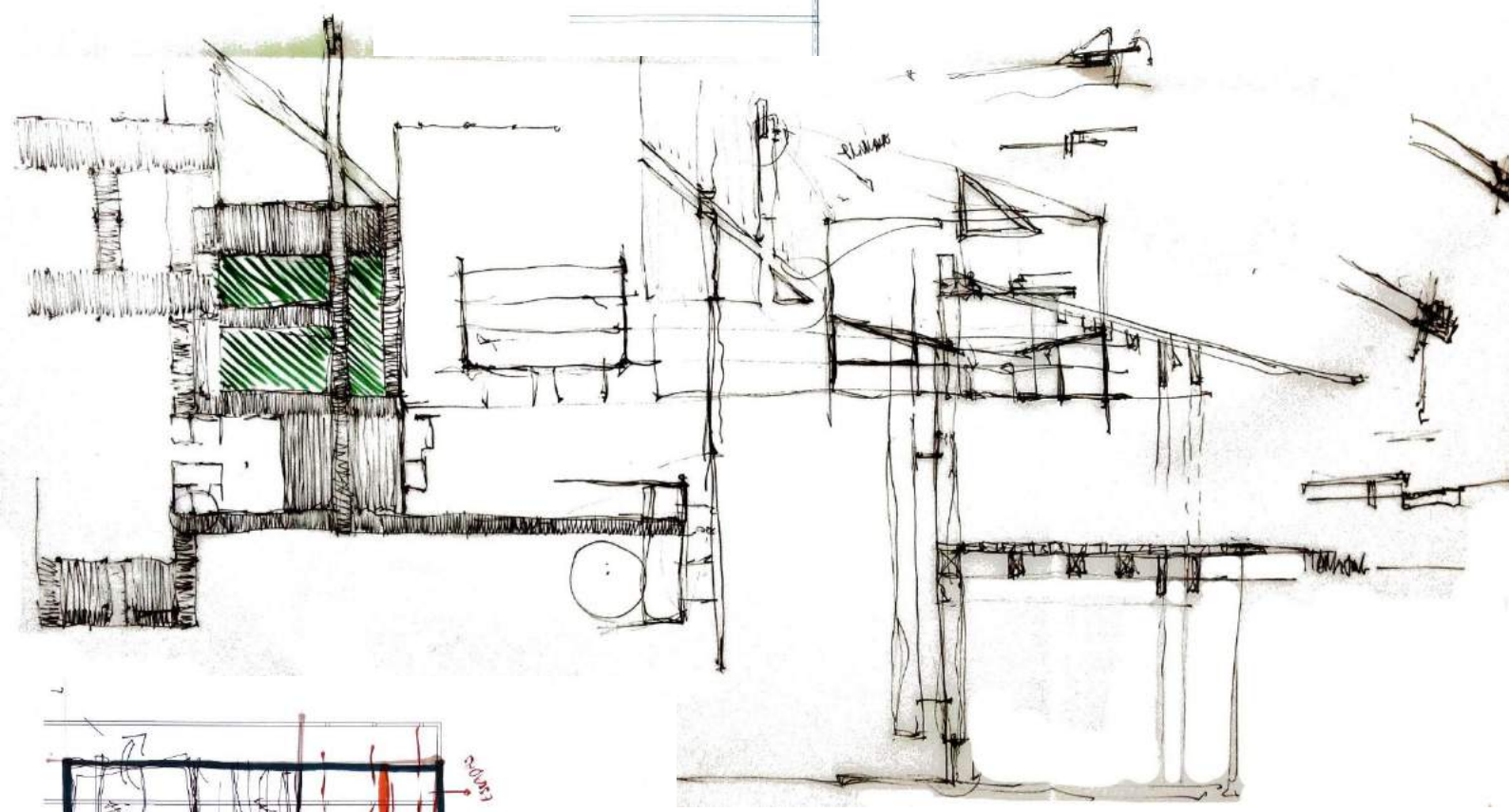
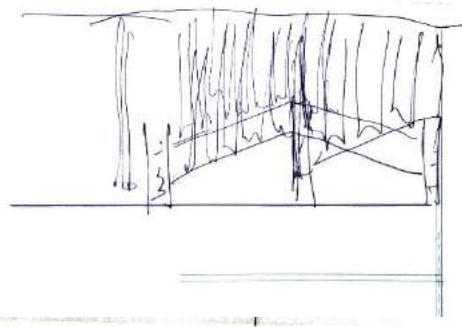
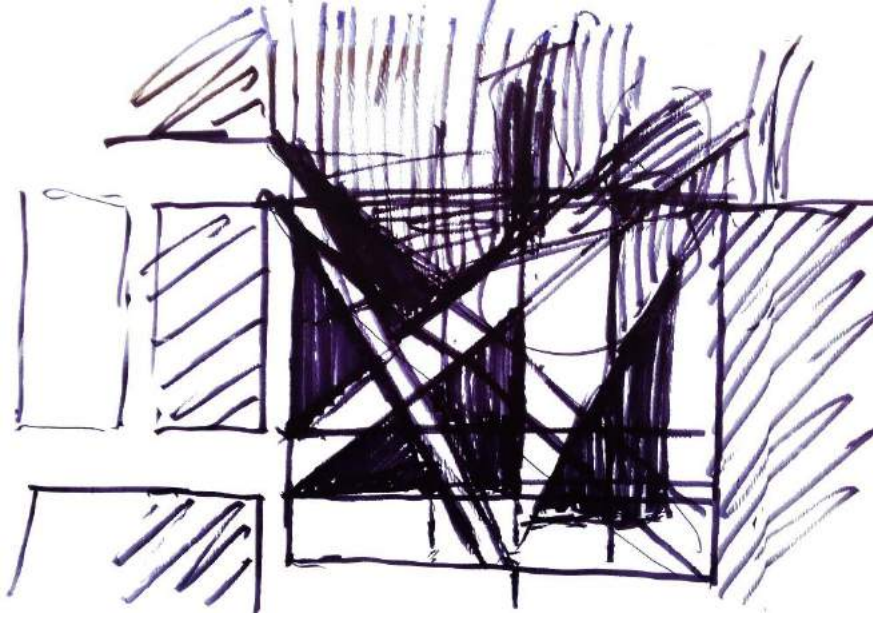








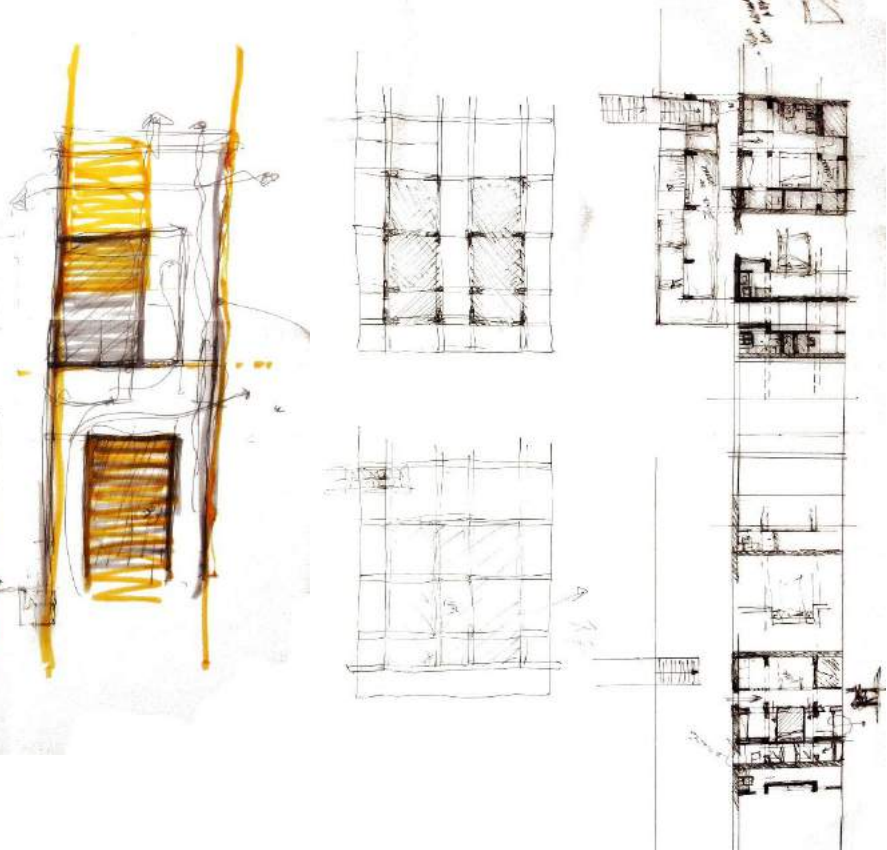
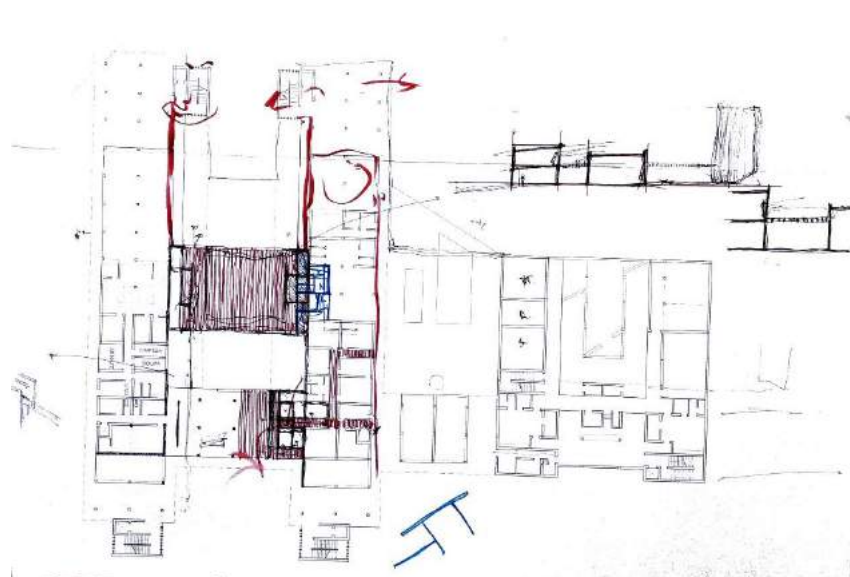




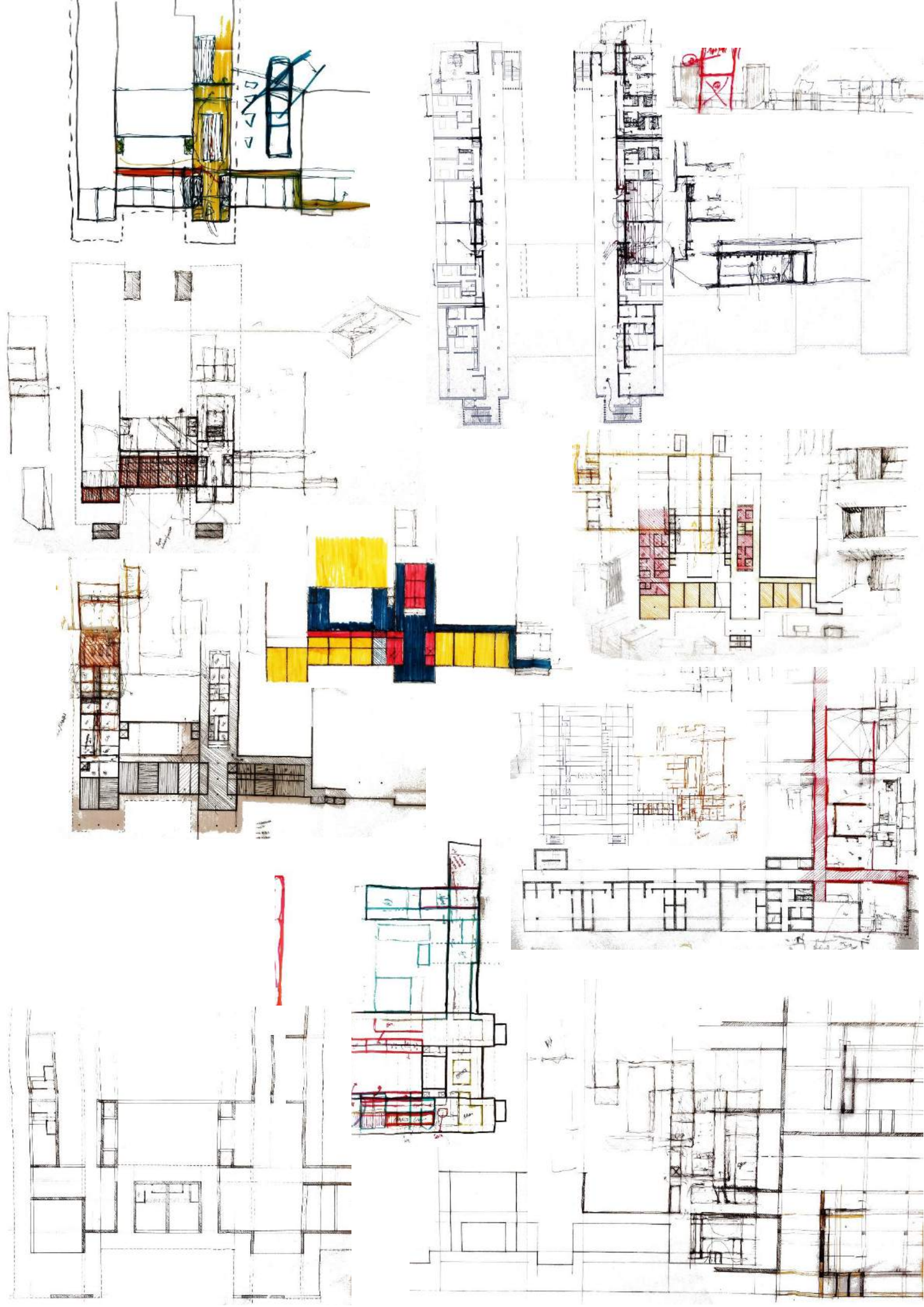




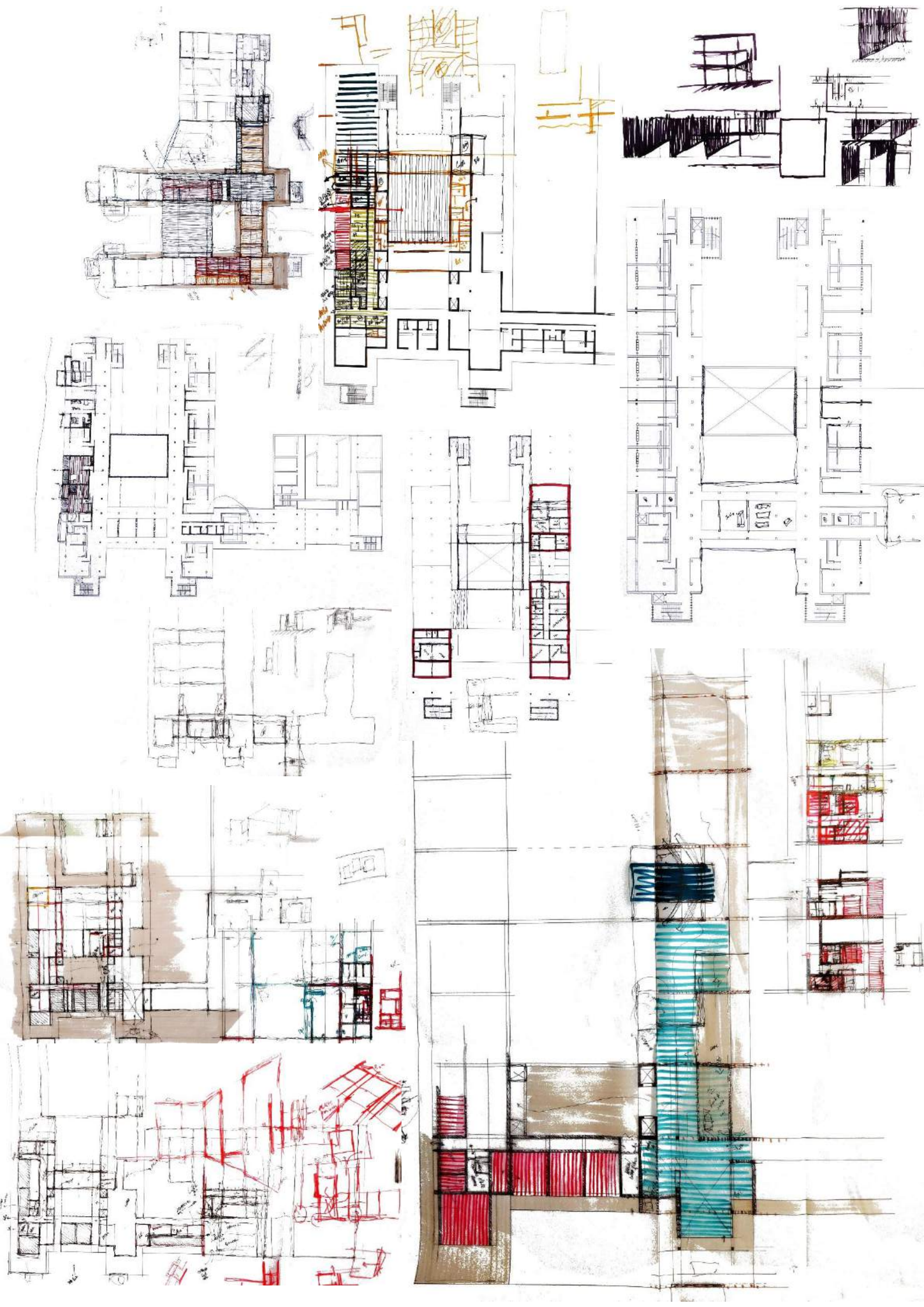




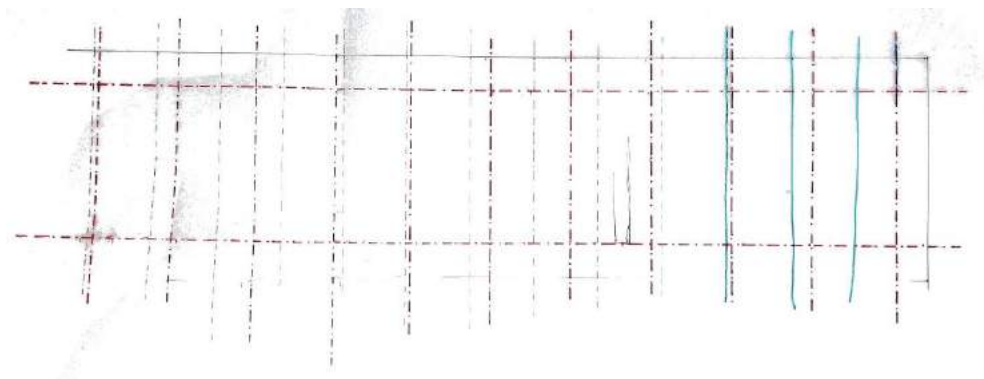
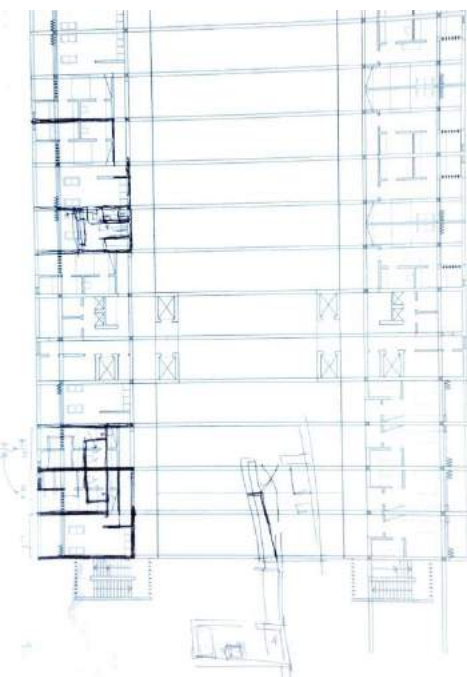
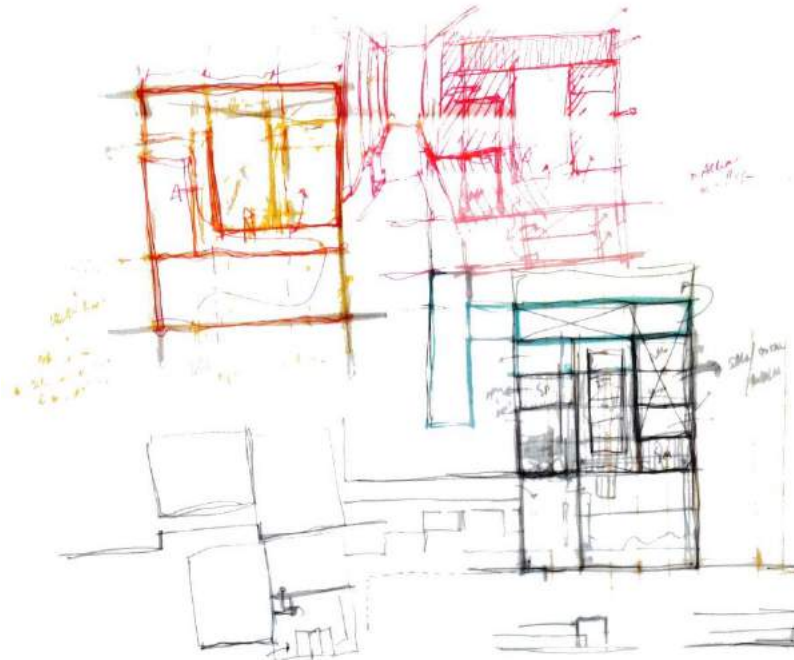
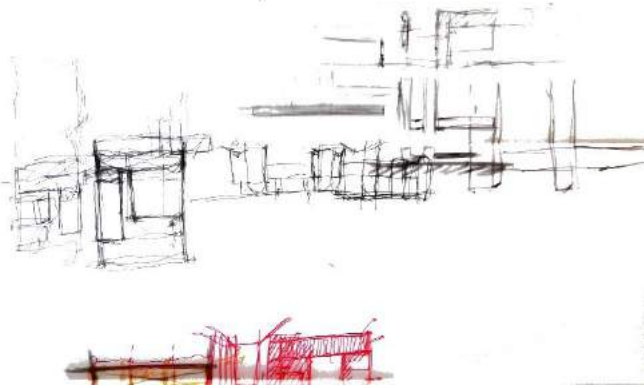
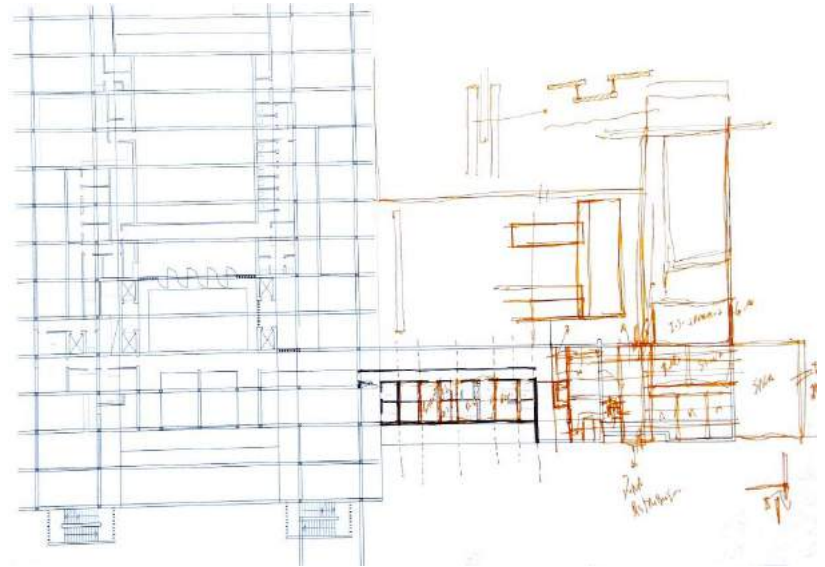
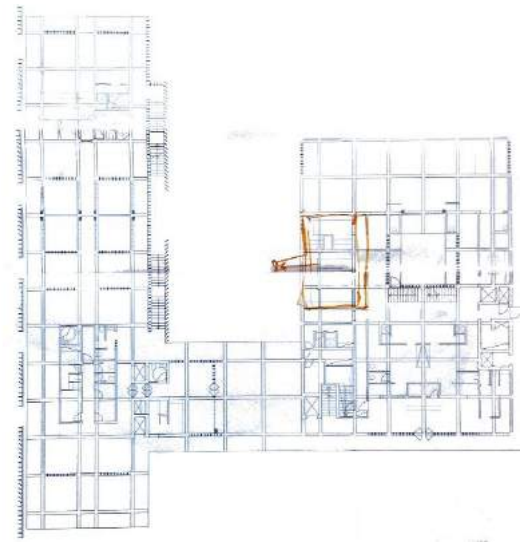
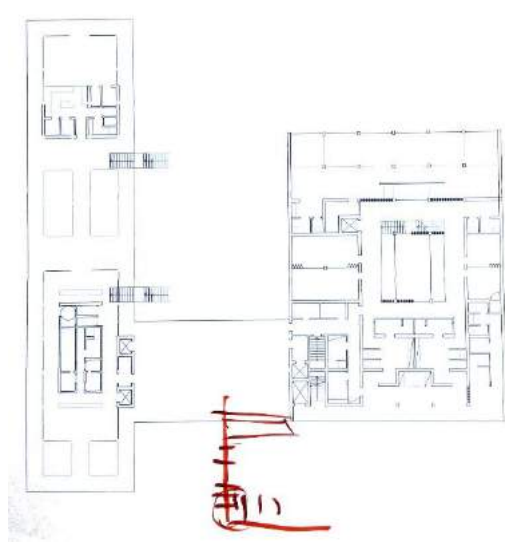
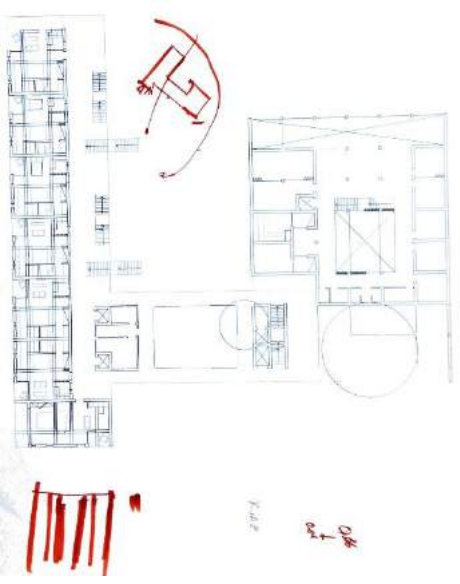


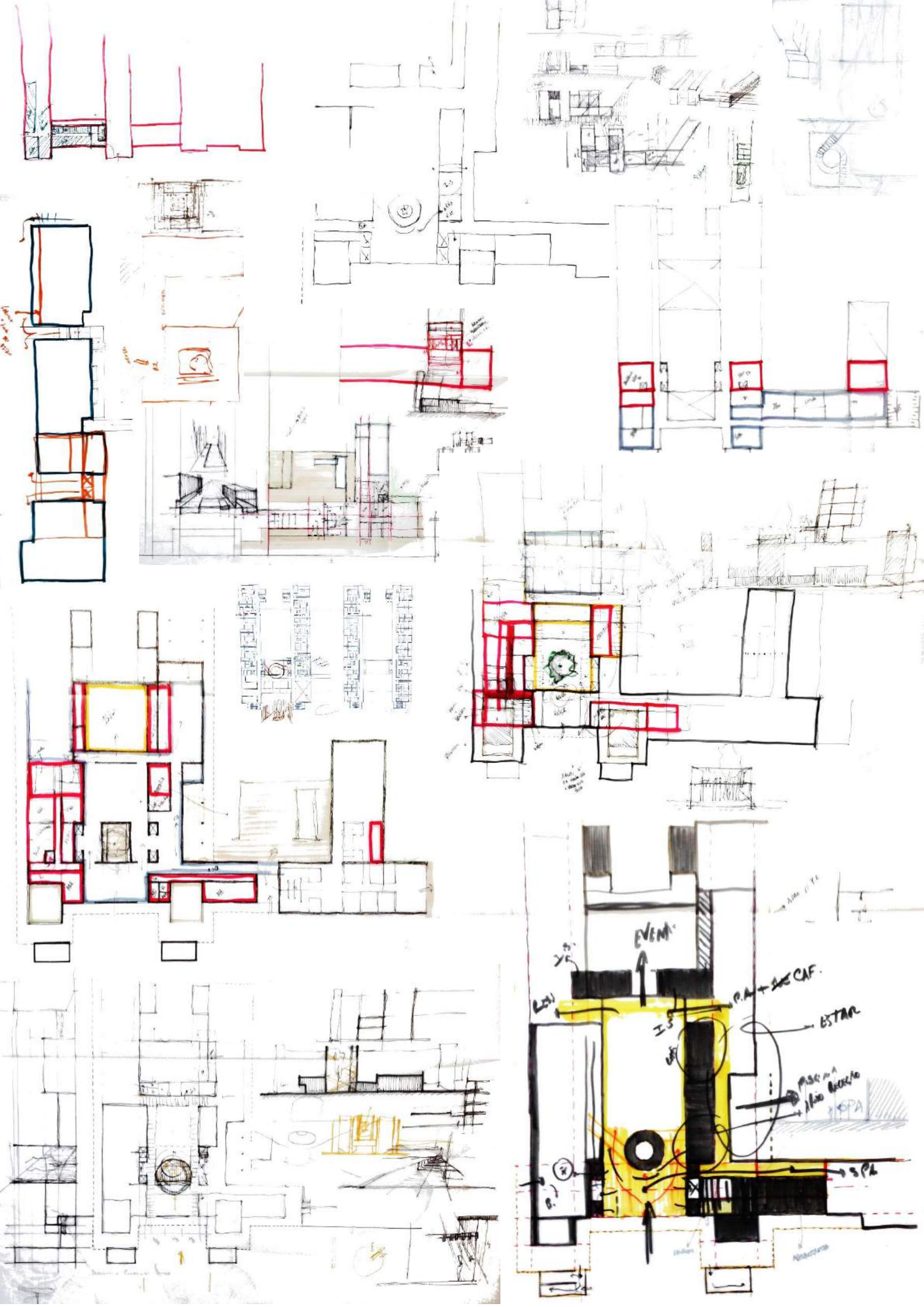




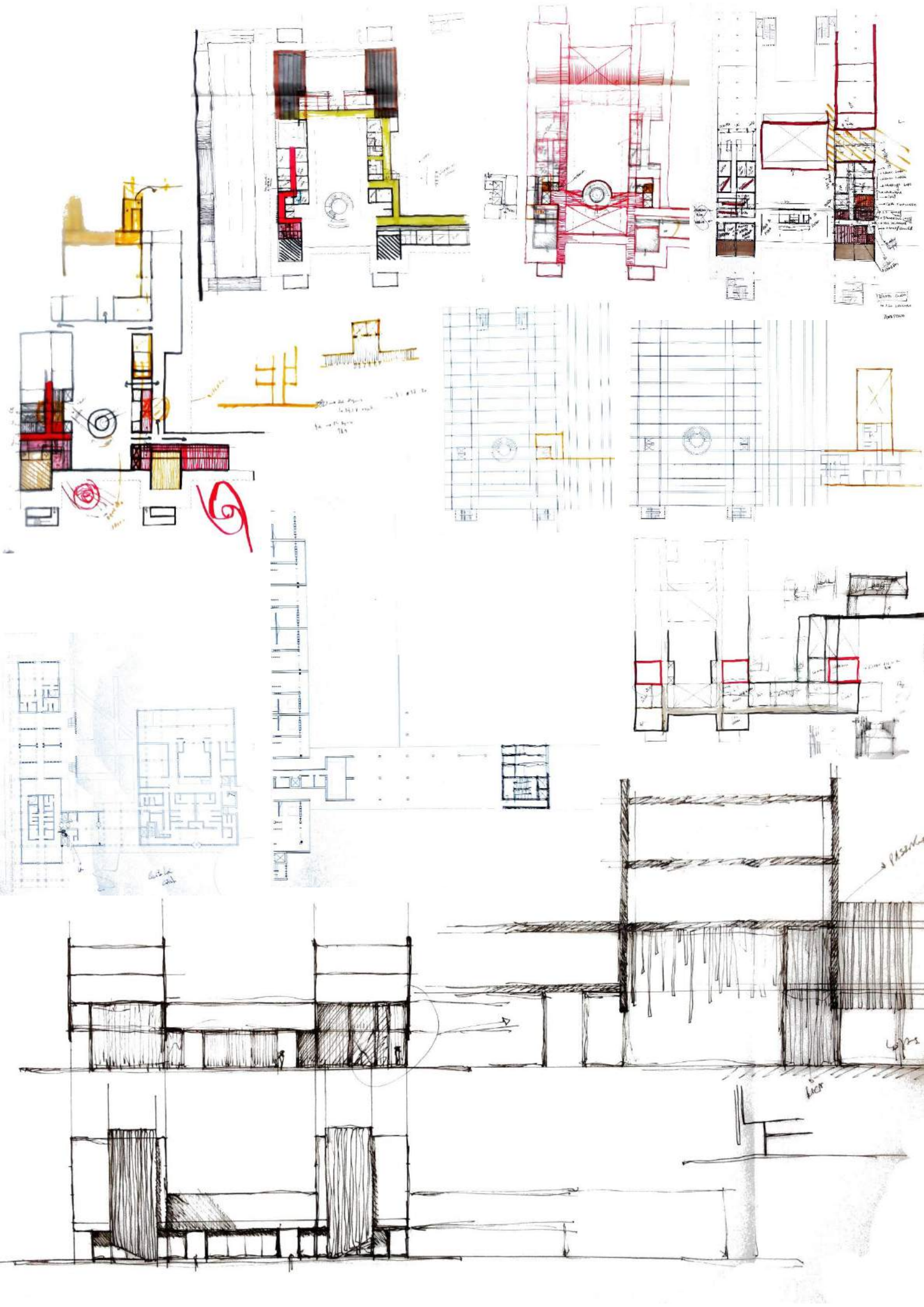
















## I . EXPERIÊNCIA . forno 200°C

- Vidro 4mm
- Folha de PVB
- Folha de Madeira
- Folha de PVB
- Vidro 4mm





## II . EXPERIÊNCIA . forno 220°C + peso

- Vidro 4mm
- Folha de PVB
- Ripa 7mm + Vidro 6mm
- Folha de PVB
- Vidro 4mm

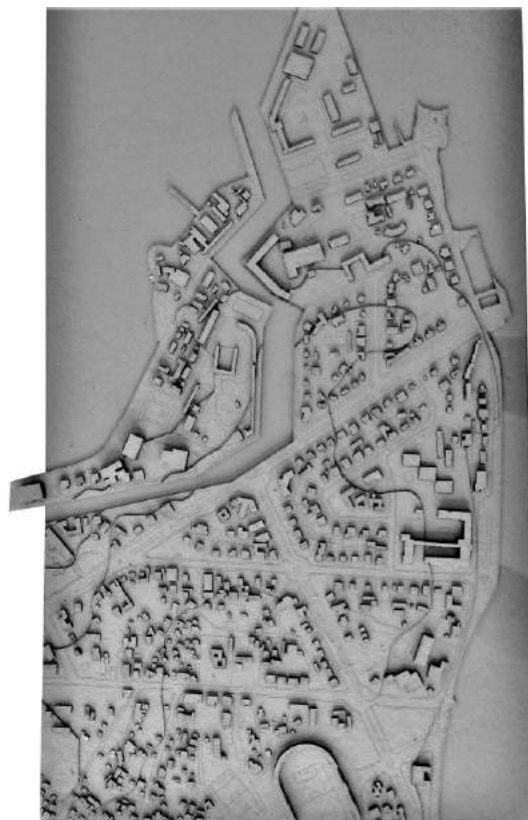
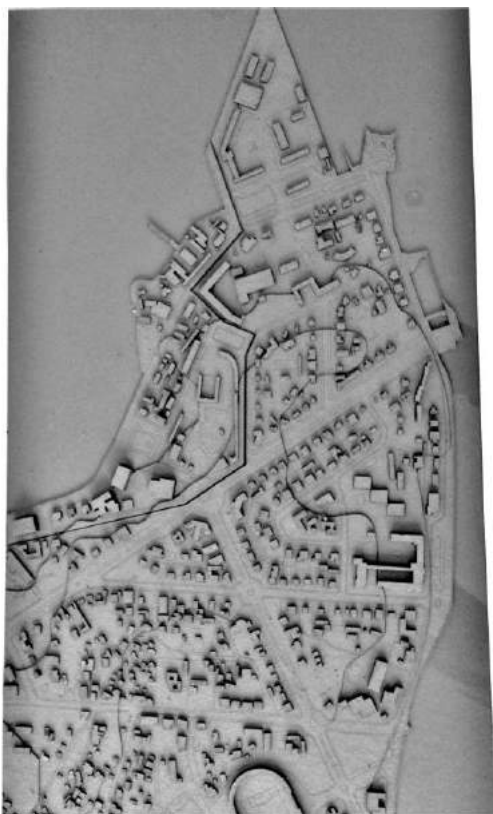




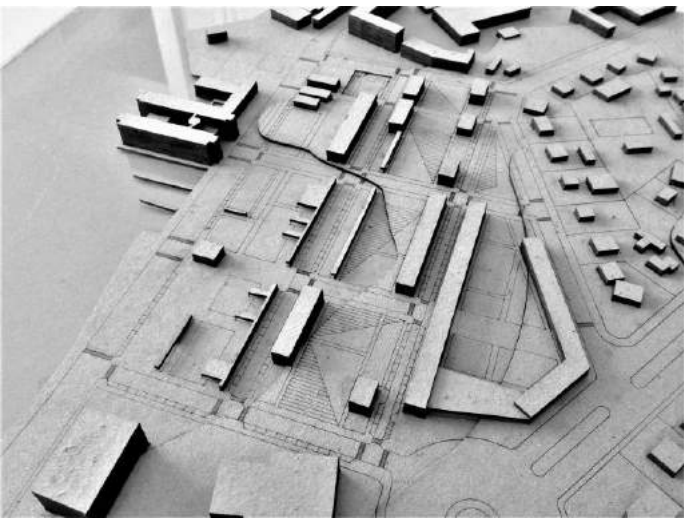
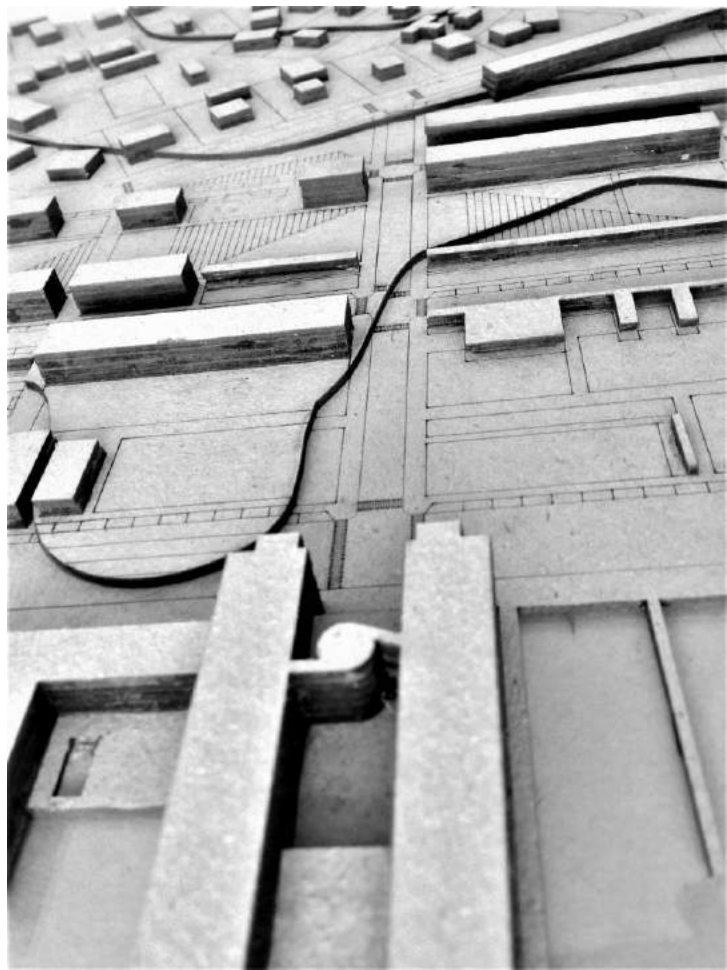
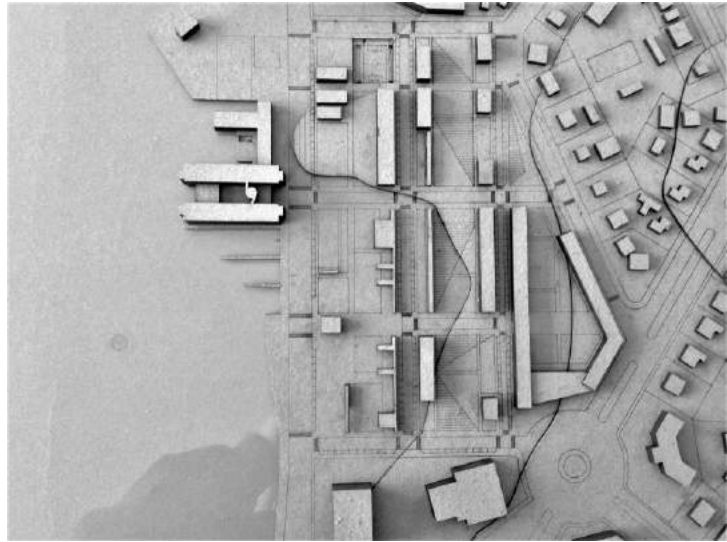
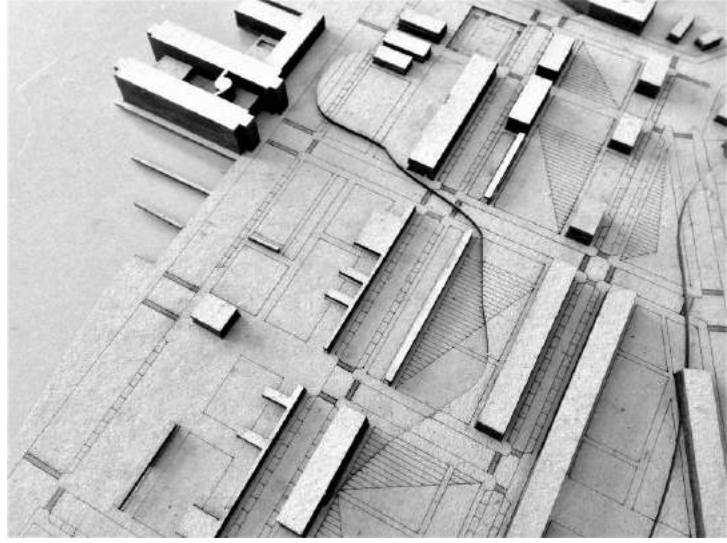


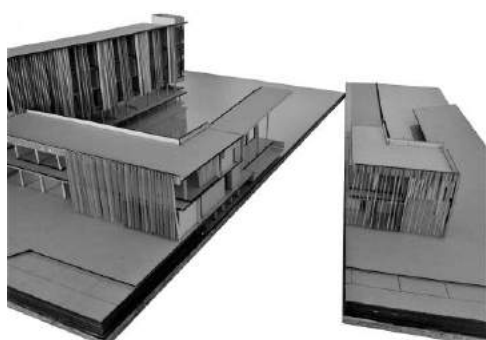




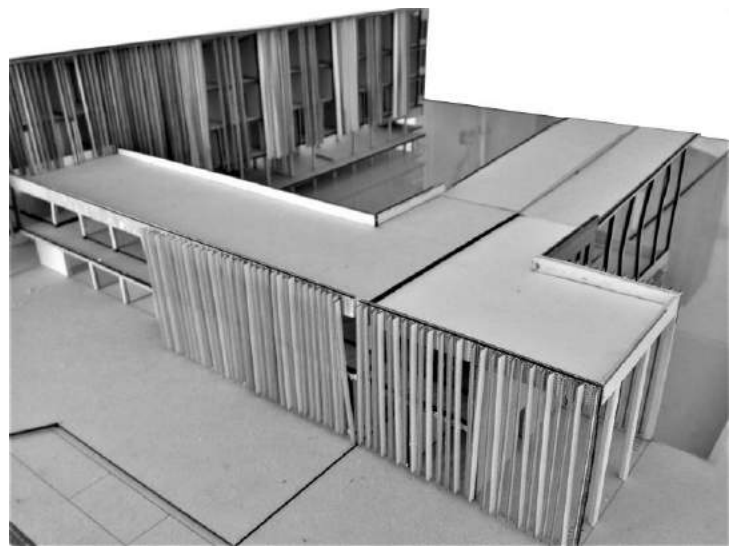
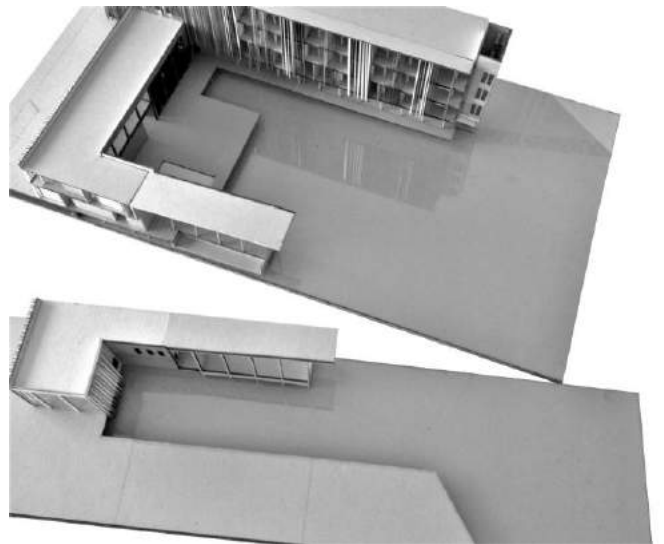


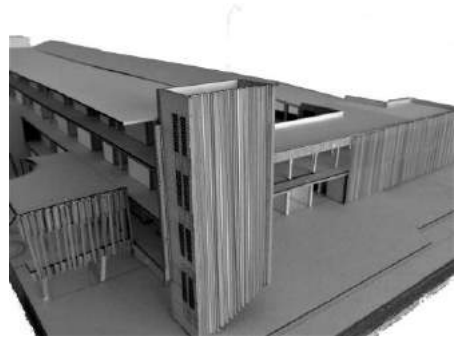
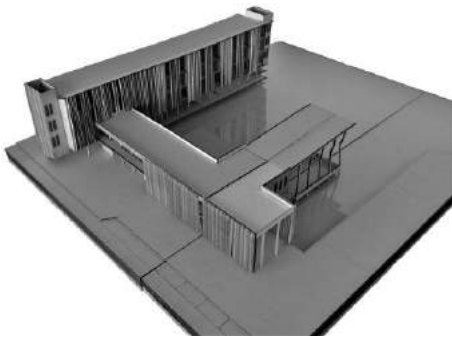


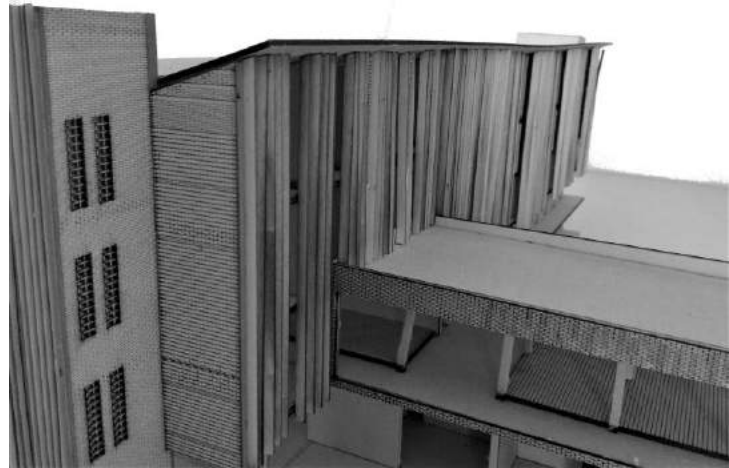




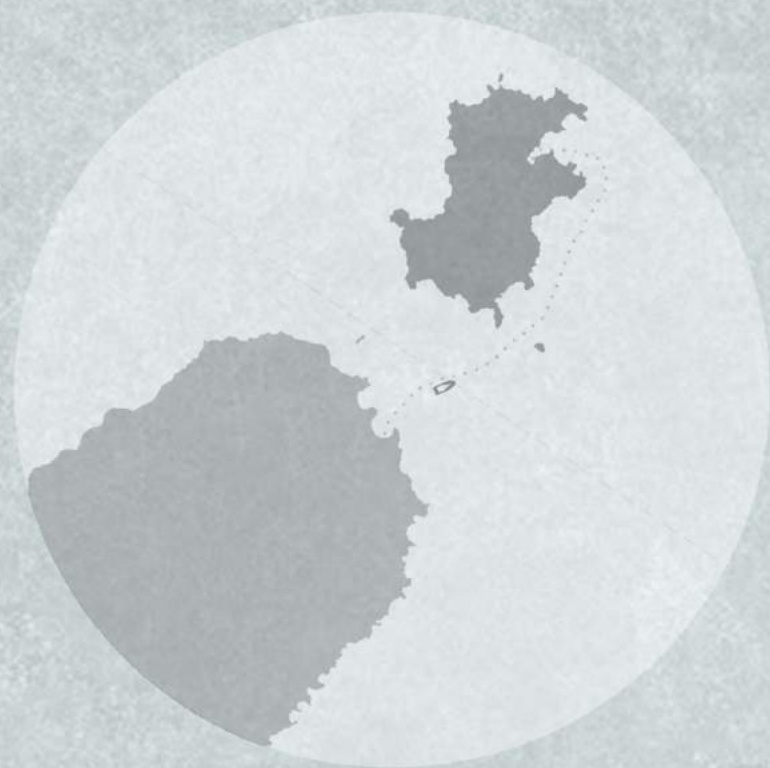










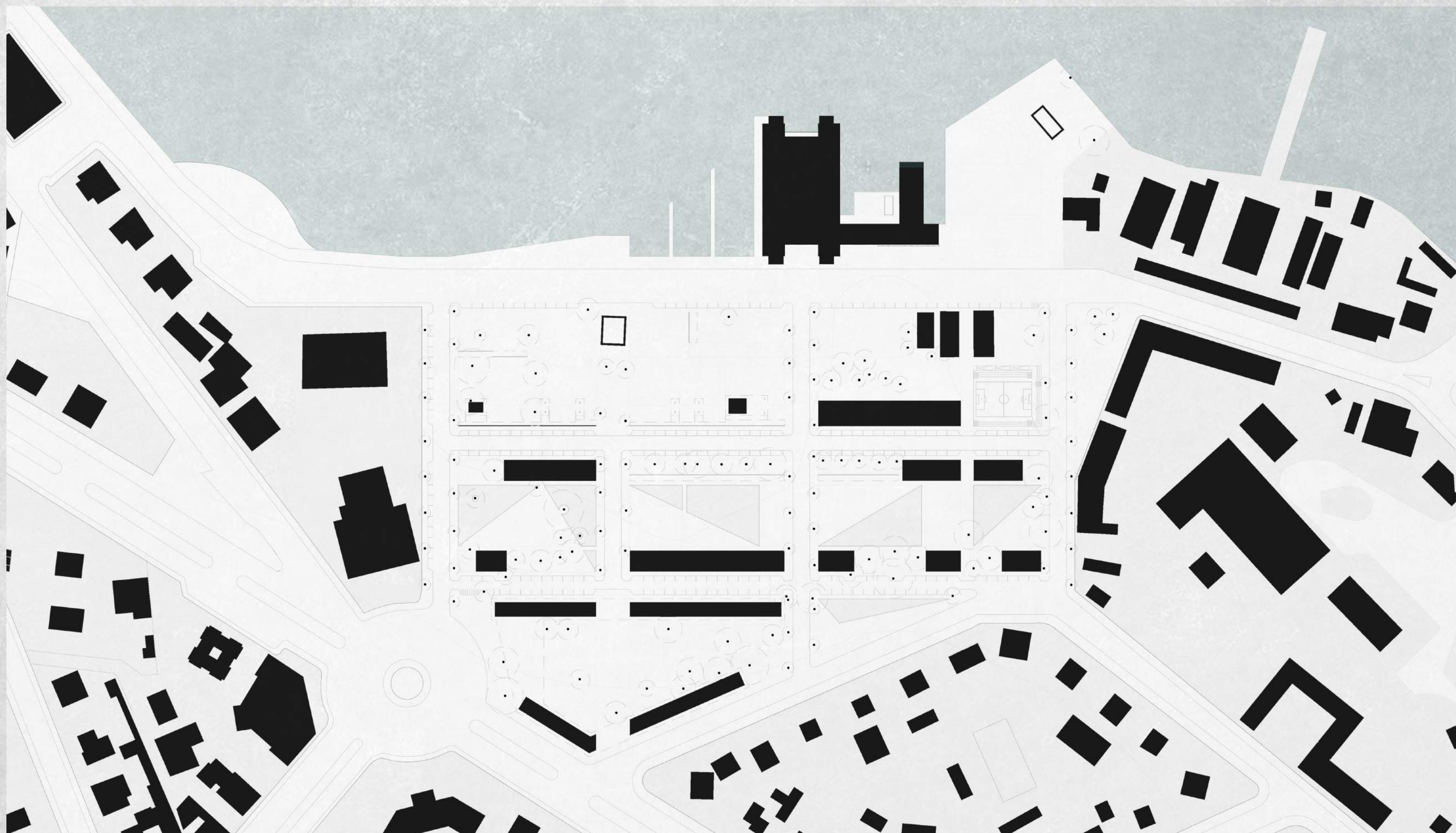
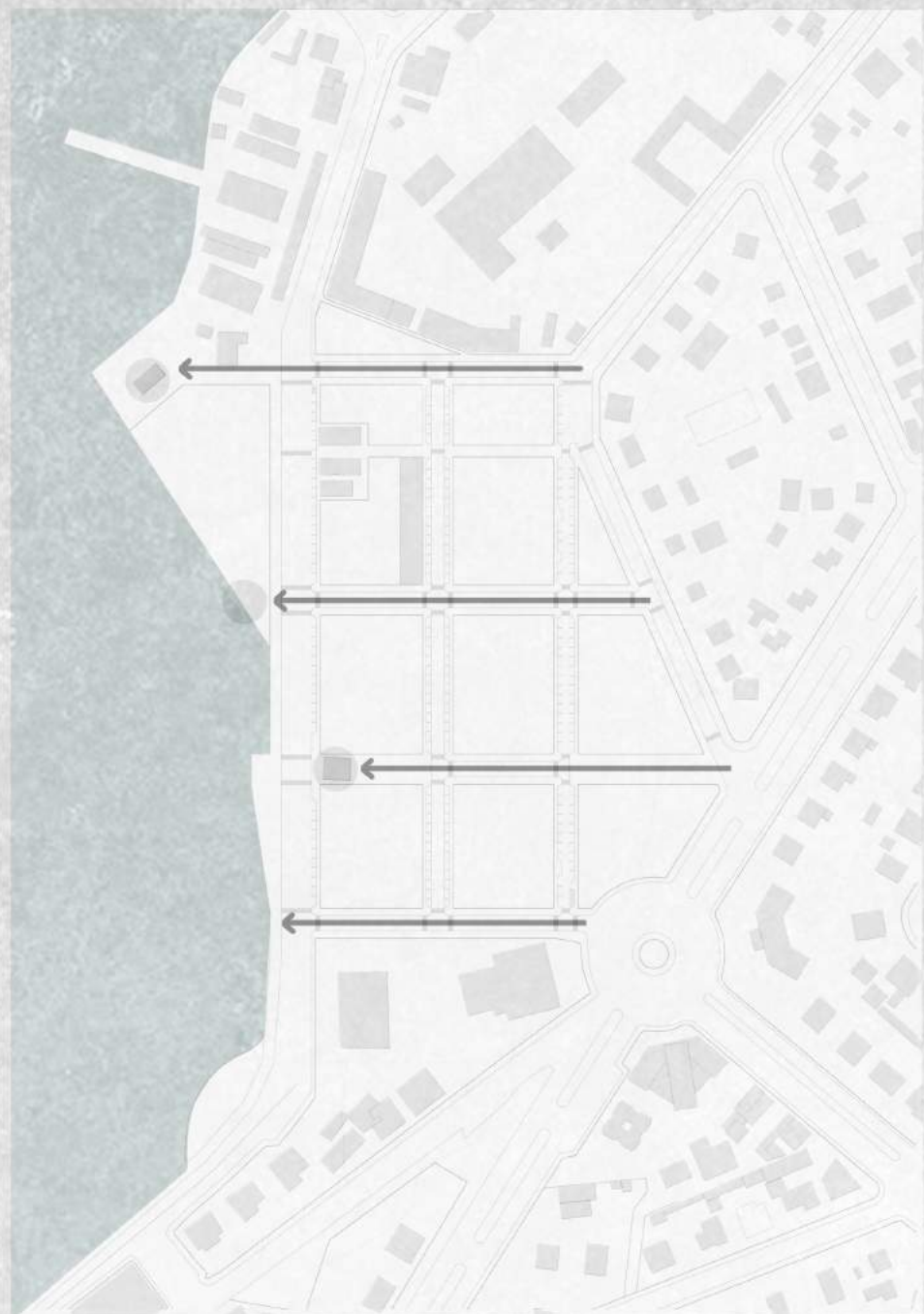


ESCALA 1:5000









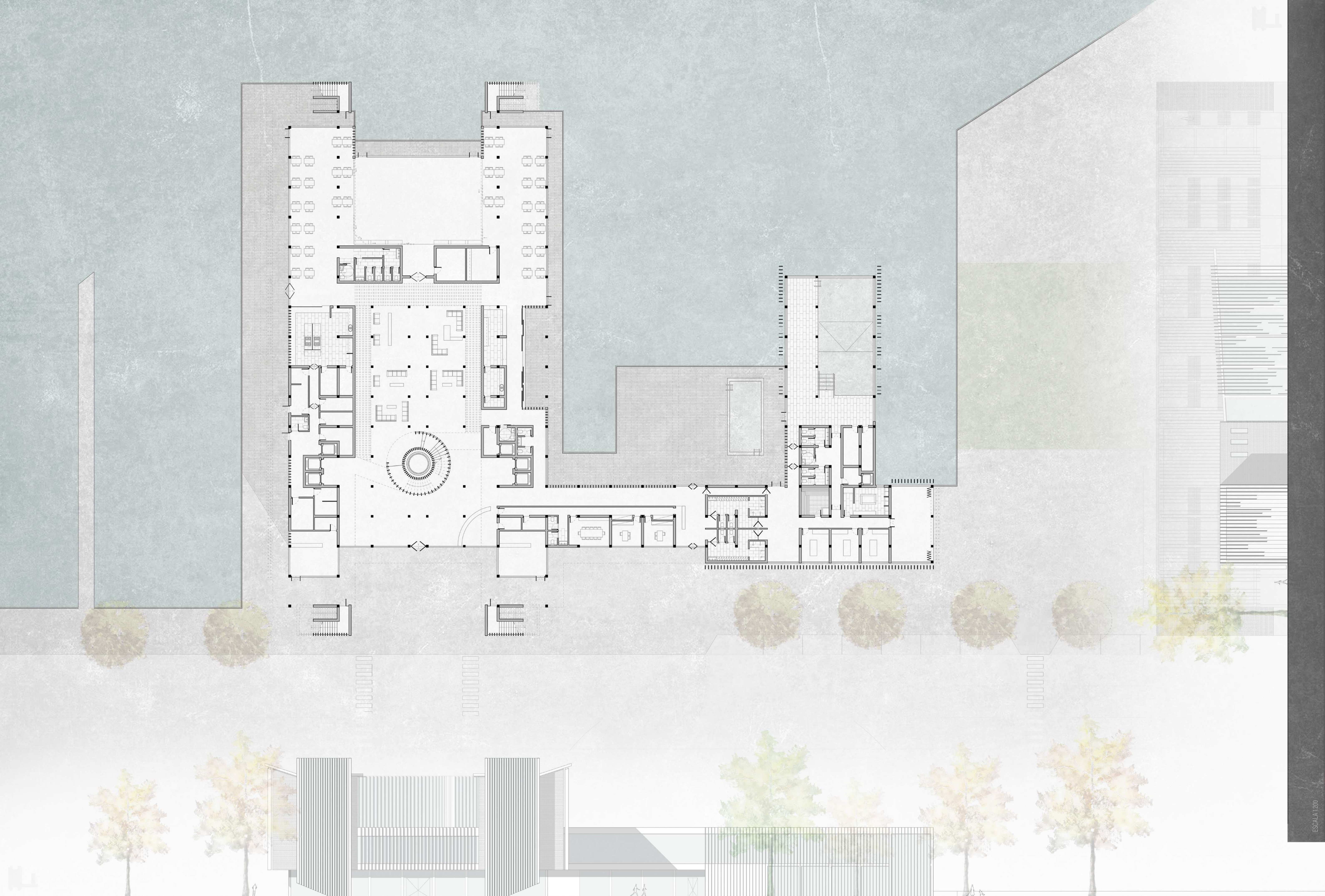
ESCALA 1:1500





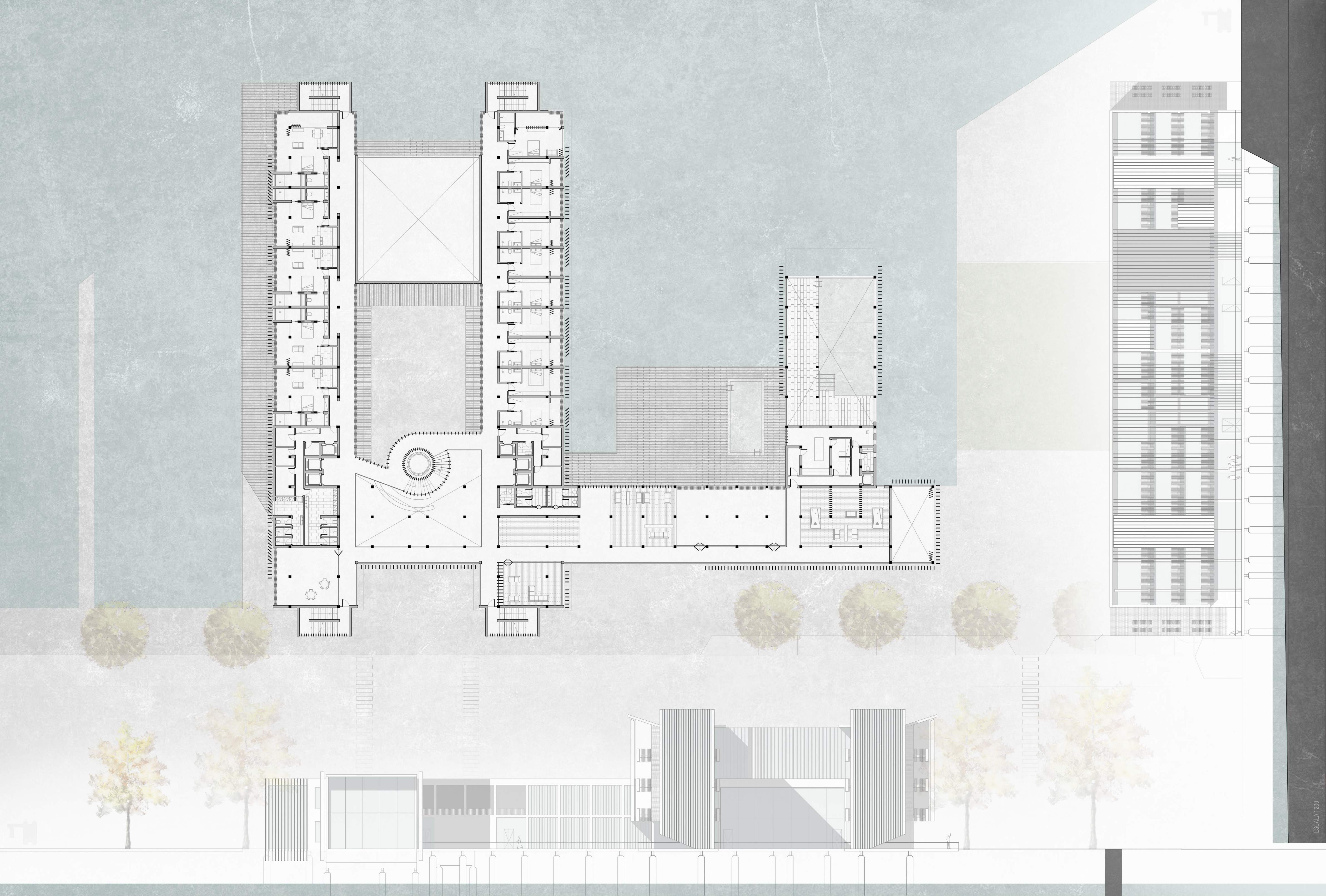
ESCALA 1:500





ESCALA 1:200





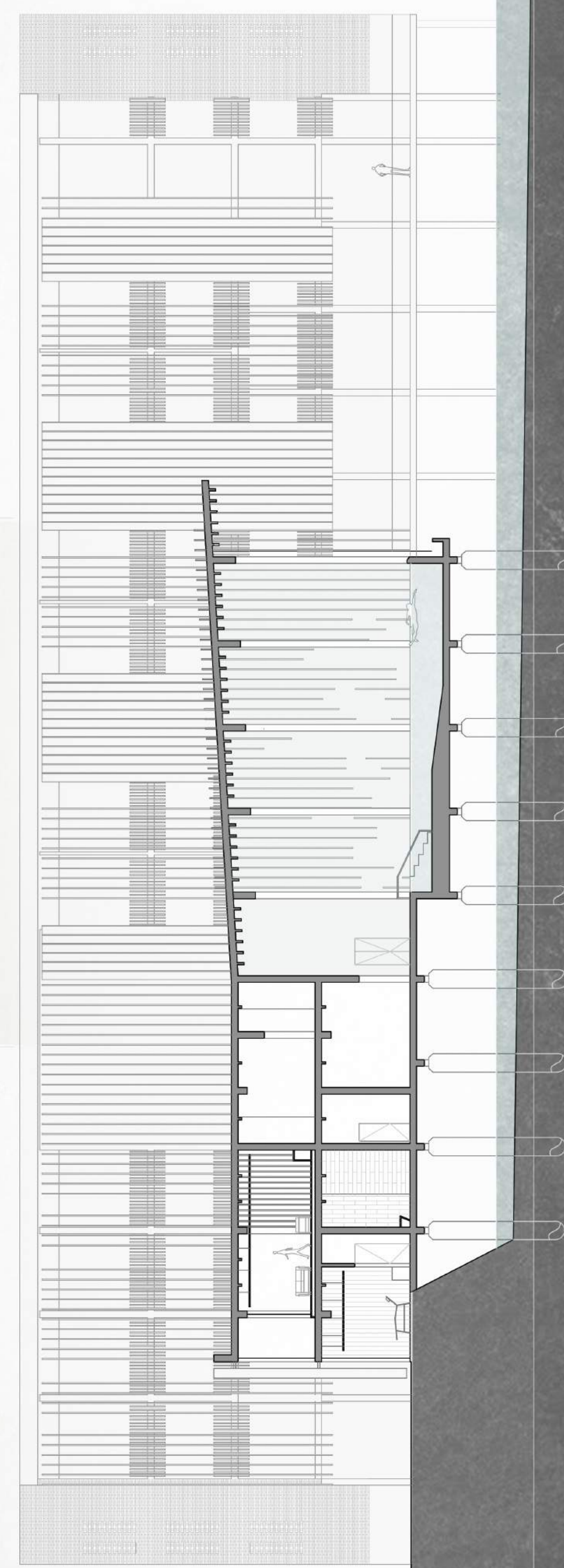
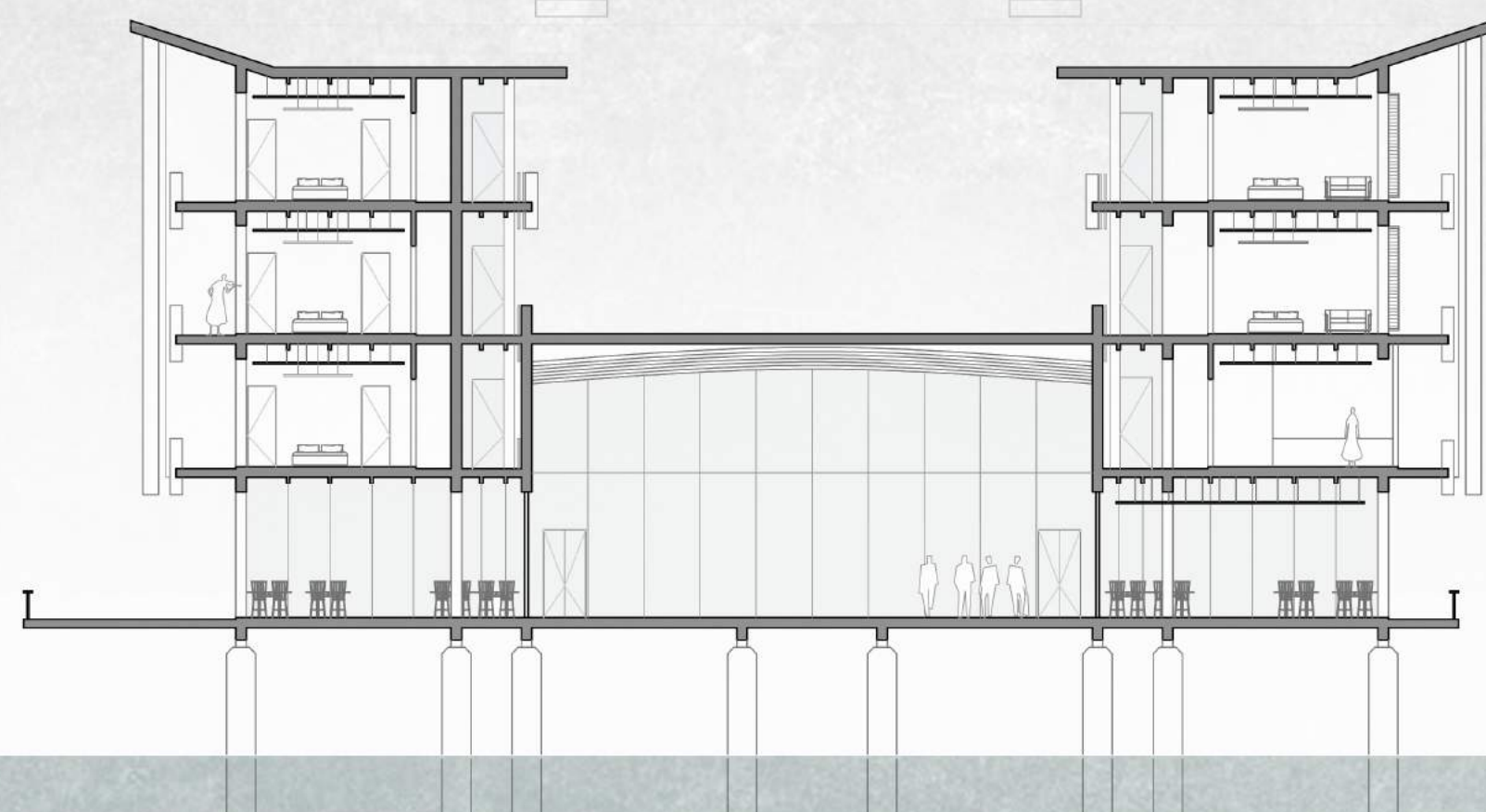
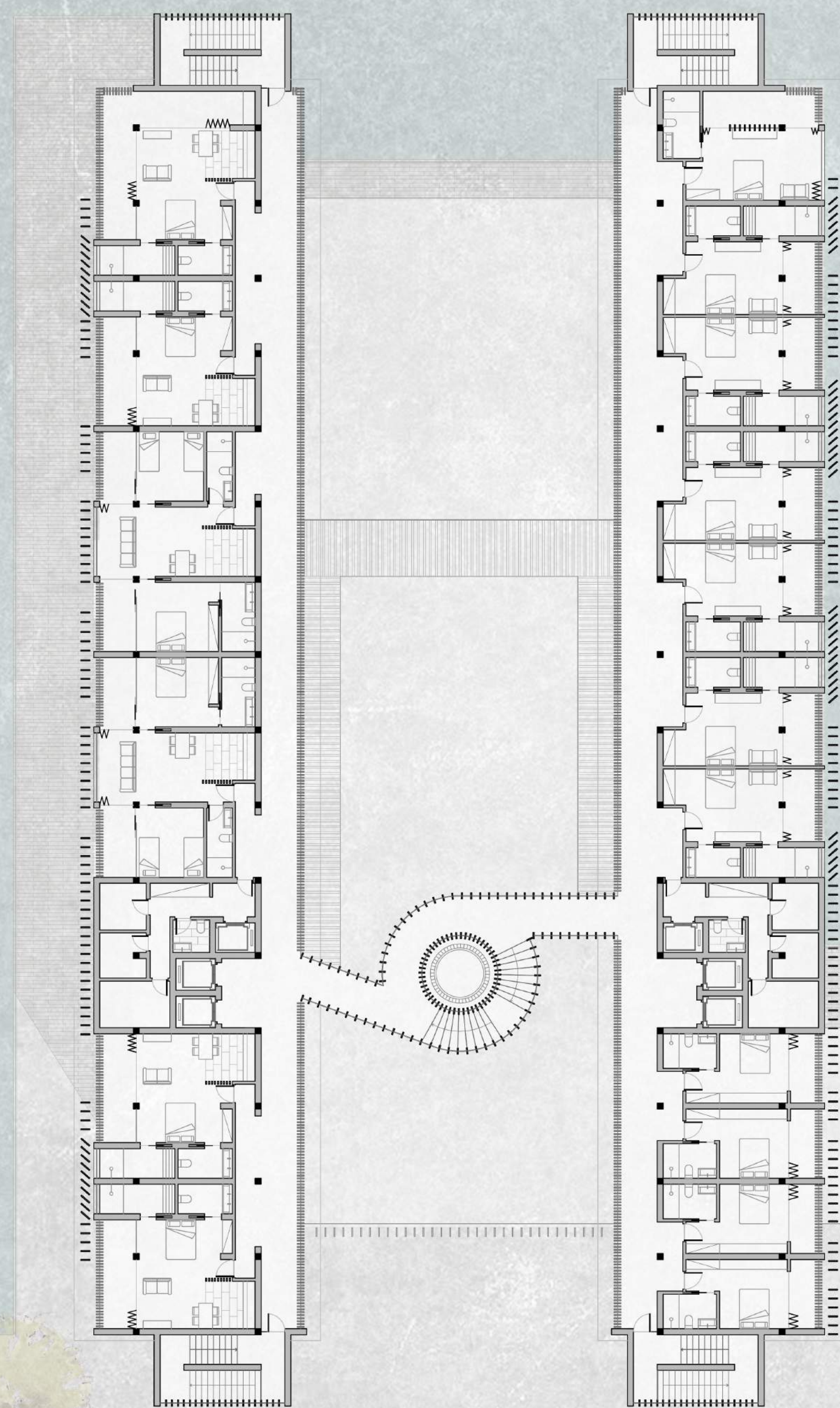
ESCALA 1:200





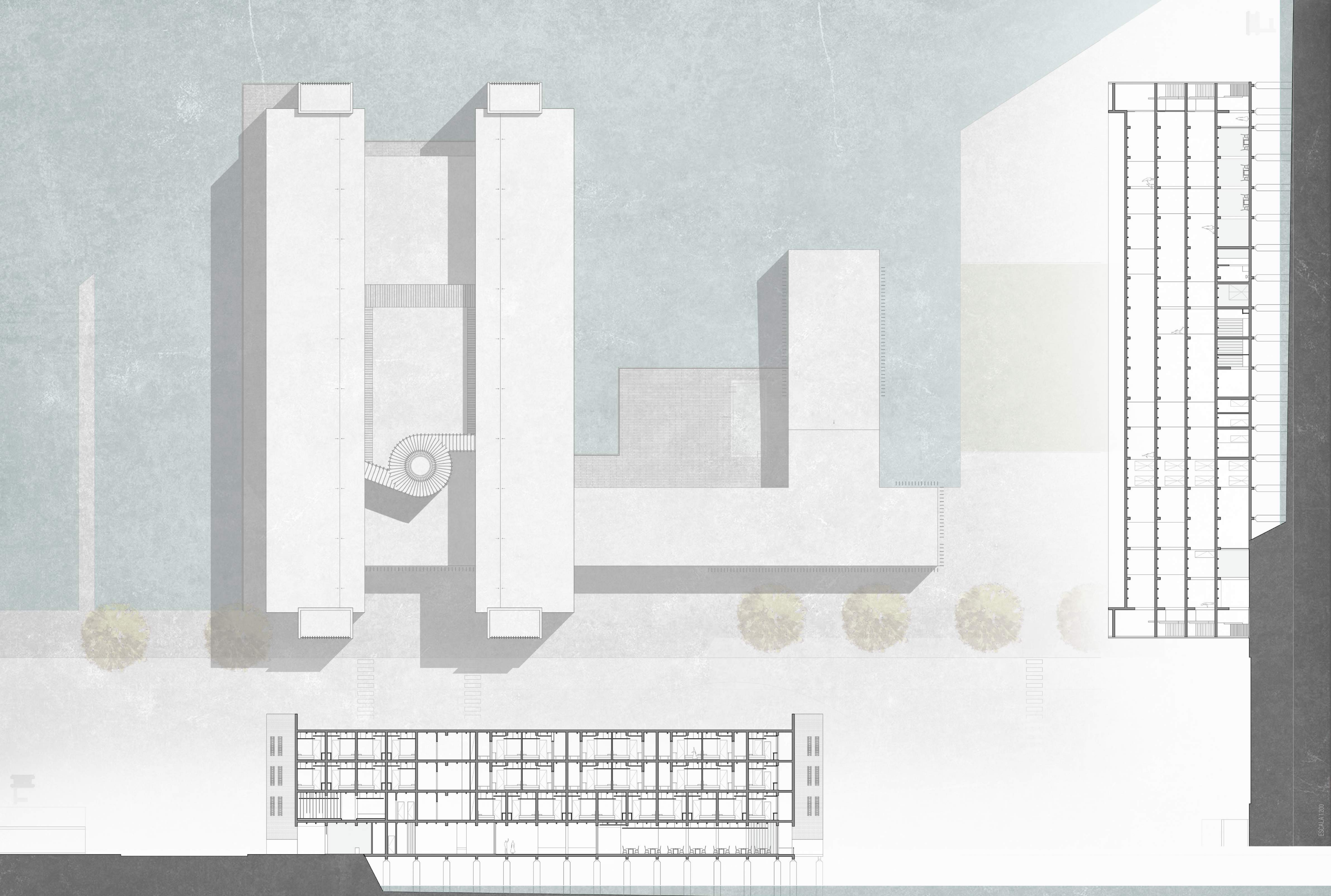
ESCALA 1:200





ESCALA 1:200





ESCALA 1:200



